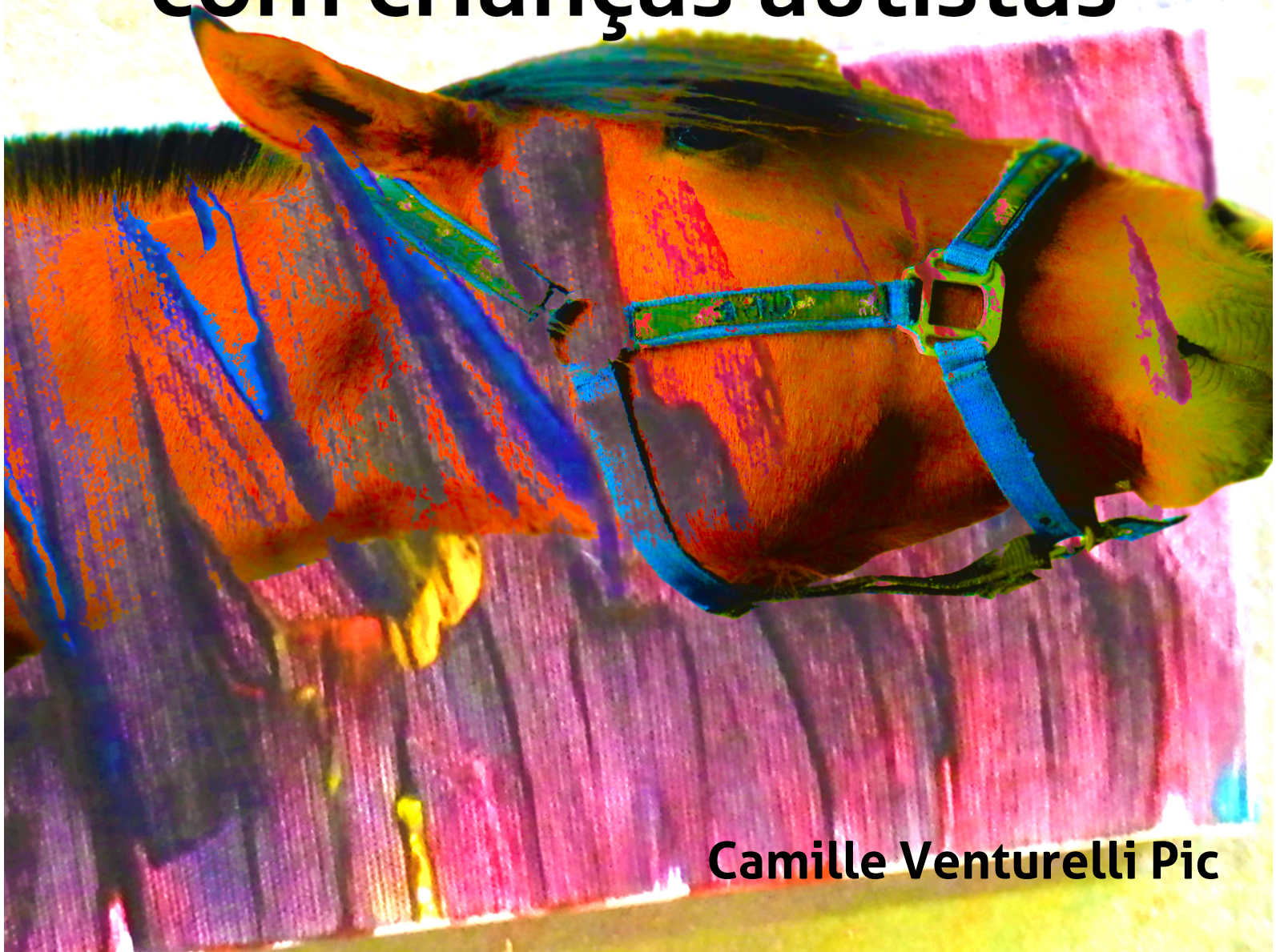


ARTE *Equiterapia:*

Confluências na educação
em artes visuais
com crianças autistas



Camille Venturelli Pic



UnB

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Arte

**Arte_Equoterapia:
Confluências na Educação em Artes Visuais com Crianças Autistas**

Camille Venturelli Pic

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes Visuais da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação em Artes Visuais, na linha de pesquisa Educação em Artes Visuais.

Orientadora:

Profa. Dra. Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Brasília
Fevereiro de 2019



Universidade de Brasília



INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTE

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ARTE APRESENTADA AOS
PROFESSORES:**

Professor (a) Dr. (a).Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa(VIS/UnB)
ORIENTADOR (A)

Professor (a) Dr. (a). Maria Del Rosário Tatiana Fernandez (VIS/UnB)
MEMBRO INTERNO

Professor (a) Dr. (a). Fátima Lucília Vidal Rodrigues (FE/UNB)
MEMBRO EXTERNO

Vista e permitida a impressão
Brasília-DF, **quarta-feira, fevereiro 27, 2019**

Coordenação de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais do
Instituto de Artes / UnB.

Dedico este trabalho à minha filha, Cora.

Agradecimentos

Aos cavalos, que sempre me levaram aonde eu precisa ir.

À minha mãe, que sempre me apoiou, me incentivou e me inspirou.

À minha querida orientadora, Professora Dra. Thérèse Hofmann, pela credibilidade, pela parceria e pelo apoio.

A toda a equipe da Associação Nacional de Equoterapia que me receberam de braços abertos, acreditou nesta pesquisa e me orientou com seus grandes professores.

A todas as famílias dos praticantes que aceitaram participar desta investigação. Pois, sem vocês, nada poderia ter sido feito.

Aos sete praticantes, pela convivência, pelos sorrisos, pelos abraços, pelos momentos de montar, de estar, de criar, de ouvir e de olhar. Com vocês, eu aprendi.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa, que tornou possível a produção desta dissertação.

Ao programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e a todos os colegas, pela construção do conhecimento.

A todos os amigos e as amigas que estiveram ao meu lado durante este processo. Principalmente à minha amiga Valéria e à Tia Rosalina, que me auxiliaram na confecção de um dos objetos de aprendizagem.

Resumo:

A atual pesquisa pertence à linha de pesquisa em Educação em Artes Visuais, do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais/IdA/UnB. A proposta prática e teórica deste trabalho se insere nas análises e avaliações oriundas da interface entre Educação em Artes Visuais e equoterapia e na Política Nacional de Educação Especial. Nesse sentido, considerando aproximações e distanciamentos entre educação em artes visuais e equoterapia, o objetivo geral da pesquisa tem como finalidade estudar e investigar as contribuições da **Arte_equoterapia**, para a educação especial e inclusiva, no direito das pessoas com deficiências, de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. As referências teóricas percorreram as principais fontes sobre metodologia de pesquisa de campo e de pesquisa teórica a/r/t/ográfica, assim como perpassaram por referências bibliográficas de estudos que descrevem os processos, os métodos, as técnicas e as tecnologias de materiais inseridas no processo criativo, cujas propostas visavam por meio da Arte contribuir para o bem-estar emocional de crianças autistas. A dissertação foi estruturada em quatro seções, a saber: **1. Educação especial/inclusiva e as Artes Visuais; 2. Materiais arte/educativos e Objetos de Aprendizagem, no contexto da pesquisa em Arte_equoterapia; 3. Aplicação da pesquisa prática (grupo 1 arte e equoterapia) e 4. Aplicação da pesquisa prática (Grupo 2- equoterapia)**. Buscou-se também responder algumas questões, que pretenderam esclarecer como as Artes Visuais e a Equoterapia, com abordagem transdisciplinar, podem ser meios que auxiliam o simbólico, a autoexpressão e como elas (as Artes Visuais e a equoterapia) podem auxiliar na redução dos prejuízos que o autismo carrega na comunicação, no comportamento e na interação social das crianças envolvidas na pesquisa. Esta pesquisa foi autorizada pelo comitê de ética de pesquisa com seres humanos da faculdade de ciências da saúde da Universidade de Brasília.

Palavras-chave: arte_equoterapia, equoterapia, educação em artes visuais, transtorno de espectro autista, cavalo, objeto de aprendizagem, materiais em artes

Abstract

The research belongs to the line of research in Education in Visual Arts, the Post-Graduate Program in Visual Arts, Department of Visual Arts / IdA / UnB. The practical and theoretical proposal is inserted in the analyzes and evaluations from the interface between education in visual arts and equine therapy and in the National Policy of Special Education. In this sense, considering the approximations and distances between education in visual arts and equine therapy, the general objective of the research was to study and investigate the contributions of Art_equine therapy, for the special and inclusive education in the right of people with disabilities, of children with Disorder of the Autistic Spectrum. Theoretical references covered the main sources of methodology for field research and theoretical research a/r/t/ographic, as well as bibliographical references of studies describing the processes and methods, techniques and technologies of materials inserted in the creative process, whose proposals aimed through art to contribute to the emotional well-being of autistic children. The dissertation was structured in four sections, namely: 1. Special / inclusive education and the visual arts; 2. Art / educational materials and object of learning, in the context of research in Art_equine therapy; 3. Application of practical research (group 1 art and equine therapy) and 4. Application of practical research (group 2- equine therapy). Attached, bureaucratic documents used to carry out the research were made available. It was also sought to answer some questions, which sought to clarify how the visual arts and equine therapy, with a transdisciplinary approach, can be means that help the symbolic, self-expression and as possibilities (Visual Arts and Equine Therapy) to help reduce the damage of autism in communication, behavior and social interaction of the children involved in the research. This research was authorized by ethics committee of research with human beings of the faculty of health sciences of the University of Brasilia.

Keywords: art_equine therapy, visual arts education, autism spectrum disorder, horse, learning object, materials in the arts

Sumário

Introdução	13
Primeira Seção: A educação especial/inclusiva e as artes visuais	23
1.1 Educação Especial/Inclusiva: reconhecimento da arte da criança	28
1.2 O ensino-aprendizagem das artes visuais para pessoas especiais	29
O artista Stephen Wiltshire	32
1.3 O Transtorno do Espectro Autista	33
Segunda Seção: Materiais arte/educativos e objeto de aprendizagem	40
2.1 Elementos metodológicos das artes visuais na educação	40
2.2 Arte, autismo e equoterapia	42
2.3 Objetos de aprendizagem e autismo	47
2.3.1 Descrição de objetos de aprendizagem, aplicativos digitais para autistas	50
Book Creator.....	52
StoryCreator.....	53
Desenhe e Aprenda a Escrever.....	53
2.4 Atividades artísticas com objetos de aprendizagem e autismo	55
2.4.1 Objetos de aprendizagem da pesquisa	60
Pregadores de Encilhamento.....	61
Espectro do Corpo Colorido	62
Pé de Pano.....	64
2.5 Uma pesquisa qualitativa	66
2.6. Uma vida quase equina	69
2.6.1 O método da equoterapia	72
2.6.2 A Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL	77
2.6.3 Processo das entrevistas	79
Terceira Seção: Aplicação da pesquisa prática (Grupo 1 Arte e Equoterapia e Grupo 2 Equoterapia)	80
3.1 Rompendo fronteiras	81
3.2. Critérios de inclusão e exclusão dos praticantes	83
3.3 Análise das atividades de Arte_ equoterapia	85
3.3.1 Passar a limpo as atividades	87
3.4 Os praticantes e os grupos	89
3.5 Grupo 1 Arte e Equoterapia	91
3.5.1 O Praticante 1	91
3.5.2 O Praticante 2	103
3.5.3 O Praticante 5	110

3.5.4 O Praticante 7	120
Quarta Seção: Aplicação da pesquisa prática (Grupo 2- Equoterapia).....	129
4.1 O Praticante 3.....	129
4.2 O Praticante 4.....	137
4.3 O Praticante 6.....	146
Conclusão	156
Referências	161
Anexos	172

Lista de figuras

Figura 1-Equine and Art Therapy	43
Figura 2 - Página inicial do site do Equestrian Connection.....	46
Figura 3 - Programa Terapia Artística de Conexão Equestre – Informações antes da última atualização do site em 2017	47
Figura 4 - Sketch-Up.....	51
Figura 5 - Quadro de atividades: um dos objetos desenvolvidos. FONTE: http://www.faperj.br/?id=2476.2.2 Acesso: 20 de dez de 2017.....	59
Figura 6 - Pregadores de Encilhamento como objeto de aprendizagem desenvolvido para essa pesquisa. Fonte: Arquivo Pessoal.....	62
Figura 7 - Espectro do Corpo Colorido. Objeto de aprendizagem tecnológico artístico (OATA) desenvolvido para esta pesquisa. Fonte: Arquivo Pessoal.	63
Figura 8 - Pé de Pano com os velcros e aplicações. Objeto de aprendizagem Poético desenvolvido para esta pesquisa. Fonte: Arquivo pessoal.	65
Figura 9 -Pé de Pano. Fonte: Arquivo pessoal.....	65
Figura 10 - Vida quase equina	71
Figura 11 - Praticante de Equoterapia participante da pesquisa em montaria invertida nas dependências da ANDE-BRASIL. Fonte: Arquivo pessoal.	75
Figura 12 - O praticante 1 realizando a atividade 102. Pintura em "tela viva". Fonte: Arquivo Pessoal.	102
Figura 13 - O praticante 1 realizando a atividade 101. Pintura em tela sobre o cavalo. Fonte: Arquivo Pessoal.	103
Figura 14 - Praticante 2 realizando um desenho no app book creator instalado em tablet. Momento da atividade 103 - objeto de aprendizagem tecnológico artístico. Fonte: Arquivo pessoal.	110
Figura 15 - Praticante 5 realizando atividade com argila e água durante a sessão de Equoterapia. Momento da atividade 97. Fonte: Arquivo pessoal.	119
Figura 16 - Praticante 5 realizando atividade com o objeto de aprendizagem "pregadores de encilhamento". Momento da atividade 109. Fonte: Arquivo pessoal.	119
Figura 17 - Praticante 7 realizando a atividade de pintar móbile de isopor 2D em forma de cavalo. Momento da atividade de número 106. Fonte: Arquivo pessoal.....	127
Figura 18 - Praticante 7 desenhando em papel montado a cavalo a partir de formas geométricas. Momento da atividade 91. Fonte: Arquivo pessoal.	128
Figura 19 - Praticante 3 durante a atividade de número 27. Higienizar o cavalo do solo. Fonte: Arquivo pessoal.	136
Figura 20 - Praticante 3 na atividade 53. Abraçar o pescoço do cavalo. Fonte: Arquivo pessoal.....	137
Figura 21 - Praticante 2 em atividade de montaria invertida e colocando os pés na garupa do cavalo. Atividades representada de número 20 e 23. Fonte: Arquivo pessoal. .	145
Figura 22 - Praticante 4 em atividade de alimentar o cavalo do solo. Atividade de número 29. Fonte: Arquivo pessoal.	145
Figura 23 - Praticante 6 treinando para competição de hipismo adaptado. Atividade 37 representada no instante da captura da imagem. Fonte: Arquivo pessoal.	154

Lista de tabelas

Tabela 1-Os praticantes e a quantidade de sessões realizadas do Grupo 1. Arte e Equoterapia	91
Tabela 2 - Os praticantes e a quantidade de sessões realizadas do Grupo 2. Equoterapia	91
Tabela 3- Escala ATEC de autismo	96
Tabela 4 - Primeiro ATEC do praticante 1	97
Tabela 5- Segundo ATEC do praticante 1	97
Tabela 6 - Tabela de atividades do praticante 1 do Grupo Arte e Equoterapia	98
Tabela 7 - ATEC Praticante 2	106
Tabela 8 - Tabela de atividades realizadas do praticante 2 do Grupo 1. Arte e Equoterapia	107
Tabela 9 – Primeiro ATEC do Praticante 5	114
Tabela 10 – Segundo do ATEC Praticante 5	114
Tabela 11 - Tabela de atividades realizadas pelo praticante 5 do grupo 1. Arte e equoterapia.....	115
Tabela 12 - Primeiro ATEC do praticante 7	123
Tabela 13 - Segundo ATEC do praticante 7	123
Tabela 14 - Atividades realizadas pelo Praticante 7	124
Tabela 15 - Primeiro ATEC do Praticante 3	132
Tabela 16 - Segunda avaliação ATEC Praticante 3	132
Tabela 17 - Tabela de realizações do Praticante 3	133
Tabela 18 - Primeiro ATEC do Praticante 4	140
Tabela 21 - O primeiro ATEC do praticante 6	149
Tabela 22 - Segundo ATEC do praticante 6	150
Tabela 23 - Tabelas de atividades do praticante 6	151

Lista de abreviatura e siglas

ANDE-BRASIL	Associação Nacional de Equoterapia
APAE	Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais
ASTECA	Associação Terapêutica e Educacional para crianças Autistas
ABRACI/DF	Associação Brasileira de Autismo, Comportamento e Intervenção
AMA/DF	Associação dos Amigos dos Autistas do Distrito Federal
ARI	Autism Research Institute
CARS	Childhood Autism Rating Scale
CENESP	Centro Nacional de Educação Especial
CID – 10	Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde
CAA	Comunicação Aumentativa e Alternativa
DSM- V	5º Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBC	Instituto Benjamin Constant
MEC	Ministério da Educação
MOAB	Movimento Orgulho Autista
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PNE	Plano Nacional de Educação
P1	Praticante 1
P2	Praticante 2
P3	Praticante 3
P4	Praticante 4
P5	Praticante 5
P6	Praticante 6
P7	Praticante 7
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TGD	Transtorno Global do Desenvolvimento
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

Introdução

Desde criança, os Cavalos¹ me fascinam, participam da minha vida e da minha educação por meio da família, da arte, da literatura, do cinema e do esporte. Aos 7 anos de idade, em Brasília, comecei a ter aulas de equitação e posteriormente busquei especialização profissional relacionada ao estudo equestre.

A dedicação provocou acidentes como fraturas, que não me desestimularam. Simultaneamente, fui influenciada tanto por minha mãe, que é artista e professora pesquisadora de arte, quanto pelo universo da imaginação e da criatividade. Nesse sentido, minha pesquisa é composta por um mundo que envolve a cultura e a natureza.

Durante a graduação em comunicação social Publicidade e Propaganda, considerei importante ir além das propostas do curso e me aventurar nas experiências de trabalho de pesquisa sobre diferentes materiais artísticos. Encontrei no estágio que realizei no Laboratório de Materiais Expressivos e Papel Artesanal da Universidade de Brasília, coordenado pela professora e minha orientadora Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa, um enorme potencial para o ensino da arte e da criação artística.

Ao mesmo tempo, trabalhava em um rancho com criação de várias raças de cavalos. Unindo todas essas experiências e informações, realizei o trabalho de conclusão de curso intitulado *Os Cavalos Clydesdale em comerciais de TV: entre o humor e a poesia*.

Posteriormente, fui contratada para trabalhar na Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP - no Instituto Cavalo Solidário e no Centro Hípico Alterosa, localizados na área rural da cidade de Ceilândia – Distrito Federal. Meu trabalho compreendia duas funções: divulgar a OSCIP, criando peças publicitárias para a organização, e ministrar aulas de equitação, na escolinha de equitação. A Equoterapia ainda era um mistério na época, mas

¹ De acordo com André Galvão de Campos Cintra (2010), o Equus Caballus, o atual cavalo doméstico que é diferenciado em várias raças, é o animal mais utilizado pelo ser humano, no passar de nossa história para muitos fins, como: o de transporte, combate em guerras, alimentação, criação e terapias.

foi nesse local que ocorreu a minha primeira vivência direta com esse método e com as pessoas deficientes, que faziam a terapia. Após algum tempo, realizando minhas atividades, para as quais era encarregada, assim como, observando os atendimentos da Equoterapia, fiquei interessada em participar mais ativamente do processo, entretanto, em uma outra função.

Muitas vezes, participei guiando cavalos dos atendimentos de Equoterapia do Instituto Cavalo Solidário e, assim, fui aprendendo com os professores/mediadores da Secretaria de Educação, alguns métodos. Pude também presenciar crianças e adultos, com diversificadas deficiências, montando a cavalo, apenas uma vez por semana e durante 30 minutos, apresentando melhoras na saúde em pouco tempo. Constatei, durante as sessões de Equoterapia, que os mediadores recorriam aos materiais pedagógicos, afirmando que esses materiais poderiam auxiliar no processo educativo e na comunicação dos professores com as crianças.

Realizei, nesse período, o curso básico de Equoterapia na Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL-, por tratar-se de uma especialização que os profissionais de nível superior devem ter para poder trabalhar com o método da Equoterapia. Após o curso, iniciei o atendimento particular de crianças matriculadas no Centro Hípico Alterosa, com algum tipo de necessidade especial, deficiência ou que apenas procuravam equitação lúdica para crianças. Nesses atendimentos, vislumbrei a possibilidade da utilização de materiais arte/educativos e/ou objetos de aprendizagem como apoio e como fonte de pesquisa no processo da Equoterapia, ainda pouco estudado, no contexto da Educação em Arte Visuais. Para prosseguir com a ideia, primeiramente, participei como aluna especial das disciplinas: Tópicos Especiais em Educação em Artes Visuais 2 e Metodologias de Pesquisa em Artes Visuais. Somando todas as novas experiências, os novos pensamentos, os novos autores, e bastante impressionada e motivada, propus unir os dois campos: Educação em Artes Visuais e Equoterapia.

Consequentemente, os estudos trouxeram subsídios para estabelecer a estrutura básica dos elementos artísticos e educativos, tais como a utilização de

recursos artísticos e de objetos de aprendizagem na pesquisa prática; recorrendo a metodologias da Educação em Artes Visuais e da Equoterapia com crianças autistas.

A presente pesquisa envolve áreas de conhecimento que podem parecer incompatíveis. Mas existem profissionais de Equoterapia², que encontraram interessantes caminhos convergentes e que proporcionam, aos praticantes, a união com a Arte. Em alguns casos investigados, como o do centro de Equoterapia Australiano *Wedgetail*³, o programa “Equino-Arte-Terapia” compreende as junções de elementos oriundos das aproximações simultâneas de arteterapia e de equoterapia. Os autores afirmam que o programa traz resultados surpreendentes nos aspectos físicos, cognitivos e emocionais, mudando a vida das pessoas. Para eles, o cavalo é um potente meio para que se faça inclusive, autorreflexão para examinar as próprias ideias e os próprios sentimentos.

Aqui no Brasil, pouco encontrei sobre pesquisas que estão sendo desenvolvidas nesse viés. Mesmo assim, meu interesse foi instigado pelo tema. Formulei, então a seguinte questão: como o ensino das artes visuais, no contexto da Educação em Artes Visuais em conjunto com a Equoterapia, pode contribuir para a educação especial⁴?

Vislumbrei que um dos caminhos possíveis poderia ser trabalhar metodologias oriundas das Artes Visuais, que pudessem ser aplicadas em conjunto com a Equoterapia, como as encontradas na produção de materiais em artes e nas suas utilizações criativas com estudantes do ensino médio e fundamental; com necessidades educacionais especiais. Ou seja, difere-se de um processo de Arteterapia, pois, pensei em tratar a ideia do ponto de vista dos elementos das artes visuais no ensino-aprendizagem da arte com crianças.

² Método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais. Fonte: http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022. Último acesso em 08 de março de 2019.

³ Programa de Arte Terapia Equina do Wedgetail. <https://wedgetailrides.com.au/heal/equine-art-therapy/> Último acesso em 19 de dezembro de 2018.

⁴ A Educação Especial é uma modalidade da educação escolar e organiza-se segundo As diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (2001).

As referências que procurei trazer para a pesquisa percorreram fontes de união entre a metodologia do trabalho de campo com a pesquisa teórica, que por sua vez, compreende as referências sobre a educação especial, o autismo, a Educação em Artes Visuais e a Equoterapia. Na estrutura da pesquisa, no contexto metodológico, decidi pela *a/r/t/ográfica* que, segundo Belidson Dias e Rita Irwin (2013), contém os fundamentos para integrar as formas de pensar do artista, do pesquisador e do professor; transitando entre áreas de estudo e entre a teoria, a prática e a poética na arte/educação, em um processo transversal com outras áreas de estudos.

Pessoalmente, entendi essa metodologia como uma possibilidade ampliada, no sentido de contribuir para com o bem-estar físico, mental, emocional dos praticantes e, também, para o meu autoconhecimento, como arte/educadora e equoterapeuta.

Nesse quesito, destaco a importância do pensamento contido na proposta da *a/r/t/ografia*, com suas abordagens teóricas e práticas contemporâneas sobre as possibilidades da Arte no processo de ensino-aprendizagem, que incluem as dinâmicas artísticas atuais, não conservadoras, como: performances, vídeos e outras formas literárias em vários meios tecnológicos, que consideram o espectador também como parte da própria criação artística. Para os autores, a emergência de metodologias e pedagogias que buscam aproximação entre fazer artístico e fazer acadêmico envolvem novas formas de conhecimento e transpassam os atuais conflitos curriculares.

Além da *a/r/t/ografia*, considerando os estudos analisados, em conjunto com a orientação adequada, prossegui no sentido de um aprofundamento das metodologias, que implicam a Educação em Artes Visuais, mas, envolvendo outras áreas também. Nesse sentido, na confluência entre as diferentes áreas e disciplinas, considerei fundamental o conceito de transdisciplinaridade que, para Edgar Morin (1996), conecta a complexidade da atualidade, a ontologia, a epistemologia e a metodologia, trazendo consigo novas bases para a renovação filosófica e educacional ao priorizar as relações, as interações, as emergências,

as redes e seus processos auto-eco-organizadores, dialógicos, recursivos e emergentes.

É importante destacar aqui, que ao estudar os possíveis participantes da pesquisa, senti mais interesse nas crianças com o Transtorno do Espectro Autista – TEA. Isto ocorreu após conversas com a equipe da ANDE-BRASIL e ao lembrar de uma vivência pessoal de equoterapia, com uma praticante menina, que depois de praticar as sessões de Equoterapia, passou a fazer mais contato visual comigo, com a equipe e a ter mais confiança no cavalo. Percebi que de alguma maneira, poderia ocorrer uma verdadeira contribuição na medida em que as Artes Visuais e a equoterapia se aproximassem e que, essas áreas, poderiam agregar avanços para a educação especial no Brasil; no contexto da diversidade das pessoas com o diagnóstico de autismo.

A convergência entre Educação em Artes Visuais e Equoterapia ainda é recente, e por essa razão, apresenta muito espaço para pesquisas que corroborem sobre a educação de estudantes com necessidades educacionais especiais da educação básica, contribuindo na educação especial e inclusiva e para os avanços no que concerne às leis e aos direitos das pessoas com deficiência. Para estudar mais profundamente esses avanços, busquei pesquisar como as diferentes áreas, os educadores e os componentes do currículo escolar efetivamente contribuem com a educação e a qualidade de vida de crianças e adolescentes. No transcorrer das pesquisas verifiquei que para colaborar com a educação e a saúde de pessoas com deficiências, centros de equoterapia apresentam propostas muito sérias, compreendendo a participação de vários profissionais de áreas diferentes, que complementam a educação dos estudantes, conforme dados da Associação Nacional de Equoterapia - ANDE-BRASIL⁵. Procurei estar em consonância com a ANDE-BRASIL⁶ (2016), para a qual a equoterapia é: “um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo

5 Segundo o site da Associação Nacional de Equoterapia - ANDE-Brasil existem no Distrito Federal, alguns centros de Equoterapia que complementam as atividades escolares e de auxílio à saúde. Mas, o número ainda é pequeno, apresentando um total de sete centros de equoterapia afiliados ou agregados. Disponível em: http://equoterapia.org.br/submit_forms/index/miid/148/a/us/sfid/3. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

6 Quem é a ANDE-Brasil. Disponível em: http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/142/2022. Acesso em 20 de novembro de 2015.

como principal agente para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas nas áreas da saúde, educação e equitação”. Os praticantes, como são denominadas as pessoas que praticam a equoterapia, têm, na maioria dos casos, deficiências ou necessidades especiais⁷.

A pesquisa partiu do pressuposto que no contexto da Educação em Artes Visuais nas escolas, o fazer e os processos de criação artísticos podem ser importantes para a educação de deficientes, pois, recorrem às expressões, sensibilidades e criações utilizando-se de uma ou mais linguagens artísticas e materiais, enquanto que a equoterapia⁸ pode contribuir para estudantes que buscam tratamento psicológico e em processos educacionais, ampliando também o espectro de participante. Assim, abrem-se novas possibilidades de tornar os meios veículos para a inclusão e melhoria de qualidade de vida, a partir do universo criativo físico e mental.

No que concerne aos materiais de arte, o livro *Materiais: Manual para manufatura e Prática em Artes* (2007), de Thérèse Gatti, Rosana Castro e Daniela Oliveira, possibilitou o encontro de caminhos, materiais e métodos, para avaliar a importância do uso de recursos materiais confeccionados em ateliers, por estudantes e sua possível adaptação no caso de crianças especiais. Buscando-se principalmente, o estudo adaptativo de materiais próximos à realidade cultural e regional das unidades de ensino, no processo de manufatura e utilização dos materiais, em artes tais como: papel, bastões, tintas e pincéis.

As outras bibliografias que subsidiam os aspectos teóricos, como o papel da Arte no contexto da educação especial nas escolas, por exemplo, foram também fundamentais, pois, destacam a produção artística, no âmbito das necessidades educacionais especiais, em um parâmetro social, formal ou cognitivo. Mesmo sendo raro o espaço no âmbito acadêmico, este está se ampliando e mostrando o seu valor nessa vertente pouco estudada dentro do

7 Foi recentemente sancionada a lei que regulamenta a prática da Equoterapia no Distrito Federal. Descrição completa da lei: <http://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?t=174780> Acesso em: 17 de janeiro de 2017.

8 Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) do Ministério da Educação, a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) e o Instituto Federal de Brasília (IFB) estabeleceram acordo e termo de cooperação em 2010.

ensino-aprendizagem das Artes Visuais. Para isso, saliento as pesquisas que são relatadas em estudos de casos e que contemplam o processo gráfico e as experiências artísticas de pessoas autistas. Os primeiros autores levantados para a base teórica que ajudaram nas reflexões sobre educação, educação especial e ensino da Arte são Paulo Freire (1982), que pensa a prática do educador; Fernando Hernández-Hernández (2000), para o qual por meio da Arte, do seu ensino, pode-se levantar questões sobre temas e ideias-chaves (como a mudança, a identidade, a representação de fenômenos sociais), ajudando a indagar como essas concepções afetam a cada um e a todos; Helena Reily (2007), que realiza pesquisa sobre a Arte, especialmente as artes visuais, no âmbito da deficiência; Arthur Efland (1990), que trata das Artes Visuais em relação aos desenvolvimentos na educação geral enfatizando os séculos XIX e XX e o contexto social que afetou nosso conceito de Arte hoje; Eugênio González (2007), sobre os atendimentos educacionais especiais na escola e; saliento, Lev Vygotsky (1997), que aponta para uma visão social da deficiência que passa a ser mais importante para o educador do que a própria patologia. Destaco ainda que o livro *Autism and Creativity: Is There a Link between Autism in Men and Exceptional Ability?*, de Michael Fitzgerald (2004), também trouxe informações muito valiosas sobre o Autismo, levando-me a um conhecimento mais aprofundado acerca desse mundo. Nessa leitura, percebi as dificuldades decorrentes das *superhabilidades* que uma pessoa com o autismo pode apresentar, por exemplo.

Finalmente, recorri à literatura oriunda da Equoterapia que apresenta os seus benefícios, demonstrando que o contato com o animal ajuda pessoas especiais na sua integração educacional, social e emocional. As pessoas, normalmente recorrem a Equoterapia oriundas de indicações médica, fisioterápicas ou de outra ordem, como a psicológica. Os livros *A psicologia do cavalo, Inteligência e Aptidões* de Hubert Lallery (1988) e *Equoterapia Teoria e Prática: experiências com crianças autistas* (1999), de Helóisa Freire (1999), são também algumas das fontes importantes para entender que a movimentação tridimensional do cavalo (para cima, para baixo para um lado e para o outro,

para frente e para trás) promove ao cérebro uma reestruturação celular, proporcionando que os neurônios estimulem o surgimento de sinapses e, conseqüentemente, todo o esquema corporal trabalhe. Para Hurtado, *apud* Tatiana Lermontov (2004), sobre o esquema corporal afirma que os mecanismos e processos dos níveis motores, tônicos, perceptivos, sensoriais e expressivos, são processos pelos quais o aspecto afetivo no ser humano está constantemente sendo investido.

Considerando todas as motivações citadas, as metodologias e as referências, o objetivo geral da pesquisa é estudar e investigar as contribuições da **Arte_ equoterapia**, para a educação especial e inclusiva, no direito das pessoas com deficiências, de crianças com o Transtorno do Espectro Autista. Os objetivos específicos são: estudar pesquisas de projetos no Brasil e no exterior desenvolvidas a partir de políticas públicas de educação especial de estudantes especiais nas escolas e em outros tipos de projetos; avaliar como a Arte em confluência com a Educação e a Equoterapia, pode ser um veículo para abordar o universo criativo, imaginativo e simbólico, possibilitando o desenvolvimento de potencialidades, bem como o conhecimento de si mesmo; propor atividades com materiais arte/educativos e Objetos de Aprendizagem que envolvam a Educação em Arte Visuais e a Equoterapia; auxiliar no desenvolvimento da educação, saúde e bem-estar dos estudantes que foram participantes da pesquisa, considerando para tanto o esforço da escola e da família.

Nesse viés, espero que a pesquisa contribua com a linha de pesquisa em Educação em Artes Visuais, do Programa de Pós-Graduação em Arte, a partir de análises e avaliações oriundas da interface entre Educação em Artes Visuais e Equoterapia na Política Nacional de Educação Especial, com perspectiva de Educação Especial, pela confluência entre Arte e Educação, suas aproximações e distanciamentos dentro do recorte e limitação desta pesquisa.

A dissertação foi estruturada em quatro seções, nas quais apresento os principais itens do desenvolvimento de uma prática, cuja teoria se organizou e foi fundamentada no dia-dia do trabalho de campo.

A primeira seção, intitulada **Educação especial/inclusiva e as Artes Visuais**, apresenta algumas referências teóricas que recorri para fundamentar o desenvolvimento da pesquisa, assim como expõe informações sobre a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva⁹ informações. Destacando-se, também, aspectos da cultura e educação local do Distrito Federal, relacionados à questão da criança especial e à pesquisa em Artes Visuais, no contexto da educação especial.

Na segunda seção, **Materiais arte/educativos e Objeto de Aprendizagem no contexto da pesquisa em Arte_ equoterapia**, apresento diferentes metodologias de educação especial, visando o uso da arte, assim como reflito sobre quais materiais arte/educativos e objetos de aprendizagem podem ser utilizados com os praticantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) Além disso, apresento o diagnóstico das crianças e, último, traço algumas informações sobre o cavalo, incluindo a sua importância na minha vida; discorrendo, brevemente, sobre a história da sua utilização no desenvolvimento dos seres humanos e para fins terapêuticos.

Na terceira seção: **Aplicação da pesquisa prática (grupo 1 Arte e Equoterapia)**, apresento o processo de escolha das metodologias e dos materiais de arte, assim como demonstro através de tabelas e imagens as atividades nos atendimentos práticos e detalhes importantes dos casos das crianças. Apresento os resultados finais relativos ao Grupo 1 – Arte e equoterapia.

Na quarta seção: **Aplicação da pesquisa prática (grupo 2 - Equoterapia)**, discorro sobre o processo de escolha das metodologias e atividades da Equoterapia, baseada na minha experiência como arte/educadora e equoterapeuta. Além disso, demonstro em tabelas e imagens, as atividades de Equoterapia e detalhes importantes dos casos das crianças. Apresento, então, os resultados finais relativos ao Grupo 2 – Equoterapia.

⁹ Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 12 out 2015.

Por fim, ressalto que esta pesquisa foi autorizada pelo comitê de ética em pesquisa com seres humanos da faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília, cujo processo está detalhado em anexo; junto a outros documentos importantes para a realização desta pesquisa.

Primeira Seção: A Educação especial/inclusiva e as Artes Visuais

Esta seção relata as principais referências teóricas que recorri para fundamentar o desenvolvimento da pesquisa, assim como busca apresentar alguns elementos da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva¹⁰ para o ensino básico. Segundo Teresa Cristina Siqueira Cerqueira e Irene Ferreira Coelho (2014), essa política nacional, se estabelece no Brasil a partir da década de 1990, com a proposta de acolher e de valorizar, na educação, a diversidade e as diferenças entre as pessoas. As principais referências destacadas pelas autoras são: a Declaração de Salamanca (1994); a Convenção Interamericana para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (2006) e; a Declaração Mundial sobre Educação para Todos (2009).

No documento da Política Nacional, a perspectiva da educação inclusiva tem como objetivo:

“assegurar a inclusão escolar de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, orientando os sistemas de ensino para garantir: acesso ao ensino regular, com participação, aprendizagem e continuidade nos níveis mais elevados do ensino; transversalidade da modalidade de educação especial desde a educação infantil até a educação superior; oferta do atendimento educacional especializado; formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão; participação da família e da comunidade; acessibilidade arquitetônica, nos transportes, nos mobiliários, nas comunicações e informação; e articulação intersetorial na implementação das políticas públicas”. (Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília, 2008)

Ainda no documento, é ressaltado que para o Ministério da Educação (MEC), as crianças deficientes são todas aquelas que têm “impedimento de

10 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 12 outubro de 2015.

longo prazo” mentais, físicos, sensoriais e intelectuais, que podem interferir nas suas maneiras de viver em sociedade e em suas atividades escolares.

Para o MEC, o autismo está classificado em um grupo chamado de **transtorno global do desenvolvimento – TGD** - que envolve, também, síndromes do espectro do autismo e psicose infantil: as crianças no contexto escolar que apresentarem “alterações qualitativas das interações sociais recíprocas e na comunicação, um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo” poderão ser considerados alunos com TGD. O documento ainda ressalta os possíveis grupos de alunos com outras características que podem ser classificadas como altas habilidades/superdotação (grandes potencialidades em uma ou mais áreas, como por exemplo Artes), e as de Transtornos Funcionais Específicos (TDAH, dislexia, disgrafia, entre outros). Os grupos não devem ser vistos como permanentes, em relação ao desenvolvimento escolar do aluno com deficiência, já que o ideal é que se pense em inclusão, de acordo com o Plano Nacional de Educação. Destacam-se, também, aspectos da cultura e da educação local, quando relacionados com a questão da criança especial e a relação da pesquisa com as Artes Visuais no contexto da educação especial.

De acordo com a plataforma Observatório do Plano Nacional de Educação¹¹, as fontes de pesquisas, como os censos do IBGE, não são completos. Por isso, percebe-se uma falha na busca de entender como se encontra o desenvolvimento da educação proposto pelo próprio Plano Nacional de Educação. Em relação à educação especial no Distrito Federal, o Observatório disponibiliza as informações mais recentes até ano de 2017. Nesse período, foram matriculadas pessoas especiais (com algum tipo de deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação) entre classes comuns (80.3%), escolas exclusivas (6.3%) e classes especiais (13.3%) de escolas públicas e privadas.

¹¹ O Observatório do PNE é coordenado pelo movimento Todos Pela Educação que, por sua vez, é constituído por vinte e quatro organizações ligadas à educação em todas as suas modalidades como, por exemplo, o Ensino Especial. A plataforma observa o desenvolvimento do Plano Nacional de Educação. O observatório é uma plataforma *advocacy* que monitora o PNE e esta em constante observação das metas e planejamentos. Apresenta gráficos, censos demográficos, entre outras ricas fontes de conhecimento sobre o PNE. Fonte: observatoriodopne.org.br. Acesso 05 de janeiro de 2019.

Ao estudar as leis e os direcionamentos das políticas públicas, verifiquei que tais documentos trazem ensinamentos oriundos de grandes pensadores, como Lev Vygotsky (2007). Desse modo, meu interesse se voltou para os estudos que permitiram empoderar o cidadão deficiente.

Lev Vygotsky (2007) apresenta no capítulo *O desenvolvimento dos conceitos científicos durante a infância*, do livro *Pensamento e Linguagem*, reflexões sobre a mente da criança, buscando compreender as relações complexas entre o desenvolvimento e a aprendizagem. Para entender como os conceitos científicos se projetam na criança, por meio do pensar e do falar, no âmbito escolar, Vygotsky estuda as investigações feitas por teóricos como Karl Marx, Brian Schiff, Lev Tolstoi, William James, Jean Piaget (dentre outros), para vislumbrar como é “o desenvolvimento efetivo do pensamento da criança no decurso da sua aprendizagem” (VIGOTSKY, 2007, p. 208).

Vygotsky busca desvelar, a partir do cotidiano da criança, como ocorre a interiorização de conceitos, definindo também quais são as forças e as fraquezas dos conceitos, que na sua formulação, não é um hábito mental automático, mas um ato de pensamento complexo. Segundo o autor, durante o desenvolvimento da criança, ela deixa de generalizar as palavras, apenas por repetição e passa a formar verdadeiros conceitos, dando sequencialmente reais sentidos às palavras.

Essas conexões entre palavras e conceitos farão, com que a criança trabalhe a atenção voluntária, memória lógica, abstração, comparação e diferenciação. As ideias presentes nas diversas formas de investigações teórico-práticas e comparativas, da longa pesquisa de Vygotsky, afirmam que é essencial trabalhar verdadeiramente os conceitos com as crianças, dentro do contexto escolar, para tornar o caminho do conhecimento mais amplo e potente.

O autor aponta, ainda, as complexidades da relação entre estudante e professor, pois a influência deste poderá modificar positivamente ou negativamente no entendimento real em termos de conceitos. Uma criança, em idade escolar, precisa do professor, em função de seu desenvolvimento reflexivo. O processo para a “consciência” é interessante, e algumas das

reflexões do autor mostram que “a aprendizagem e o desenvolvimento são dois processos distintos e essencialmente independentes”. Além disso, o pesquisador afirma que “a aprendizagem constrói-se sobre um quadro fornecido pela maturação” e avalia que “a aprendizagem depende do desenvolvimento enquanto o desenvolvimento não é influenciado pela aprendizagem” (VYGOTSKY, p. 247, 1997).

Vygotsky faz suas observações a partir de atividades realizadas na escola; inicialmente sobre a leitura e a escrita e, posteriormente, a sobre a gramática, a aritmética, as ciências naturais e as sociais. Percebe-se que a aprendizagem e o desenvolvimento, em escola primária, são unilateralmente recorrentes. Mesmo que a idade mental e a fisiologia cerebral da criança não se encontrem preparadas para entenderem certos conteúdos, o autor aponta a diferença que ocorre na passagem da linguagem oral para a escrita. A oral é a primeira que se manifesta na criança, levando bastante tempo para amadurecer, diferente da escrita que, normalmente, se inicia na escola e, rapidamente, se desenvolve, para poder receber as outras informações provindas dos conteúdos escolares. O desenvolvimento e a aprendizagem têm ritmos diferentes, assim como cada estudante terá o seu próprio ritmo.

Elena Bodrova e Deborah Leong (2006), ao se debruçarem sobre a teoria vygotskyana, concordam com o autor, quando este afirma que, além de criarmos ferramentas físicas para trabalhar com objetos externos (como construir um barco), elaboramos, na nossa mente, ferramentas. Para Vygotsky, as ferramentas da mente, trabalham a nossa memória, a nossa concepção do pensamento e a nossa atenção. Os teóricos, que concordam com a visão de Vygotsky, acreditam que o papel do professor é fazer com que as ferramentas se potencializem adequadamente, tornando a criança capaz de aprender e construir um novo mundo a sua volta.

Conforme apontado, o objetivo de Vygotsky é alcançar a abstração do pensamento. Quando a criança realmente conseguir entender o conceito de algo, a mesma será capaz de penetrar profundamente no pensamento, na reflexão e, também, de transferir o conhecimento adquirido.

Para essa pesquisa, é importante ressaltar a avaliação de Vygotsky sobre a educação especial. A maior parte do seu trabalho, nesse campo, foi sobre o estudo da defectologia; que é um método pedagógico para estudar crianças deficientes no contexto escolar. No início das investigações, na base da defectologia, a pesquisa quantitativa veio antes da qualitativa, o que não possibilitou uma real reflexão sobre este tipo especial de ensino. Vygotsky entende, por meio da defectologia, que a criança que tem impedimento de aprendizado causado por algum tipo de deficiência, não é uma criança menos desenvolvida do que outras, mas é “uma criança que se desenvolveu de maneira diferente”. (VYGOSTSKY, 1997).

Foi fundamental entender, no presente estudo, que o pensamento de Vygotsky ressoa em outras pesquisas atuais, como as das autoras Cerqueira e Coelho (2014). Tais teóricas afirmam que “existe algo que é da ordem do sujeito, de seus desejos, sonhos, do universo da subjetividade, que precisa ser resguardado para que esse processo seja pleno de significado para os que dele possam usufruir” (CERQUEIRA e COELHO, 2014, p. 216).

Os pensamentos de Vygotsky fornecem a base para a compreensão de algumas das mais importantes questões relativas à prática da educação especial. Seus ensinamentos influenciaram a estrutura de uma nova Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva¹², na qual reconhece a deficiência e busca evitar o isolamento das crianças do meio social. A política, no texto oficial, evidencia o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino, principalmente no Brasil, mostram a universalização do acesso, mas avalia que continuam excluindo da escola indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Esse texto apresenta a história da evolução da educação especial, desde a época do império.

¹² Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em 20 novembro de 2016.

Recentemente, a política da educação especial/inclusiva no Brasil buscou novos métodos para viabilizar o acesso e a permanência dos estudantes na escola, estabelecendo convênios entre as Secretarias de Educação e os Centros de Equoterapia, por exemplo. Nesses centros, as experimentações com a Arte e equoterapia têm ocorrido, muitas vezes, informalmente ou com outros propósitos; conforme já presenciei em sessões feitas por profissionais de diversas áreas, como educadores físicos ou terapeutas ocupacionais.

Partindo do pressuposto que as duas áreas, Arte e Equoterapia, são supridas de potencialidades para a educação, verifiquei, no que concerne a Arte, que um dos motivos é a valorização da Arte da criança na História da Arte, assim como o reconhecimento da Arte no ensino-aprendizagem, para estudantes com deficiências, como relatado a seguir.

1.1 Educação Especial/Inclusiva: reconhecimento da Arte da criança

Encontrei, no estudo de Stuart MacDonald (2004), o valor que a Arte da criança tem para a sociedade, a partir do século XVIII. De acordo com o autor, a Arte da criança pode ser comparada com a “Arte primitiva”, pois ambas foram percebidas como meio de arte expressiva e sensitiva com algum propósito. MacDonald aponta que esse entendimento, trouxe mais fundamentos aos pesquisadores e defensores da Arte da criança, com bases sólidas e com razoáveis argumentos, possibilitando meios de comparação para outros tipos de estudos. Essa abordagem influenciou o ensino da Arte.

Nesse viés, o autor, Leonhard Adam (2018), escritor do livro *Primitive Art*¹³ comparou o sujeito “primitivo” como alguém que se encontra fora das esferas da civilização moderna europeia. Além disso, a hipótese é de que seja uma Arte que surge do inconsciente. Nesse sentido, a teoria dos autores, sobre o conceito de “pureza”, se aplicada ao processo de colonização do Brasil, estaria contida na Arte dos povos nativos, que eram considerados “primitivos”; cuja

¹³ ADAM, L. Primitive Art. Disponível em: <https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.78710/page/n3>. Acesso em 12 de janeiro de 2018.

cultura e educação nos trazem dados para o entendimento do desenvolvimento da Arte do Brasil.

Ao mesmo tempo em que as teorias da Arte são discutidas, ocorre a valorização do ensino da Arte para criança em idade escolar. Nesse sentido, destaco que foi importante analisar como o conceito de “ensino da Arte para crianças” passou a se diferenciar dos adolescentes e adultos, desde Jean-Jacques Rousseau (1762) que vislumbrou a proposta, de aplicação de uma educação de acordo com a natureza. Essa ideia foi considerada inovadora e revolucionária, pois ela se opõe à concepção de educação do seu tempo e à formação humana em geral, da sua época.

As teorias da educação da criança encontram avanços no reformista Franz Cizek, e são continuadas por Wilhelm Viola, escritor do livro *Child art and Franz Cizek*, (1936). Ambos se preocupam em valorizar e preservar a natureza da criança de qualquer influência de adultos, como a descoberta de um novo universo.

1.2 O ensino-aprendizagem das Artes Visuais para pessoas especiais

As questões levantadas pelas teorias, na educação da criança, contribuem, efetivamente, para se pensar a Educação em Artes Visuais de crianças especiais. Pois, paralelamente, uma história maior se constrói, a saber: a história da educação especial no Brasil.

Essa história descreve que, desde o período da colonização, alguns povos indígenas, já tinham sua própria forma de lidar com as crianças que nasciam deficientes ou gêmeas, praticando o infanticídio¹⁴.

Na sociedade dos colonizadores, as pessoas deficientes passaram, inicialmente, por sistemas, e processos de exclusão social, que avançaram para sistemas e processos de inclusão. Ou seja, desde o entendimento de que as

¹⁴ Para Marianna Holanda (2008), o infanticídio é o ato de matar o próprio filho. Tal escolha é feita pela mãe, para poder lidar com os tipos de crianças que não podem se desenvolver como outras crianças, consideradas normais, em sua sociedade.

pessoas que portavam algum tipo de deficiência, eram pacientes até a visão de que os deficientes também são estudantes.

No período imperial (ano de 1854), por exemplo, foi criado O Imperial Instituto dos Meninos Cegos (atual Instituto Benjamin Constant – IBC), que não se preocupava com a ampliação da educação, tampouco em “ter um lugar para as crianças serem cuidadas”. Já entre os anos de 1960 e 1970, com a tendência do “saber construir” (FERRAZ E FUSARI, 1993.) da pedagogia tecnicista, proposta mais voltada para a operacionalização, do que para a criação ou a expressão (no ensino da arte no Brasil), a comunidade dos deficientes - que abrange as pessoas com deficiência, pais, prestadores de serviço, políticos, entre outros -, precisava mostrar a necessidade de se estabelecer algo mais operacional para a saúde, a inclusão social e a educação das pessoas deficientes. Todavia, isso ajudou a fundar a APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), primeiramente no Rio de Janeiro e, sucessivamente, nos outros estados.

Em 1958, o Ministério da Educação e as instituições correlacionadas, começaram a investir nas necessidades educacionais para deficientes na rede pública de ensino. Em 1973, é criado o CENESP (Centro Nacional de Educação Especial), sendo o primeiro órgão oficial a cuidar das políticas públicas da Educação Especial no Brasil.

De acordo com o documento Currículo em Movimento da Educação Especial, a Constituição Federal, em 1988, passou a ter a “oferta de atendimento educacional especializado a estudantes com deficiência, indicando que o mesmo deveria ocorrer preferencialmente na rede regular de ensino, e estabelece a Educação Especial como modalidade de educação escolar obrigatória e gratuita” (página 12). A partir disso, muitas leis e determinações mundiais foram sendo criadas e passaram a contemplar o ensino de pessoas deficientes, visando a educação para todos. Na Carta Magna, Constituição Federal de 1988, o artigo 208, inciso III, faz referência ao atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, quando declara que o dever do Estado está em garantir a educação e que será efetivado mediante ao

atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de educação.

A história da educação especial/inclusiva mostra que o processo de transformação da escola comum no Brasil é lento e exige uma ruptura com os modelos pedagógicos vigentes. Nesse sentido, ações envolvendo a Arte e a Educação especial/inclusiva vêm se apresentando importante, pois trazem possibilidades para se construir habilidades e competências para a vida.

Arte/Educadores, em conjunto com as políticas nacionais de movimentos sociais, passam a mostrar para a sociedade que a Arte tem um papel fundamental a cumprir. Pois, ela pode oferecer atendimento educacional especializado, que vai além da educação especial, possibilitando aos alunos com deficiências aprenderem de modo diferenciado do ensino “comum”.

A ideia que surge é a de educar por meio da arte. Esta também considerada como um campo de conhecimento, cujo ato que compreende a criação, engendra satisfação e valorização.

No caso da educação especial/inclusiva, esse posicionamento dos arte/educadores foi fundamental. Eles perceberam, na prática da sala de aula, que é necessário compreender as dificuldades de cada estudante, buscando meios e mecanismos que atendam o perfil de cada um.

Mas por que razão o ensino/aprendizagem da Arte passou a ser tão importante para a educação especial/inclusiva? Talvez a resposta se apresente ao lado da sensibilização que o próprio fazer artístico na prática traz para o sujeito. Mas, como ela ocorre? Percebi que a prática, é um dos principais fatores. O *modus operandi* recorre aos processos criativos, por meio de diferentes dispositivos de ação, envolvendo: desenho, pintura, escrita, fotografia, vídeo, escultura, gesso, modelagem, dança, música, canto, teatro, entre outras linguagens. Recorre, também, aos métodos e aos processos artísticos que podem apoiar os arte/educadores e que levam em consideração o sofrimento e a felicidade dos estudantes.

Depois de ter essa visão ampla de como a Arte foi se consolidando no ensino especial/inclusivo no Brasil, considere que a prática, quer dizer (trabalhar

com os materiais de arte) é fundamental para conseguir o despertar da curiosidade e para que, assim, a criatividade flua com mais força.

Nesse sentido, após avaliar os dispositivos de ação artísticos aos quais poderia recorrer, optei por escolher os materiais de arte tradicionais e os digitais. Considerando, nesse enfoque, os elementos da linguagem das Artes Visuais, como modo para potencializar e justificar o indivíduo na sua plenitude de se comunicar, se expressar, manter a atenção, além de trabalhar a percepção, a memória, o raciocínio, a imaginação, a criatividade e a linguagem.

Para tanto, considere também alguns exemplos de experiência de vida como é o caso do artista Stephen Wiltshire ¹⁵(2016), que utilizou a linguagem artística do desenho, para ultrapassar suas limitações de autista.

O artista Stephen Wiltshire

Para Adriana Duarte (2016), a pessoa diagnosticada com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) demonstra algumas alterações, principalmente no comportamento, podendo apresentar alguns desaceleramentos cognitivos em algumas regiões do cérebro. Algumas das maiores dificuldades de uma pessoa TEA estão na comunicação verbal, na socialização e na concentração, que prejudicam as atividades corriqueiras. Já o tipo de autismo *Savant* apresenta grandes habilidades, como a memória, e prejuízos como a socialização.

Esse tipo é o caso de Stephen Wiltshire, cujas habilidades o levaram a um campo especial artístico, tendo facilidade para desenhar a partir da realidade visível. A prática com o desenho o ajudou a desenvolver a sua fala e a sua educação, num contexto mais amplo. Hoje, ele é um artista reconhecido, formado na *Fine Art at City & Guilds Art College*, em Londres.

Stephen Wiltshire é capaz de representar, com muitos detalhes, paisagens complexas (como a da cidade de Tókyo no Japão), com alto grau de realismo. Para tanto, basta ele observar uma única vez a paisagem ou a fotografia. Antigos professores contam que a Arte o ajudou a se comunicar, a

¹⁵ Site do artista Stephen Wiltshire <https://www.stephenwiltshire.co.uk/> Último acesso em 15 de dezembro de 2018.

interagir e a obter a própria independência. Existem relatos, ainda, que outros artistas com dificuldades na interação social, na comunicação e em outros quesitos, poderiam ser autistas do tipo *Savant* ou considerados como Síndrome de Asperger, e até mesmo, autistas gênios.

Para o médico Michael Fitzgerald (2004), as pessoas *Savant*, são encontradas, na maioria dos casos, em pessoas autistas, se comparamos com as que não têm esse diagnóstico. A concentração ou o interesse exagerado em um determinado tópico, como a criatividade, mesmo que leve a dor, é uma característica também do autismo e do *Asperger*. Essas pessoas, podem levar horas e dias para executar um determinado trabalho, podendo ter uma grande capacidade de observação. Um cientista com essas habilidades, citado por Fitzgerald, seria Albert Einstein. Em suas pesquisas, ele levanta uma discussão importante sobre os *Savant*, que aponta as características de suas habilidades específicas.

Para Fitzgerald, a associação feita entre o autismo e a criatividade não é só desconhecida pelo público geral, mas também pelos acadêmicos.

Além disso, o autor tenta demonstrar que, diferente do *Savant*, uma pessoa TEA e do tipo *Asperger* pode conter, em suas habilidades, uma grande capacidade criativa. De acordo com a dra. Temple Grandin, nos últimos anos, os testes de aptidões, demonstraram que a inteligência de um autista “tem caráter linguístico, espacial, musical e lógico. Além disso, esses indivíduos são fascinados pela abstração e lógica” (GRANDIN in FITZGERALD p. 17, 2004).

1.3 O Transtorno do Espectro Autista

O psiquiatra Leo Kanner (1943), em um dos seus primeiros estudos, observou, por anos, vários casos de crianças que apresentavam mudanças importantes no comportamento. Estes pacientes seriam as possíveis primeiras crianças diagnosticadas como autistas pelo psiquiatra. Kanner percebeu, em comum, que elas não viviam como o habitual, principalmente, em relação à

demonstração de afeto. O psiquiatra, nomeou a investigação comportamental destes casos como distúrbios autísticos de contato afetivo.

Para Ana Maria P. Bereohff (1993) foi Kanner que fez os primeiros estudos clínicos de crianças autistas. No percurso da definição do diagnóstico houve muitas dificuldades para que se encontrasse instrumentos e meios de como avaliar as pessoas com o possível diagnóstico de autismo. Bereohff cita o autismo ou a síndrome do autismo infantil, como ela mesma diz em seu estudo como um transtorno profundo no desenvolvimento. Em seu texto é citada a definição de Organização Mundial de Saúde sobre o autismo de 1984. Nesse contexto, o autismo é uma síndrome, presente desde o nascimento, caracterizada por “respostas anormais a estímulos auditivos e visuais”, “problemas graves em compreensão da língua falada”, “a fala custa a aparecer”, “incapacidade da utilização social”, “o comportamento é usualmente ritualístico”, “a capacidade para pensamento abstrato-simbólico ou para jogos imaginativos fica diminuída”, entre outras características. Bereohff propõe uma possível implementação de classes especiais para autistas em Brasília, de carácter psicopedagógico inspirados na pedagogia Waldorf¹⁶.

Na época, a proposta foi feita em conjunto com a Associação Terapêutica e Educacional para crianças Autistas – ASTECA – e com a Fundação Educacional do Distrito Federal, atual Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. De acordo com o Instituto PENSI – Pesquisa e Ensino em Saúde Infantil-, existem três associações e um movimento especializados que ativam ações, tratamentos e atendimentos de autistas em Brasília: a Associação Brasileira de Autismo, Comportamento e Intervenção – ABRACI/DF-; a Associação dos Amigos dos Autistas do Distrito Federal – AMA/DF; a ASTECA e o Movimento Orgulho Autista – MOAB. Mas, recentemente, criaram outros locais que fazem o atendimento parcial à criança autista, que serão citados mais adiante, na próxima seção.

16 A Pedagogia Waldorf é uma abordagem pedagógica baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. Disponível em: <http://www.sab.org.br/pedag-wal/pedag.htm>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

Para determinar algum tipo de diagnóstico, seja ele de caráter passageiro ou não, a Organização Mundial da Saúde aponta grandes mudanças, após realização de novos estudos em sua Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID 10), no capítulo V, que trata dos Transtornos Mentais e comportamentais. No referido capítulo, nos interessou mais os grupos do F-80 ao F-89 pois, nessa classificação os transtornos têm em comum:

“a) início situado obrigatoriamente na primeira ou segunda infância; b) comprometimento ou retardo do desenvolvimento de funções estreitamente ligadas à maturação biológica do sistema nervoso central; e c) evolução contínua sem remissões nem recaídas. Na maioria dos casos, as funções atingidas compreendem a linguagem, as habilidades espaço-visuais e a coordenação motora. Habitualmente o retardo ou a deficiência já estava presente mesmo antes de poder ser posta em evidência com certeza, diminuirá progressivamente com a idade; déficits mais leves podem, contudo, persistir na idade adulta.” (CID-10)

O código para o autismo, vem a partir do F84, no Grupo do Transtornos Globais do Desenvolvimento. As características citadas são usuais de uma pessoa autista, pois, apresentam alterações nas interações sociais, na comunicação, no comportamento estereotipado e no interesse repetitivo, além de diferenciações na comunicação: “estas anomalias qualitativas constituem uma característica global do funcionamento do sujeito, em todas as ocasiões”. O CID-10, pede ao profissional, que está fazendo o diagnóstico, que adicione códigos se houver mais outras características observadas. Dentre eles, os que mais nos interessam estão inseridos nos códigos: F84.0 Autismo Infantil; F84.1 Autismo Atípico e F84.5 Síndrome de *Asperger*, lembrando que todos fazem parte do Transtorno Global de Desenvolvimento.

O código F84.0 Autismo Infantil caracteriza o indivíduo que apresenta no seu desenvolvimento, antes dos três anos de idade, anormalidade, alteração e perturbação característica no funcionamento e nos domínios das interações sociais, na comunicação, no comportamento focalizado e repetitivo.

O código F84.1 Autismo Atípico, é denominado como diagnóstico quando o autismo for percebido depois dos três anos de idade e não acarreta todos os

três domínios do autismo infantil, mas pode apresentar uma ou mais alterações nesses domínios: “o autismo atípico ocorre habitualmente em crianças que apresentam um retardo mental profundo ou um transtorno específico grave do desenvolvimento de linguagem do tipo receptivo” (CID-10). Nesse diagnóstico, podem ser atribuídos os códigos de retardo mental.

Já o F84.5 Síndrome de *Asperger*, se assemelha muito ao autismo, apresentando prejuízos nas interações sociais, comunicação e comportamento. Porém, de acordo com o documento: “não se acompanha de um retardo ou de uma deficiência de linguagem ou do desenvolvimento cognitivo.”

Em dezembro de 2018, foi lançado uma prévia do CID-11, ainda em construção. O manual já atualizou informações sobre o diagnóstico do TEA, que usa o código a partir do código 6A02, que surgiu da categoria dos diagnósticos de Transtornos mentais, comportamentais ou do desenvolvimento e da subcategoria distúrbios do desenvolvimento neurológico. Os códigos para o Transtorno do Espectro Autista (podem ser encontradas referência também dos títulos Desordens do Espectro Autista e Transtorno do espectro do autismo) são: 6A02.0 - Transtorno do espectro do autismo sem transtorno do desenvolvimento intelectual e com comprometimento leve ou nenhum da linguagem funcional; 6A02.1 - Transtorno do espectro do autismo com transtorno do desenvolvimento intelectual e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional; 6A02.2 - Transtorno do espectro do autismo sem desordem do desenvolvimento intelectual e com linguagem funcional prejudicada; 6A02.3 - Transtorno do espectro autista com transtorno do desenvolvimento intelectual e com linguagem funcional prejudicada; 6A02.4 - Transtorno do espectro do autismo sem desordem do desenvolvimento intelectual e com ausência de linguagem funcional; 6A02.5 - Transtorno do espectro autista com desordem do desenvolvimento intelectual e com ausência de linguagem funcional; 6A02.Y - Outro transtorno do espectro do autismo especificado; 6A02.Z - Transtorno do espectro do autismo não especificado.

No 5º Manual do Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – DSM-V (2014)-, no que concerne o Transtorno do Espectro Autista - TEA, foi

feita a fusão do transtorno autista, do transtorno de *Asperger* e do transtorno global do desenvolvimento em um só termo, diferenciando do manual anterior. O manual atual, pontua os sintomas do TEA como prejuízos contínuos, variando as intensidades nos indivíduos (classificadas entre leve, moderado ou grave). Tais prejuízos, de acordo com o manual, são na comunicação social e no comportamento; que tende a ser restrito e repetitivo. Assim, a classificação do transtorno para o DSM-V, facilitaria a identificação dos prejuízos para tratá-los mais adequadamente e tornaria mais sensível os critérios para apresentar um diagnóstico, ao invés de diagnosticá-los como transtornos diferentes. O manual ainda explica sobre o que observar no diagnóstico do TEA:

“No diagnóstico do transtorno do espectro autista, as características clínicas individuais são registradas por meio do uso de especificadores (com ou sem comprometimento intelectual concomitante; com ou sem comprometimento da linguagem concomitante; associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental), bem como especificadores que descrevem os sintomas autistas (idade da primeira preocupação; com ou sem perda de habilidades estabelecidas; gravidade). Tais especificadores oportunizam aos clínicos a individualização do diagnóstico e a comunicação de uma descrição clínica mais rica dos indivíduos afetados. Por exemplo, muitos indivíduos anteriormente diagnosticados com transtorno de *Asperger* atualmente receberiam um diagnóstico de transtorno do espectro autista sem comprometimento linguístico ou intelectual.” (DSM – V, página 32. 2014)

De acordo com a orientação pedagógica da educação especial (2010), o autismo é um transtorno global do desenvolvimento. Tal documento ainda está desatualizado com a versão mais recente do Manual de diagnósticos (DSM – V), citando o manual em sua versão IV, no qual estão embarcados no Transtorno Global do Desenvolvimento o Transtorno autista, autismo atípico, o transtorno de *rett*, a psicose infantil, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno de *Asperger*, igual ao CID-10.

De acordo com o Currículo da Educação Especial, o público alvo corresponde aos estudantes deficientes e com TGD, englobando os estudantes com o Transtorno do Espectro Autista; termo adotado pelo Ministério da Educação. O Currículo propõe formas pedagógicas para trabalhar atividades em

sala de aula com alunos autistas visando o seu bem-estar e a melhor compreensão do conteúdo. Pois, o aluno autista deve ter a chance de aprender como os outros, podendo ser utilizado pelo professor mais instrumentos que visam facilitar a aprendizagem, tais como: a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA); a Integração social; o Método TEACCH1; o Método ABA2; Instrumentos de avaliação (como o Portage); e a Sala de Aula com rotina estruturada. (Currículo em Movimento em Educação Especial, pág. 30).

O autismo afeta milhões de pessoas no mundo¹⁷. Atualmente, já temos maior conhecimento sobre as pessoas autistas, sobre os tratamentos que as ajudam a minimizar os prejuízos. Entretanto, sabemos pouco sobre os processos de aprendizagem.

No Brasil, o CID-10 e o DSM-V apresentam diversidades nos tipos de autismo. Eles apresentam nomenclaturas diferentes para os tipos de autismo, mas algumas características são iguais, como: a dificuldade na interação social; o comportamento estereotipado; e os prejuízos na fala e/ou na comunicação. Destaco que a ênfase recai mais no CID-10 do que no CID-11 pois, os praticantes da pesquisa tiveram os seus diagnósticos e encaminhamentos para a Equoterapia, com nomenclaturas e códigos do CID antes das atualizações realizadas, na passagem de 2018 para 2019.

A partir das análises dos manuais e das pesquisas no campo da saúde, como os de Leo Kanner, escolhi conhecer mais sobre o autismo denominado de Transtorno do Espectro Autista, preferindo me aprofundar nos estudos sobre as dificuldades individuais de cada pessoa para melhor desenvolver e/ou entender cada processo de aprendizado. Apesar disso, durante as sessões com os praticantes não busquei me atentar apenas nas características de cada diagnóstico. Desse modo, apliquei as atividades, de uma maneira geral, com o mesmo objetivo para todos dependendo do grupo, em que cada um se encontrava.

¹⁷ No Brasil, a inclusão de alunos autistas nas salas de aula, ainda é um desafio, apesar de já existirem métodos, como: o Currículo em Movimento, com o ABA e TEACCH.

Nesse sentido, observei como cada um interagiu com os cavalos, com a equipe, com as atividades de Arte e com as da Equoterapia. Porém, ao final percebi que nem sempre tudo acontecia da mesma maneira, conforme constado nos relatos adiante.

Segunda Seção: Materiais arte/educativos e objeto de aprendizagem

Nesta seção apresento um resumo das metodologias de ensino das Artes Visuais, tentando verificar como elas podem contribuir à autoexpressão, à comunicação e à interação para as crianças autistas, em conjunto com os métodos da equoterapia. Em seguida, discorro sobre os principais elementos das Artes Visuais utilizados no contexto da etapa prática da pesquisa com os Objetos de Aprendizagem, que me ajudaram a selecionar e a estudar as melhores maneiras para que tais Objetos fossem aplicados. Analiso, também, alguns Objetos de Aprendizagem e Aplicativos Digitais, que auxiliaram a pensar sobre as possibilidades de aplicação prática, como meio de expressão, aprendizagem e comunicação; sempre em conjunto com a equoterapia. Mostro, por fim, um breve relato sobre a importância do cavalo na saúde e na minha vida; onde, finalmente, descrevo o método da Equoterapia aplicado na ANDE-BRASIL.

2.1 Elementos metodológicos das artes visuais na educação

As metodologias de ensino das Artes Visuais, nos últimos anos, recorreram ao passado e envolveram, praticamente, todos os procedimentos históricos; que vão desde o ensino do desenho ao da autoexpressão, perpassando pela Metodologia Triangular e envolvendo a Educação da Cultura Visual.

Belidson Dias (2008)¹⁸, ao apresentar uma visão panorâmica das relações históricas entre a Arte e a Educação, define a educação da cultura visual, como uma recente concepção pedagógica que “destaca as ubíquas representações visuais do cotidiano como os elementos centrais que estimulam práticas de produção, apreciação e crítica de Artes e que desenvolvem cognição, imaginação, consciência social e sentimento de justiça.” (DIAS, p. 38).

¹⁸ DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da Cultura Visual. In: Visibilidade e Educação. MARTINS, Raimundo (Org.). https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/desenredos_3.pdf?1392204335, acesso em nov de 2017.

O autor e outros pensadores da área, como Fernando Hernández-Hernández, entendem que o ensino da arte passa por profundas mudanças de suas práticas e que é por meio de práticas inovadoras que noções rígidas de recepção/produção de imagens, de epistemologia, de poder, de identidade, de subjetividade, de agência e de entendimento do cotidiano são deslocadas.

Outro fator, causador de mudanças, diz o autor, é que as escolas de Arte e cursos de licenciatura em arte/educação estão enfrentando a necessidade social de desafiar as noções predominantemente formalistas dos seus currículos para, assim, poder começar a explorar intensamente as experiências do cotidiano, dos sujeitos; nas suas trocas materiais e sensoriais. Para o autor, é importante buscar a compreensão crítica da representação da visualidade na sociedade, na medida em que a educação da cultura visual é inclusiva de todas as formas de relações de ensino-aprendizagem da visualidade e dos seus produtos culturais. O pesquisador afirma que a cultura visual não é apenas um elemento adjacente à algumas das visões para a arte/educação, mas um elemento-chave para desconstruí-la e, a partir daí, construir, reconstruir, e constituir a educação da própria cultura visual.

Essa posição diante da aplicação metodológica e pedagógica para o ensino das artes visuais, quando recorre à ideia de liberdade de implementar várias práticas pedagógicas e de escolher diferentes abordagens baseadas em seus contextos pessoais e sociais, norteia esta pesquisa na prática da Arte em conjunto com a Equoterapia.

Nessa lógica, entende-se que as metodologias de Educação em Artes Visuais abriram o caminho no sentido de que se reconheça o valor cívico da educação baseada em Arte, para que, dessa forma, seja possível a prática artística com crianças autistas na liberdade da aprendizagem dos indivíduos em que eles sejam “portadores do saber” (Hernández- Hernández, 2000)¹⁹. Essas metodologias abriram o caminho, inclusive, para que esta pesquisa, envolvendo Arte e autismo, fosse desenvolvida.

¹⁹ Hernández-Hernández, Fernando. Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/62408134/Cultura-Visual-mudanca-educativa-e-projeto-de-trabalho-Fernando-Hernandez>. Acesso set. de 2017.

2.2 Arte, autismo e equoterapia

Segundo a dra. Temple Grandin (2017), a educação especial como um campo de conhecimento, está numa zona de confronto entre várias outras áreas, como a saúde e a Arte. Nesses outros domínios, as questões levantadas pela educação especial são elaboradas nas suas complexidades e nas suas “impossibilidades”.

Para a autora, pessoas com autismo e *Asperger*²⁰ são pensadores especializados: bons em uma coisa e ruins em outra. Para a pesquisadora, existem três tipos principais de pensamento especializado, assim analisados:

1. **os pensadores visuais**, podem fazer geometria e trigonometria, mas não álgebra. Esses pensadores podem ver tudo na sua mente e, depois, desenhar no papel;
2. **já os ensadores em padrões**, como a música e a matemática, tendem a terem problemas com a leitura.
3. **A mente verbal**, que é capaz de reter detalhes de muitas informações, porém, possui dificuldade para desenhar, por exemplo.

Além disso, independentemente da forma de pensar, o autista pode ser sensível, em diferentes níveis, à luz fluorescente, ao som etc.

A autora relata que o cérebro, de modo geral, normalmente ignora os detalhes, já o cérebro do autista, ao contrário, se atém nos detalhes. Ela cita os “nerds” como Mozart, Einstein e Tesla, alegando que são pessoas que, atualmente poderiam ser diagnosticados com um grau muito leve de autismo.

A investigação da autora considera esses estudos de caso e destaca a importância da Arte que, por sua vez, por meio dos seus próprios elementos (como a imagem, a música e o texto), proporciona formas de expressão e

²⁰ Síndrome de *Asperger* é uma perturbação neurocomportamental de base genética. Pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interação social, na comunicação e no comportamento. Embora seja uma disfunção com origem num funcionamento cerebral particular, não existe marcador biológico. O diagnóstico se baseia em um conjunto de critérios comportamentais. Disponível: <https://www.apsa.org.pt/pt/sindrome-de-asperger/o-que-e>. Último acesso em 12 de agosto de 2017.

comunicação aos autistas, ou seja, a interação social e emocional dos mesmos.

Nessa linha de reflexão, um grupo de profissionais australianos²¹ oferece um "Programa de Aprendizagem Social e Emocional para Crianças e Adolescentes". Na apresentação (Fig.1) de tal programa, o grupo anuncia que a psicoterapia com cavalos, combinada com a psicoterapia artística, proporciona experiências eficazes, não ameaçadoras, ativas e divertidas que incentivam crianças e adolescentes a: expressar sentimentos que podem ser difíceis de verbalizar; aumentar a autoconsciência e as habilidades de comunicação; explorar a imaginação e a criatividade; desenvolver habilidades de enfrentamento saudáveis; melhorar a autoestima e a confiança; identificar e esclarecer questões e preocupações; compartilhar e socializar em um ambiente seguro; melhorar as habilidades motoras e a coordenação física.

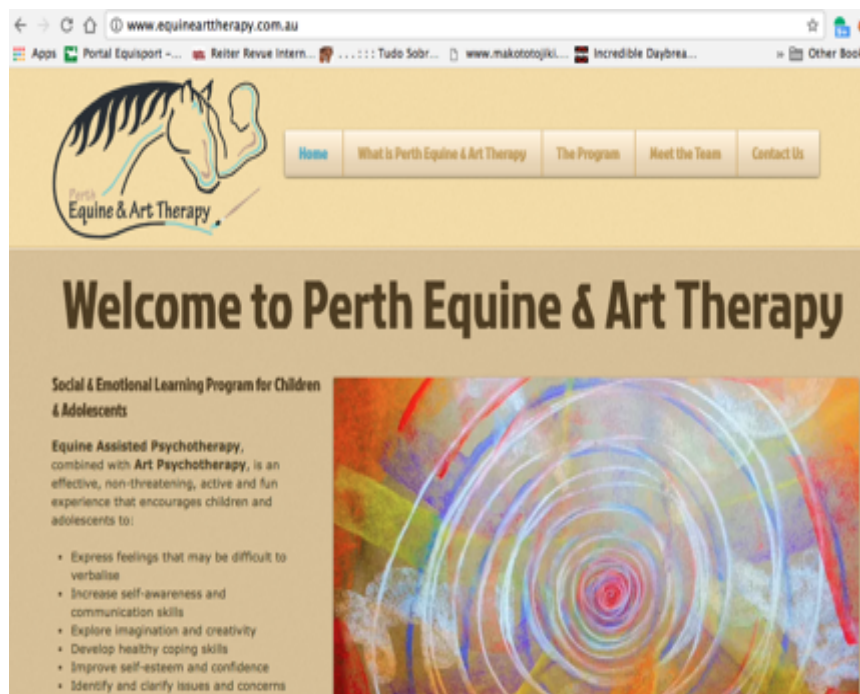


Figura 1-Equine and Art Therapy

Nesse caso, as atividades artísticas são desenvolvidas a posteriori das atividades de equoterapia. Para facilitar o processamento e a aprendizagem do tema, o programa desenvolve atividades que combinam a experiência com os

21 <http://www.equinearttherapy.com.au/>. Último acesso 9 de março de 2018.

cavalos (por quarenta minutos), com a atividade artística (em seguida por mais 40 minutos). O programa envolve a participação de dois especialistas em saúde mental e um cavaleiro experiente, em um cenário ao ar livre. O uso de materiais artísticos ou Objetos de Aprendizagem, não ocorre simultaneamente.

Nessa proposta, a Arte é usada como uma linguagem simbólica para acessar pensamentos e sentimentos que muitas vezes podem ser difíceis para as crianças e os adolescentes expressarem em palavras. A Arte, para eles, oferece uma maneira segura e não ameaçadora para apresentar experiências difíceis e resolver conflitos internos. Além disso, esse tipo de atividade com a Arte aumenta a autoconsciência e ajuda, as crianças e os adolescentes, a reduzirem as preocupações e o estresse, assim como colabora para desenvolver melhores habilidades interpessoais, gerenciar comportamentos e aumentar a autoestima. O ato de expressão criativa é em si terapêutico. A Arte proporciona o bem-estar mental e emocional, aumentando a autoaceitação e a autocompreensão de si mesmo. Assim, por meio do criar e do refletir sobre os processos e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, e lidarem melhor com sintomas como o estresse e as próprias experiências traumáticas; desenvolvendo recursos físicos, cognitivos e emocionais ao desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico.

Segundo informações do site, os cavalos facilitam o "engajamento" das crianças e adolescentes. "Cavalos evocam sentimentos!", pois o *feedback* não verbal dos cavalos pode ser poderoso e estimular melhorias, particularmente em pacientes que não são capazes de verbalizar (ou refletir sobre) seus sentimentos como, por exemplo, os autistas. Devido à maior sensibilidade dos cavalos e em função dos seus instintos naturais, eles respondem ao humor e ao comportamento de uma pessoa. A reação dos cavalos pode estimular o autoconhecimento e a congruência do corpo e dos sentimentos.

Para os autores da proposta, os cavalos vivem no "agora e agora" e oferecem contato autêntico e honesto, livre de julgamento e interpretação. A equoterapia é uma abordagem única para a psicoterapia, onde aos pacientes são oferecidas experiências seguras com cavalos aos pacientes, com a

finalidade de explorar novas formas de conexão em relacionamentos e construir autoconsciência e confiança.

Tanto a equoterapia quanto a psicoterapia artística, nesse programa, são formas experienciais de terapia que podem ajudar a desenvolver novas vias neurais para facilitar a mudança comportamental e cognitiva.

Assim como a equoterapia, a psicoterapia artística pode ajudar a diagnosticar casos de autismo. Mas, ela usa, principalmente, a criação com elementos das Artes Visuais como, por exemplo, a colagem, a escultura, as máscaras e a pintura; dentro de uma relação terapêutica que explora os pensamentos, os sentimentos e os comportamentos. A questão da estética, não é discutida nesse caso.

Então, arte para quê? Qual poderia ser a linguagem simbólica que se estabelece em uma criança autista na Equoterapia?

A importância da Arte como terapia foi discutida por vários estudiosos, como Rudolf Arnheim (1989). Para esse autor, as Artes devem servir às necessidades humanas reais que são, muitas vezes, mais potentes entre os doentes; sendo ainda mais visíveis os benefícios que essas pessoas recebem das Artes. Demonstrando o que podem fazer pelos angustiados, a Arte nos lembra o que se destina a fazer por todos.

Outro autor que incentiva esse movimento, que parte do ensino-aprendizagem da Arte, é Félix Guattari (1992). Para esse estudioso, crianças com deficiência necessitam de ações por meio dos agentes mediadores, ou seja, da postura de mediação do professor. Assim, é importante que se repense todo o processo de formação de professores em diferentes níveis, visando suas atuações em um contexto de sociedade ideal do conhecimento; na qual o processo de ensino-aprendizagem não fique restrito somente às escolas, mas que seja diluído pelas malhas de uma rede social ampla. O autor aponta que o principal desafio colocado para o educador é o de produzir novas potencialidades.

“O que importa aqui não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, e a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem a pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair de seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se

re-singularizar.”(GUATTARI, 1992, p. 17).

Nesse viés da re-singularização, operam propostas como o Programa de Terapia Artística de Conexão Equestre²², que desde 2006, desenvolve pesquisas visando melhorar a qualidade de vida de pessoas com deficiência. Tal programa foca o processo criativo artístico, visando o bem-estar físico, mental e emocional de pessoas de todas as idades e com diferentes necessidades.

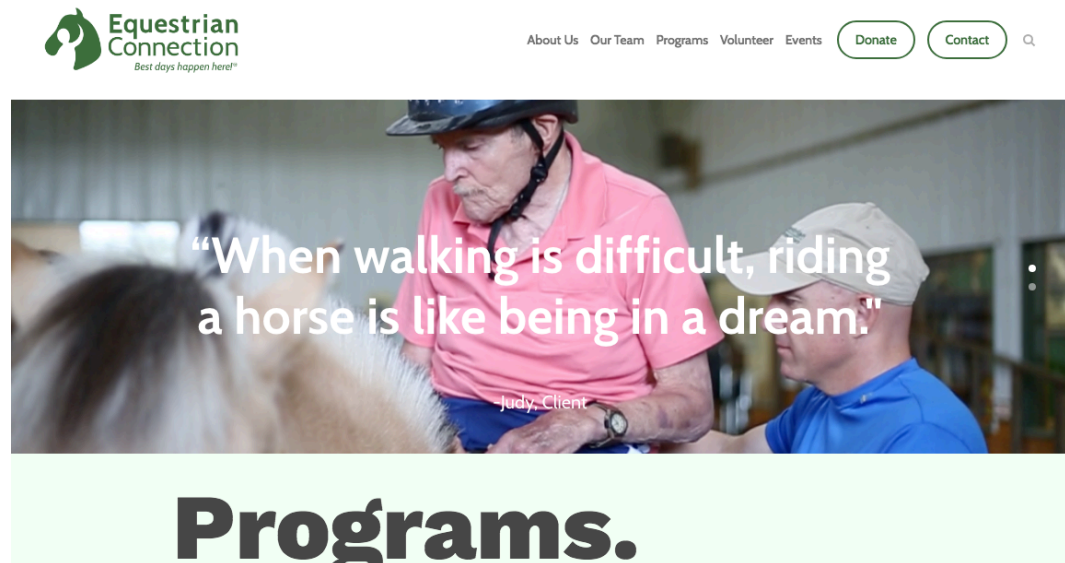


Figura 2 - Página inicial do site do Equestrian Connection

De acordo com a *American Art Therapy Association*²³, a autoexpressão artística oferece uma riqueza de benefícios, incluindo a redução da ansiedade e a ajuda na resolução de conflitos, bem como proporciona o desenvolvimento da autoconfiança e da autoconsciência. Na Conexão Equestre, a fisicalidade da equitação é complementada por uma terapia criativa e expressiva. O objetivo do grupo é principalmente construir a autoconfiança. O programa de Arte oferece também oportunidades de exibição dos trabalhos produzidos na comunidade. Por meio de uma parceria com a *Artists on the Bluff*, os trabalhos dos estudantes já foram exibidos em espaços como a *Station Art Gallery* em *Lake Bluff, Illinois*.

²² <http://www.equestrianconnections.org/art-therapy.html>. Último acesso 9 de dezembro de 2017.

²³ <https://arttherapy.org>. Último acesso 9 de dezembro de 2017.

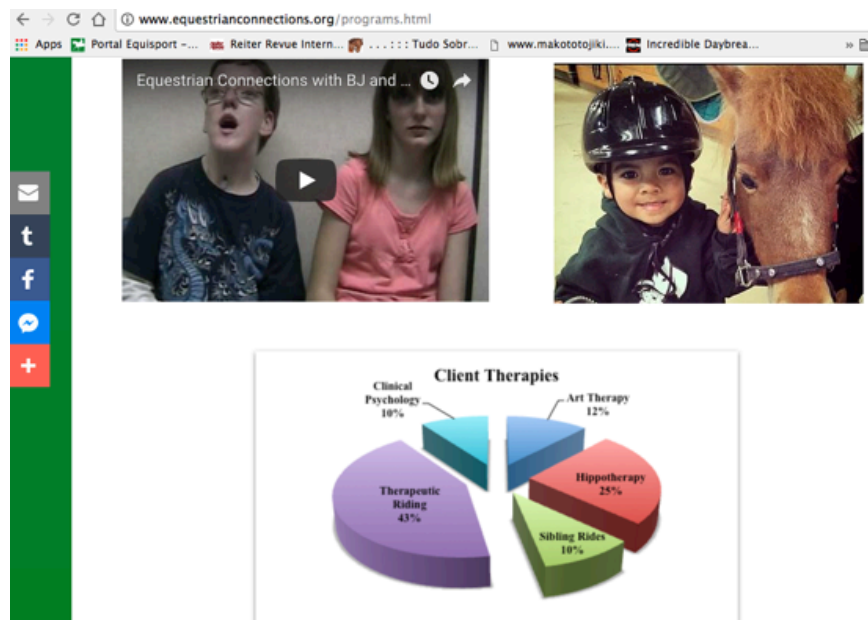


Figura 3 - Programa Terapia Artística de Conexão Equestre – Informações antes da última atualização do site em 2017

Essa parceria também resultou em uma exposição anual, semipermanente, intitulada *Creative Connections*, para destacar a Arte resultante do programa. A partir do gráfico apresentado na figura 3, verifica-se que, para eles, a Arteterapia contribuiu em 12% dos resultados positivos obtidos no Conexão Equestre.

Ainda de acordo com a associação, os autistas possuem cognição diferenciada. Alguns, por exemplo, são considerados "pensadores visuais" ou "visual thinkers", pois processam o pensamento em imagem.

Nessa etapa da pesquisa, verifiquei a importância da Arte na vida das crianças autistas. A partir disso, passei a estudar, mais profundamente, a viabilidade de aplicar, alguns elementos da linguagem artística, no contexto da criação de objetos de aprendizagem, conforme apresentado a seguir.

2.3 Objetos de aprendizagem e autismo

Inicialmente, procurei conhecer a definição de Objetos de Aprendizagem, em um contexto amplo. Interpretei, então, que os objetos são elaborados em qualquer mídia ou formato, podendo ser simples (como uma animação ou uma

apresentação de slides) ou complexo (como uma simulação de um fenômeno físico). Imagens, animações, games, que contenham um propósito educacional definido, um elemento que estimule a reflexão do estudante e que sua aplicação não se restrinja a um único contexto, são elementos de composição de um Objeto de Aprendizagem (BETTIO; MARTINS, 2004).

Para os pesquisadores Longmire (2001), Sá Filho(2004) e Machado (2004), os fatores que favorecem o uso de Objetos de Aprendizagem digitais na área educacional, são: 1. a flexibilidade, que significa que os Objetos de Aprendizagem são construídos de modo simples e, por isso, já nascem flexíveis, e podem ser reutilizáveis; 2. a atualização, onde os Objetos de Aprendizagem podem ser utilizados em diversos momentos. A atualização dos mesmos em tempo real é relativamente simples (no caso de Objeto de Aprendizagem Digital), basta apenas que todos os dados relativos a esse objeto estejam em um mesmo banco de informações; 3. a customização, que envolve a utilização simultânea em vários cursos e materiais de conhecimento; 4. a interoperabilidade, em que os Objetos de Aprendizagem podem ser utilizados em qualquer dispositivo digital, celulares, *tablets*, computadores. Nesse caso, os dispositivos, podem ser acessados on-line em todo o mundo.

Esta pesquisa, especificamente, utilizou materiais de arte como a massa de modelar, os materiais para pintura, entre outros, brinquedos pedagógicos, como os Montessori e também, os Objetos de Aprendizagem Poéticos Artísticos (OAPA) e Tecnológicos (OATA). Para esclarecimento, OATA é um termo que sugiro para um objeto de aprendizagem desenvolvido nesta pesquisa e que será apresentado mais a diante.

Já no que diz respeito ao planejamento das práticas pedagógicas, busquei meios que favorecessem tais práticas pedagógicas na Arte_“equoterapia”, com estudantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, residentes no Distrito Federal. Além disso, busquei fortalecer as redes de pesquisa e consolidar a base científica e tecnológica referente ao tema; considerado de importância estratégica para a educação do Distrito Federal.

Nessa proposta, OATA é usado como uma ferramenta de aprendizado, bem como pode contribuir para que a criança autista se interesse em interagir com seu ambiente e seus objetos. Esse tipo de abordagem, pode ser uma importante fonte de prazer e inclusão, como salienta Livia Bardy (2017), ao destacar que o processo de ensino só resulta em aprendizagem quando propicia, além da generalização na aplicação dos conceitos estudados, a troca de experiências entre os envolvidos.

Para essa autora, o professor deve assumir o papel de estimulador, instigando os alunos a novas descobertas. O professor é o mediador que coordena as discussões das ideias que vão sendo “construídas”, ou seja, que deve envolver atividades que possibilitem refazer o percurso e reorientar suas conclusões; estimulando, assim, os estudantes a pensarem, a discutirem e a refletirem sobre dadas questões relevantes à aprendizagem e ao desenvolvimento dos mesmos.

Sobre a importância da Arte para os autistas, o texto *Using Visual Arts to Encourage Children with Autism Spectrum Disorder to Communicate Their Feelings and Emotions* (2017)²⁴, dos autores Alicia Round, William J. Baker e Christopher Rayner, descreve que as crianças com TEA, muitas vezes, apresentam dificuldades na identificação de suas emoções e dos estados emocionais dos outros. Além disso, elas também experimentam dificuldades de expressão e de comunicação verbal. Essas características podem levar a comprometer o bem-estar social, emocional e a saúde mental dessas pessoas. Em contrapartida, as crianças com TEA apresentam um potencial relativo ao processamento visual, que podem se transformar em uma parte integrante de utilização de recursos visuais para uma variedade de ações dessas crianças.

O interesse pelo processamento visual também pode representar oportunidades para essas crianças, de identificar e de expressar suas emoções. Sobre esse assunto, existe um corpo de literatura promissor, que sugere que a terapia artística visual é benéfica para indivíduos com autismo e proporcionar oportunidades para desenvolverem a flexibilidade, a autoestima e o

²⁴ [1] http://file.scirp.org/pdf/JSS_2017101210435100.pdf

comportamento comunicativo social. Os autores exploram o potencial do *Artmaking* como meio para ajudar as crianças com Transtorno com Déficit de Atenção a expressarem melhor seus sentimentos e emoções.

Segundo os autores, fornecer uma saída para a autoexpressão pode reduzir os desafios que as pessoas com autismo enfrentam, melhorando a qualidade de vida para elas e suas famílias.

Um estudo de caso qualitativo descritivo foi escolhido como referência para este trabalho dentro do quadro teórico da Arte como terapia. Dois meninos, um com sete e outro com dez anos de idade, participaram de cinco a seis sessões de terapia com Artes Visuais (respectivamente). As sessões desenvolveram as habilidades dos participantes em fazer arte e em expressar suas emoções, uma vez que o relacionamento foi construído ao longo do período de estudo.

Como apontado, as Artes Visuais contribuem com para a autoexpressão das crianças com TEA, mas um grande desafio foi experimentar como as tecnologias artísticas digitais, poderiam contribuir ainda mais, nesse processo.

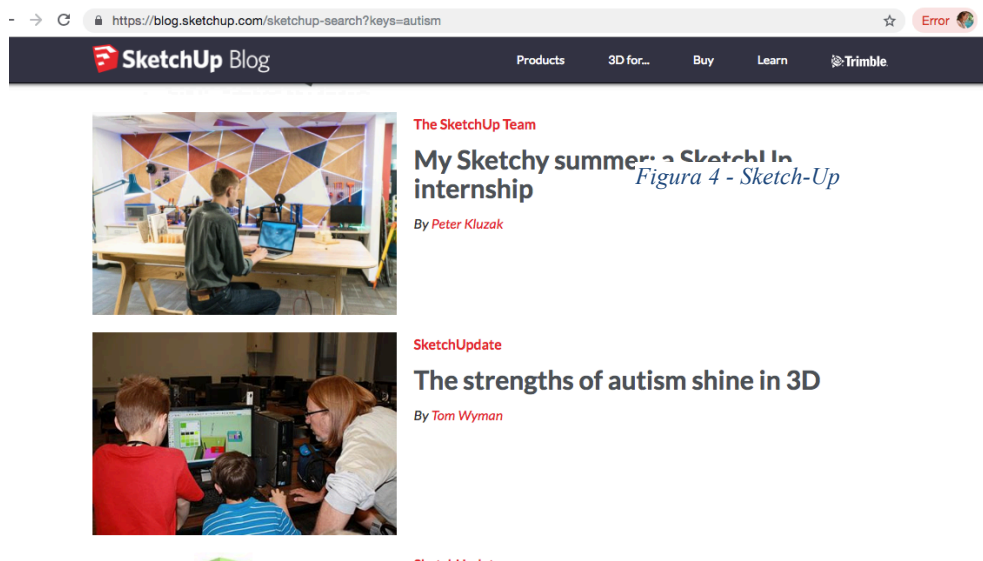
Na presente pesquisa, cada um dos participantes, ao construir um objeto ao pintar uma tela, ao pintar um cavalo, ao tirar fotografias etc, faz algo a mais do que expor a si mesmo. Segundo Eizabeth Lima (2006) ao citar o pensamento de Napolitani e Righetti, ele realiza um fato de cultura. A reflexão da autora passa, ainda, pelo entendimento de que ninguém põe em dúvida que facilitar, em um ser humano, a possibilidade de comunicação é um ato de grande importância; sobretudo, quando a linguagem comum não permite ao sujeito exteriorizar as suas próprias angústias.

2.3.1 Descrição de objetos de aprendizagem, aplicativos digitais para autistas

Esta subseção trata sobre os recursos digitais, visando à possibilidade de utilizá-los no transcorrer da aplicação prática. Nessa via, verifiquei que criar, com os programas de Arte Digital disponíveis, é uma experiência um pouco diferente

pois, geralmente, envolve um teclado ou um *tablet* digital como pontos de contato com o meio e uma tela de computador. Então, surgiu a seguinte questão: qual seria o impacto da criação de imagens digitais nessa pesquisa?

Atualmente, existem poucos estudos sobre os benefícios do uso dos recursos da mídia digital. Um desses poucos estudos é, por exemplo, o projeto *Sketch-Up*²⁵ que propõem o uso de aplicativos digitais com crianças autistas. Os resultados do *Sketch-Up* impressionaram, pois eles não só ressaltam que as pessoas com autismo tendem a responder por meio de inteligência visual e/ou espacial, mas também demonstram que usar um programa de desenho de computador é, realmente, muito mais gratificante do que a utilização de recursos tradicionais como lápis e papel. Para a maioria dos participantes de uma pesquisa realizada por Cathy Malchiodi (2017)²⁶, muitas das crianças relataram que preferiam o *Sketch-Up*.



o pelo programa *Sketch-Up* está relacionado com a sua interface amigável, de fácil interação com o usuário; pois permite que as crianças aprendam a desempenhar e a se destacar nas tarefas que formam a base de habilidades informáticas mais avançadas em campos de engenharia e tecnologia. No seu

²⁵ <https://blog.sketchup.com/sketchupupdate/strengths-autism-shine-3d>. Último acesso em setembro de 2017.

²⁶ <https://www.psychologytoday.com/experts/cathy-malchiodi-phd-lpcc-lpat-atr-bc-reat>. Último acesso em setembro de 2017.

trabalho atual Cathy Malchiodi experimenta o programa *Polyvore*, reconhecendo as possibilidades para a acessibilidade, a capacitação e, principalmente, a gratificação com as imagens criadas e o processo de criação.

No que diz respeito a esta pesquisa, realizei algumas avaliações de OATA, que pudessem ser instalados em *tablets* e que pudessem ser mostrados aos praticantes da pesquisa. Escolhemos a partir de alguns critérios de usabilidade da interface, apresentados por Debora Valletta e Lúcia Giraffa (2017), e incorporados no guia de orientações didáticas (a luz da metodologia do Design Instrucional), o aplicativo conhecido como Book Creator, para criar textos verbais e não verbais (com a inserção de textos, imagens e sons, dentre outras mídias) para a criação de um caderno artístico, o StoryCreator e o aplicativo Desenhe e Aprenda a Escrever.

Book Creator²⁷

Disponibilidade: Iphone, Ipad, Ipodtouch e Android.

Objetivos: criar livros ilustrados personalizados (ideais para crianças).

Funcionamento: todas as ferramentas estão, literalmente, na ponta dos dedos. Pode-se usar imagens presentes na biblioteca de fotos do iPad para colocar como imagem de fundo das páginas. Após isso, é só posicionar o texto onde você quiser, com a cor, o tamanho e o tipo desejados. As opções de formatação são bem variadas.

Possibilidades: pode ser aberto diretamente no iBooks do aparelho, ou então enviá-lo por email para alguém. Ele, também, pode abrir em outros aplicativos compatíveis, inclusive o Dropbox (caso o tenha instalado no iPad), enviando as informações para a nuvem.

Outras características: Ao iniciar o book creator inicia-se a criação de um livro clicando apenas em novo livro ou no ícone +. Outras opções são: duplicar livros, combinar livros ou importar livro da biblioteca. Ele permite a criação de seus próprios livros digitais ilustrados, diretamente no *tablet*.

²⁷ Endereço: <https://bookcreator.com/>

StoryCreator²⁸

Disponibilidade: iPhone, iPad e iPod touch.

Objetivos: criar de forma fácil e simples histórias personalizadas, permitindo registrar histórias de vida que podem ser recontadas e compartilhadas com familiares e amigos.

Funcionamento: o usuário inicia a criação de uma história e, para incrementá-la, pode usar fotos, vídeos, textos, desenhos e áudios. Podem ser criadas quantas histórias o usuário quiser e, cada uma delas, pode ter a sua própria capa. O aplicativo permite destacar os trechos mais importantes da história por meio de uma ferramenta de highlights ativada pela voz. Após a criação da história, ela pode ser compartilhada usando diferentes interfaces ou ser enviada às outras pessoas por email. As histórias compartilhadas podem ser comentadas, gerando interatividade.

Possibilidades: as fotos, utilizadas nas histórias, podem ser importadas do Dropbox, do Flickr, do Picasa ou do Facebook. Cada página da história pode conter textos e trechos de gravações de áudio, de modo que as crianças podem então assistir às histórias narradas com a voz dos pais, por exemplo.

Outras características: o aplicativo possui um mecanismo de *backup* que garante o armazenamento das histórias já criadas e evita que histórias gravadas sejam apagadas acidentalmente.

Desenhe e Aprenda a Escrever²⁹

Disponibilidade: iPhone e iPad.

Objetivos: auxiliar no desenvolvimento da motricidade fina e ajudar a criança a aprender a escrever de forma lúdica. As palavras, que são desenhadas na tela

²⁸ Endereço: <https://itunes.apple.com/br/app/story-creator-easy-story-book/id545369477?mt=8>

²⁹ Endereço: <https://itunes.apple.com/br/app/desenhe-e-aprenda-a-escrever/id545187337?mt=8>

do aparelho usando, por exemplo, texturas divertidas como: creme de barbear, ketchup, cobertura de chocolate, giz, lápis, caneta azul, gelatina, pudim de chocolate, xarope, geleia de uva, creme de leite, torta de abóbora, tinta vermelha e pudim de baunilha.

Funcionamento: a criança desenha as letras na tela e, depois, as linhas desenhadas aparecem próximas às letras padrões. Dessa forma, a criança pode comparar seus desenhos aos modelos, aperfeiçoando sua coordenação e habilidade de escrita. O aplicativo também ajuda a criança a se aprimorar ao chamar, gentilmente, a sua atenção quando a escrita está sendo feita fora do circuito previsto (a criança tem a chance de tentar novamente). Quando a criança conclui a escrita, o aplicativo oferece um prêmio para motivá-la a continuar aprendendo. O aplicativo tem vinte e oito opções de fundo – ou seja, papéis de fundo com texturas e estampas diferentes – e inclui listas de conteúdos variados, com temas como letras, números, alimentos, animais, natureza, etc.

Possibilidades: os pais ou responsáveis podem criar listas específicas personalizadas de palavras, por exemplo, com os temas prediletos da criança ou com os itens que ela está interessada em aprender no momento.

Outras características: após a conclusão de cada escrita, o aplicativo revisa o conteúdo elaborado, o que oferece um reforço visual ao aprendido.

As interfaces seguem padrões de usabilidade e principalmente, buscam adotar no design informações visuais relevantes, para possibilitar uma comunicação mais efetiva, no contexto da aprendizagem. Isso implica em avaliar, também, a hierarquia de informações contidas nos aplicativos também. Na seleção feita busquei avaliar a simplicidade das interfaces, priorizando as que fossem intuitivas para a aprendizagem, como o Book Creator. Seu design foi interessante para nosso estudo, pois é de fácil manuseio e permite inserir texto, imagem e som, dentre outras mídias, para compor um e-book, conforme citado.

Além do Book Creator, a aplicação tecnológica na prática da pesquisa, foi composta por outro tipo de OATA, a ser descrito posteriormente.

2.4 Atividades artísticas com objetos de aprendizagem e autismo

A presente pesquisa também investigou propostas de participação de autistas em atividades baseadas em Arte, realizadas em diferentes países, no intuito de verificar as possíveis aproximações de metodologias e de resultados alcançados, apesar das diferenças culturais. No artigo de Pamela Rogers (2017)³⁰, um projeto de acesso ao Livro Branco de Nova York, ela examina formas pelas quais crianças autistas podem ser beneficiadas ao participarem de atividades baseadas em Arte. Tal projeto, discute como as atividades de Arte podem facilitar a comunicação, a socialização e a estimulação sensorial em estudantes com autismo. Esse espaço é considerado o único estúdio de Arte da cidade de Nova York para pessoas com autismo e com outros desenvolvimentos de deficiências. Seu método explora o conceito de neurodiversidade³¹ e a noção de uma cultura de autismo que aponta para uma *savantgarde*, ao longo da história das Artes e das Ciências, tendo como exemplos Andy Warhol, Michelangelo e Albert Einstein.

Para Rogers (2017), a Arte, como meio, facilita o desenvolvimento e a comunicação da linguagem em formas muito específicas. Segundo a autora, a Arte como atividade não-verbal, pode alcançar crianças que têm dificuldades na linguagem. Crianças que são retraídas ou têm problemas de comportamento costumam reagir bem às atividades de Arte. Rogers diz que a criação artística pode ser um meio de expressar pensamentos e sentimentos que não dependem da linguagem falada. Frequentemente, crianças que não são verbais, ou têm capacidade linguística limitada, muitas vezes, podem se comunicar claramente por meio da Arte com menos frustração e ansiedade.

30 A Project Access New York White Paper ArtBeyondSight. <http://www.artbeyondsight.org/mei/wp-content/uploads/White-Paper-Pam.pdf>

31 O termo neurodiversidade foi cunhado pela socióloga australiana e portadora da síndrome de Asperger Judy Singer, em 1999, em um texto com o sugestivo título de: Por que você não pode ser normal uma vez na sua vida? (2018).

As atividades de Arte que coordena são centradas na pessoa com ênfase na capacidade, e não na deficiência, do autista e estão focadas nos processos, e não nos produtos. O ambiente onde ocorrem as atividades é considerado importante, para que se sintam bem. No espaço são estimulados a desenvolverem a criatividade, com alegria. Todos são encorajados a desenvolverem suas próprias visões e não aplicarem as instruções formais ou os métodos que valorizam a cópia de obras já reconhecidas.

Esse caso é interessante em função da mudança de paradigma, que demonstra que autistas podem ser incluídos no sistema da Arte atual. Pode-se dizer que a abordagem é fenomenológica, na medida em que teóricos da fenomenologia, segundo Theresa Van Lith³², argumentam que o significado de uma experiência não é inerente aos objetos, mas está localizada na vida do indivíduo. Nessa abordagem, fazem-se perguntas como "qual é o significado dessa experiência para você?" e "porque que você fez isso?". Para Lith, a fenomenologia, devido à sua orientação aberta e posição imparcial, se presta a explorar a expressão artística, pretendendo ajudar as pessoas que estão tentando se encontrarem no mundo, visualmente, com autoprojeções expressivas e olhando para dentro de si, para criar novos significados. A participação ativa na Arte ajuda a tratar dilemas que surgem devido às dificuldades consigo mesmo e com os outros. Esse processo, para Rogers, capacita os indivíduos a para aplicarem suas habilidades recém-adquiridas em outras áreas de suas vidas, transcendendo o egocentrismo e tornando-os membros participantes do mundo.

No artigo intitulado Autismo, Arte e a Sala de Aula, a professora Claire Tottle (2016)³³ discute e compartilha suas experiências com o ensino da Arte. Para a autora, todas as crianças com espectro autista podem se beneficiar de atividades artísticas pois encontrarão a tranquilidade necessária para realização sensorial. Nos primeiros dias de trabalho, ela observa em um aluno suas

32 LITH, Theresa Van. A Phenomenological Investigation of Art Therapy to Assist Transition to a Psychosocial Residential Setting <http://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ791448.pdf>

33 TOTLE, Claire. Autismo: arte e a sala de aula. Disponível em: <http://network.autism.org.uk/knowledge/insight-opinion/autism-art-and-classroom>. Último acesso 12 de agosto de 2017.

atitudes e suas reações e, a partir dessa aproximação individual, indica as atividades subsequentes. Ela considera que a melhor abordagem é oferecer uma gama de materiais para que o estudante possa escolher livremente. Muitos alunos autistas lutam com a natureza imprevisível da Arte, de modo que ter um tema ou objetivo de lição clara é reconfortante.

As crianças autistas não-verbais geralmente, podem se comunicar por meio de atividades artísticas. A prática expressa os seus pensamentos e é um caminho para que os outros possam conhecê-las. Como exemplo disso, a autora cita a jovem artista americana Iris Grace Halmshall, que foi considerada não-verbal até aos seis anos de idade. Quando os seus pais a propuseram atividades artísticas, ela pegou um pincel e pintou por horas e, atualmente, pinta como profissional.

Tottle diz que alguns autistas se interessam somente por certas atividades, mas a autora cita o desenho de observação como um dos pontos fortes de interesse deles. Um modelo que ela utiliza para incentivar a participação dos alunos é o trabalho compartilhado e em conjunto, inclusive com a professora, numa mesma proposta. Geralmente, a professora trabalha ao lado dos alunos, produzindo sua própria composição. A pesquisadora conclui que por meio da Arte é possível desenvolver as habilidades sociais e que a Arte é também, nesse caso, uma forma de entretenimento.

A arteterapeuta Pamela Ullman (2017)³⁴ destaca que a seleção de certos materiais de arte revela sobre o caráter ou humor de um estudante. A escolha de lápis e de canetas, por exemplo, mostram uma necessidade de controle, sendo escolhidos por uma mente organizada. Já a pintura é uma escolha emocional e a argila ou colagem é escolhida por um aluno confiante.

Para muitos alunos autistas, o contato visual é difícil, por considerarem as emoções e os sentimentos dos outros como um desafio. Nesses casos, sugere-se como atividade o retrato, por exemplo. A arteterapeuta inicia a atividade analisando, com os alunos, uma seleção de retratos de diferentes pessoas,

34ULLMAN, Pamela. ArtTherapyandAutismDisponível em http://www.academia.edu/14191070/Art_Therapy_and_Autism. Último acesso em 30 de setembro 2017.

conversando sobre o que pode estar sentindo a pessoa retratada. Ela sugere, ainda, que os retratos demonstrem uma emoção óbvia, por exemplo, um sorriso. Ela então pergunta: o que faz você se sentir assim? A partir disso, ela trabalha sentimentos como a raiva e a tristeza também, quando apropriado. Mas, a pesquisadora observa que emoções como a timidez ou a excitação podem ser muito complexas para alguns alunos. Nesses casos, sugere, que as crianças então olhem seus próprios rostos nos espelhos, praticando com caretas. Ela sugere que depois disso inicie-se a criação de um autorretrato com lápis ou caneta, de modo que o foco esteja no conteúdo e não na técnica. É interessante ver se o retrato mostra alguma emoção e, em caso afirmativo, qual. Esta atividade é sugerida para os alunos adolescentes lidarem com as mudanças hormonais e o impacto emocional vinculado. Para a autora, ensinar Arte a crianças autistas é uma experiência inspiradora, às vezes surpreendente.

No texto *Educating Children about Autism in an Inclusive Classroom*³⁵, os autores Vianne Timmons, Marlene Breitenbach, MEd e Melissa Mac Isaac (2017) afirmam que os professores podem ajudar no desenvolvimento de habilidades sociais de estudantes autistas. Para que isso seja bem-sucedido, as atividades devem ser devidamente estruturadas e disponibilizadas a todos os professores e estudantes, para reforçar as interações entre estudantes com autismo e outros colegas.

Outro método atualmente aplicado, está relacionado com a utilização de Objetos de Aprendizagem, como meios para se realizar atividades. Como exemplo disso, existem produtos desenvolvidos por pesquisadores da área de Divisão de Engenharia de Avaliações e de Produção (Deap), com design projetado pela área de Desenho Industrial do INT, e fabricados pela empresa Mamulengo Brinquedos Educativos e Pedagógicos. O projeto foi contemplado pelo edital Apoio à Produção de Material Didático para atividades de ensino e/ou pesquisa, da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro - FAPERJ³⁶. No relato de Debora Mota, divulgado no site da FAPERJ, a concepção dos objetos

35http://www.gov.pe.ca/photos/original/ed_autisminc.pdf. Último acesso em 30 de setembro de 2017.

36<http://www.faperj.br/?id=2476.2.2>. Último acesso maio de 2018.

pedagógicos, que considero como objetos de aprendizagem, ocorreu a partir das demandas de professores da Escola Municipal Especial Professora Mariza Azevedo Catarino - em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, escola referência na educação de alunos com espectro autista, - e das discussões com especialistas da Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME), da Universidade Federal Fluminense (UFF), da Universidade Estácio de Sá (Unesa), parceiros no projeto.

O grupo desenvolveu os seguintes objetos: Relógio de Parede e o Quadro de Atividades Diárias para ajudar os alunos autistas a delimitarem sua rotina, estimulando suas noções de percepção do tempo; Jogo de Atenção Conjunta, para auxiliar os autistas a compartilharem o foco de atenção com outra pessoa enquanto ambos se concentram em um mesmo objeto ou realizam uma mesma atividade; e o Jogo da Memória, para estimular a concentração e o aprendizado. Há ainda um boneco em tamanho natural e com expressões faciais, que ajuda na identificação das emoções humanas – dificuldade comum entre os autistas –, e uma prancheta, tipo um cavalete, para desenho e reprodução de imagens, que facilitam a comunicação visual, conforme relatos de Mota (2018).



Figura 5 - Quadro de atividades: um dos objetos desenvolvidos. FONTE: <http://www.faperj.br/?id=2476.2.2> Acesso: 20 de dez de 2017.

Ainda em relação ao estudo sobre os Objetos de Aprendizagem, cito o importante trabalho de Tatiana Fernández (2017), que cunhou o conceito de Objeto de Aprendizagem Poético (OAP). Para a autora:

"a poética nos OAP se refere a situações poéticas de aprendizagem que se propõem como aberturas a cinco dimensões que podem orientar tanto a sua criação como seu uso, análise, avaliação e observação na educação: 1) Abertura aos espaços de experiência estética, que é algo a ser criado, se situa nas relações entre sujeito e objeto e é compreendida como um evento. b) Abertura à singularidade e pluralidade das subjetividades, dos eventos e produtos de aprendizagem. c) Abertura à criação de territórios de subjetivação porque constituem máquinas para criação de espaços de subjetivação com as quais os participantes podem experimentar e inventar outras formas de ser, de se relacionar e de produzir agenciamentos maquínicos. d) Abertura à imaginação como uma das condições para criar territórios de subjetivação, porque se refere à potência do que pode ser e do que ainda não é, e a uma imaginação que não surge só da memória, mas da fabulação. e) Abertura à aparição da diferença e da dissidência, que são rupturas por onde surge o evento da aprendizagem, porque provoca transformações nos sujeitos e nos objetos. Os OAP são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimento que continua a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com os conhecimentos. Assim, pensar na construção de OAP já é, em si mesmo, um ato poético que exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica."

A proposta é inovadora e contribuiu para o desenvolvimento do meu percurso, pois foi possível aplicar o conceito nas atividades que desenvolvemos junto ao grupo 1 – Arte e Equoterapia, compreendendo algumas atividades estéticas e pedagógicas com caráter singular. Os OAP tornaram-se, uma abertura para a imaginação, expressão e resignificação a partir das reflexões da utilização de atividades baseadas em Arte, na experiência da Equoterapia. Os OAP foram fonte de inspiração para a criação de novas propostas de Objetos de Aprendizagem, Tecnológicos, Artístico (OATA).

2.4.1 Objetos de aprendizagem da pesquisa

Após análise de diferentes aplicações e metodologias, e em conjunto com a equipe da ANDE-BRASIL, organizei os dois grupos, no segundo semestre de 2017, recorrendo a uma pesquisa de caráter qualitativo.

Um dos grupos praticou atividades de Arte e, também, de Equoterapia. Já o outro, realizou apenas as atividades de Equoterapia.

Para o grupo 1 – Arte e Equoterapia, considerando os ensinamentos da professora Tatiana Fernandes, criei os seguintes objetos: “Pregadores de encilhamento”, “Espectro do corpo colorido” e o “Pé de pano”.

Pregadores de Encilhamento

Esse objeto de aprendizagem é composto por duas Figuras e duas fotografias das seguintes partes do material do encilhamento (manta, sela, rédeas e cabeçada) do cavalo. As figuras e as fotografias foram impressas, plastificadas e presas em um pedaço de barbante que, por sua vez, foi amarrado em pregadores de roupa. Durante a sessão de Equoterapia, quando o praticante estava montado a cavalo, íamos apresentando as partes do material de encilhamento e, logo após, mostrávamos com os pregadores de encilhamento, como faríamos a atividade. Depois, indicávamos as partes e o praticante deveria pregar no respectivo lugar. Para praticantes com mais facilidade para a comunicação com a fala, após aplicar o pregador, perguntávamos se era figura ou foto. Para os que tem mais dificuldade, colocar o pregador no lugar correto já foi o suficiente. Esse objeto de aprendizagem ajuda a desenvolver a assimilação de informações, trabalhando a memória e a aprendizagem. Ele também pode ajudar na introdução à análise de imagem. Outro fator importante trabalhado diz respeito à coordenação motora; exercícios físicos, como em alongamentos. A atividade com o objeto de aprendizagem “pregador de encilhamento” é lúdica, podendo ser feita enquanto o cavalo anda ao passo ou quando está em posição de auto (cavalo parado). Pode-se representar mais partes do material de encilhamento, nesse tipo de objeto de aprendizagem, dependendo do grau de entendimento de cada praticante de Equoterapia.



Figura 6 - Pregadores de Encilhamento como objeto de aprendizagem desenvolvido para essa pesquisa. Fonte: Arquivo Pessoal

Espectro do Corpo Colorido

Diferentemente do anterior, denominei esse material de Objeto de Aprendizagem Tecnológico Artístico (OATA), em função de seus dispositivos tecnológicos. Nessa atividade foi realizada uma instalação interativa de Arte, desenvolvida com o *software processing 2.1*, a partir de códigos livres. Esse *software* contém algoritmos de visão computacional 3D, pelo dispositivo *Kinnect*, da *Microsoft*, que permite a digitalização de objetos, corpos, ambientes etc. A instalação também foi composta por um projetor, que ampliava a imagem capturada em uma parede de um dos picadeiros da ANDE-BRASIL. Quando nos aproximávamos do dispositivo *Kinnect*, os corpos eram identificados (figura 7), em movimento e, as imagens eram projetadas em uma das paredes. Foi estabelecido, na programação, que a interação ocorreria da seguinte maneira: quanto mais perto do sensor do *Kinnect*, mais quentes eram as cores (vermelho,

amarelo, laranja e rosa), e quando mais afastado, as cores frias surgiam (verde e azul). No dia que foram feitas as atividades com o Espectro do Corpo Colorido, passamos ao lado e, também, andando ao passo pela frente; fizemos auto de lado, de frente e de costas com o cavalo. Andamos distantes e pedimos para o praticante olhar para trás. Falamos para levantar o braço direito ou esquerdo ou ambos, assim como, balançar as pernas, apear, aproximar, dançar, montar novamente. Pedimos para dizer que cor via, ou o que achava que era representava a imagem. Os praticantes também puderam identificar e interagir pela primeira vez, com uma instalação interativa de Arte. Com esse OATA, pudemos trabalhar ludicamente as primitivas da cor luz, a auto identidade, a percepção sensorial, assim como desenvolver exercícios físicos, percepção corporal, lateralidade e incentivar a condução do cavalo para se aproximar de um determinado ponto ou se afastar, ou vir pela direita ou esquerda.



Figura 7 - Espectro do Corpo Colorido. Objeto de aprendizagem tecnológico artístico (OATA) desenvolvido para esta pesquisa. Fonte: Arquivo Pessoal.

Pé de Pano

Considero esse objeto com características de um OAP, composto por cavalo de pano branco com enchimento de algodão. No local da crina e da cola, vulgo rabo, foram costurados velcros (figura 8 e figura 9) para serem aplicadas duas possibilidades de crina e de cola coloridas. Fizemos, também, duas opções de tecidos (preto e marrom) para aplicar no local dos cascos. Os olhos foram representados por dois botões fixos. As atividades com esse objeto de aprendizagem poético podem ser feitas durante a sessão de Equoterapia, porém foram mais efetivas após a sessão. Durante o montar a cavalo, vamos indicando as partes do corpo do cavalo. Já em solo, pedimos, por etapas, para o praticante colocar as partes (crina, cola e cascos) no pé de pano, mostrando as opções e permitindo que ele faça a escolha. Pode-se também indicar a opção que deseja para trabalhar as cores. As atividades com o Pé de Pano, desenvolvem a memorização, a aprendizagem, a criatividade, a coordenação motora fina - para aplicar o velcro e o retirar (tarefa que para muitos praticantes não é fácil), estimulou a percepção e a interação. Muitos praticantes, depois da sessão, quiseram continuar brincando com o Pé de Pano e repetiam com ele as atividades da sessão como galopar e dar beijinhos no animal.



*Figura 8 - Pé de Pano com os velcros e aplicações. Objeto de aprendizagem Poético desenvolvido para esta pesquisa.
Fonte: Arquivo pessoal.*



Figura 9 -Pé de Pano. Fonte: Arquivo pessoal.

Os Objetos de Aprendizagem, elaborados durante as atividades, se inserem dentro de uma metodologia, que considera a pesquisa qualitativa a partir de conceitos apresentados por Uwe Flick (2008), dentre outros, sobre o papel do pesquisador em campo como entrevistador e/ou observador. Nesse sentido, além das funções de entrevistadora e observadora, me posicionei como mediadora, “a partir de dentro”, considerando o trabalho de campo - com coleta de dados, reflexão e desenvolvimento completo da pesquisa prática - para então propor as atividades com Arte e Equoterapia.

2.5 Uma pesquisa qualitativa

Nesse ponto das atividades, foi necessário estruturar o tipo de pesquisa. Dentre as mais variadas, optei pela pesquisa qualitativa. Para Elisa Pereira Gonsalves, a pesquisa qualitativa preocupa-se com “a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica” (GONSALVES, 2011, p. 70), na possibilidade de esclarecer e de interpretar.

Além de entrevistas com os possíveis praticantes da pesquisa e a coleta de dados, e considerando a pesquisa teórica, projetei e realizei atividades práticas com os sujeitos; sendo sete crianças do sexo masculino, previamente indicadas com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como dados produzidos, foram feitos relatórios diários de cada sessão, processo que fez parte da coleta de dados da Equoterapia³⁷.

Ainda para Gonsalves (2011), dependendo dos objetivos, a pesquisa pode ser: exploratória; descritiva; experimental; e explicativa. Os procedimentos de coletas para as pesquisas podem ser do tipo experimento; levantamento; estudo de caso; bibliográfico; documental e participativo. A autora diz que a pesquisa, também, pode ser de campo; laboratório; bibliográfica e documental.

³⁷ É importante lembrar que os sujeitos selecionados são denominados de praticantes. Além disso vale ressaltar que, para a coleta de dados realizei registros fotográficos, entrevistei e conversei longamente com os pais. Também troquei experiências com os mediadores/professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal, que fazem parte da equipe multidisciplinar da ANDE-BRASIL e que auxiliaram diretamente nos atendimentos de Equoterapia. Durante todo o processo, realizei inúmeras anotações, assim como, coletei muitos documentos, como será apresentado no transcorrer dissertação.

Os tipos de pesquisas, segundo a natureza de dados, podem ser ou quantitativa ou qualitativa.

A partir da classificação de Gonsalves, avaliei que a minha proposta de pesquisa é exploratória e explicativa, pois busquei no desenvolvimento de um “determinado fenômeno”, as suas fontes e as suas razões.

Caracterizei os procedimentos de coleta, caracterizei como pesquisa de campo, bibliográfica, documental e participativa. Para Gonsalves (2011), inicialmente, “o pesquisador precisa ir ao campo, no qual o fenômeno ocorre” e, em seguida, propor a efetiva participação da população pesquisada no processo de geração de conhecimento. Nessa modalidade de pesquisa incluí-se outras, como a Investigação-Ação (IA), que caracteriza o procedimento de coleta da minha pesquisa.

Para Coutinho et al (2009), a IA é uma metodologia de pesquisa que aborda principalmente o processo da investigação educacional:

a investigação-Ação regressa de imediato à ribalta para se afirmar como a metodologia mais apta a favorecer as mudanças nos profissionais e/ou nas instituições educativas que pretendem acompanhar os sinais dos tempos, o que só é possível quando toda uma comunidade educativa se implica em um mesmo dinamismo de ação e intervenção (Coutinho et al, 2009. Página 356).

Coutinho et al, traz importantes autores que conceituam a IA como: Jonh Dewey, Kemins, Lewis, A. Latorre e Whitehead. Tais autores consideram a IA como uma metodologia circular. Por exemplo, para Whitehead in Latorre (2003), o modelo de características mais lineares para a investigação baseada na IA, começa quando o pesquisador sente ou experimenta um problema, depois passa a imaginar a sua solução e; em seguida põe, em prática a solução imaginada. Por fim, avalia-se os resultados das ações realizadas, chegando, finalmente, ao processo de modificação da prática, para dar luz aos resultados.

Para David Tripp (2005), o termo Investigação-Ação ou Pesquisa-Ação é uma forma de investigação colaborativa, contendo muitas pessoas dentro do processo. Normalmente, durante a aplicação da investigação, os alunos se engajam, assim como outros tipos de participantes e pesquisadores. Eles

aceitam participar da pesquisa por meio de quatro diferentes modos: obrigação, cooptação, cooperação e colaboração. Para este autor, deve-se ter como meta:

tratar de tópicos de interesse mútuo; ter como base compromisso compartilhado de realização da pesquisa; permitir que todos os envolvidos participem ativamente do modo que desejarem; partilhar o controle sobre os processos de pesquisa o quanto possível de maneira igualitária; produzir uma relação de custo-benefício igualmente benéfica para todos os participantes; estabelecer procedimentos de inclusão para a decisão sobre questões de justiça entre os participantes. (TRIPP, 2005. Pág. 455).

Destaco aqui, que além da IA, tenho como norte, no meu processo de pesquisa qualitativa, a Pesquisa Educacional Baseada em Arte – PEBA. Esse tipo de pesquisa valoriza, no presente estudo, a prática da Arte, a reflexão artística e, principalmente, trouxe novos valores humanos, como professora.

Para Rita Irwin (2013), a PEBA busca perceber os fenômenos educativos das atividades humanas a partir das Artes. Isso, significa que é possível reconhecer onde e como algum processo no quesito educação pode avançar, alterar ou variar a partir da intervenção artística. Nessa linha de reflexão, o artista passa a pensar como educador.

Para Belidson Dias (2013), a PEBA oferece a *A/r/tografia* como uma prática para o desenvolvimento de pesquisa. Nesse tipo de investigação, as perguntas são reformuladas durante o percurso, no qual texto e imagens podem se fundir em uma hibridação, onde as dúvidas e os papéis são cambiados a qualquer momento. Assim, ocorre que os papéis do artista, pesquisador e professor se fundem, questionando o funcionamento das práticas.

Para Rita Irwin (2013), a *A/r/tografia*, pode ser considerada como uma Pesquisa-Ação na prática viva. Para ela, é possível utilizar os tradicionais meios de coleta de dados e de desenvolvimento de uma comum pesquisa científica qualitativa, porém, os pesquisadores que se utilizarão da *A/r/tografia*, também terão outros tipos de percepção e precisarão usar o poder da criatividade e dos elementos artísticos, como - a fotografia, a pintura, a música e as palavras - para

produzir significados adicionais a sua pesquisa³⁸. Desse modo, a Pesquisa-Ação, não só conecta, reconhece e mostra os pontos de vistas dos objetos investigados, mas, também altera e contribui para a própria vida do investigador.

Esta pesquisa envolveu muitos seres vivos, como: as crianças, os arte/educadores, os terapeutas e os cavalos. Como um importante elemento dentro do nosso processo, considere relevante apresentar, a seguir, um pouco sobre o meu extremo e sério relacionamento com o cavalo, cuja presença, sempre foi registrada em fotografias, desenhos e estudos no envolvimento com o ser humano.

2.6. Uma vida quase equina

Se eu fosse contar os elementos equestres que acompanham a minha vida, poderia dizer que existe um para cada dia. Desde criança, sempre preferi as brincadeiras no mato, onde representava algum tipo de bicho. Os brinquedos, que consegui guardar para a minha filha, são miniaturas de cavalos de vários tipos. Entre os animais domésticos, acho não preciso dizer qual deles era o meu favorito. Apesar de ter crescido em apartamento, os meus próprios cachorros tinham que fazer atividades do hipismo para que as brincadeiras fossem mais interessantes, como saltar sobre obstáculos. Com o meu desenvolvimento, optei pelos esportes equestres e muitos amigos fiz nesse mundo. Muitos dos meus livros, dos filmes que assisto, das roupas que costumo usar são, quase sempre, voltadas para algum passeio equestre e duas das minhas tatuagens são de cavalos.

Com o passar do tempo, consegui perceber inclusive que os períodos em que eu estava mais intensamente montando a cavalo e convivendo diretamente com eles, foram os períodos em que o meu corpo e minha mente mais mantinham a saúde e o equilíbrio. Os tempos em que não convivi com esses animais posso dizer que foram até sombrios. Além disso, manter a conexão

³⁸ É importante destacar que essa pesquisa é transdisciplinar, e faz remixes com as metodologias e propostas de pesquisas relacionadas, aproximando pelas práticas e teorias, arte, educação e Equoterapia.

Camille-Cavalos com os outros interesses que encontrei por meio da Arte, da educação e da equoterapia, foram fundamentais para meu equilíbrio emocional. Hoje com 29 anos, já tive a oportunidade de trabalhar e conviver com aproximadamente 300 cavalos.

Nos estudos que realizei sobre o cavalo, procurei entender como foi a evolução da espécie, para compreender como esse animal se aproximou do humano e vice-versa. Busquei também conhecer como seu corpo funciona, assim como trabalha o seu sistema locomotor.

De acordo com André Galvão de Campos Cintra (2010), o cavalo atual passou por muitas transformações. É interessante notar que o primeiro ancestral, de que se tem conhecimento, viveu há mais de 55 milhões de anos. Conhecida como *Hyracotherium* ou *Eohippus*, essa antiga espécie comia folhas e brotos, era quadrupede e tinha 4 dedos em cada pata - com 40cm de altura e 70cm de comprimento -, este ancestral do cavalo viveu no período Eoceno.

O *Eohippus* pode é considerado um ancestral do cavalo (figura 10), porém, a teoria evolucionista do cavalo não segue a sequência dada pela maioria dos pesquisadores, como na ordem dada dos gêneros, conforme cita Cintra (2010): *Propalhaothenum*; *Mesohippus*; *Parahippus*; *Pliohippus*; *Onohippidum*; e *Equus*. Muitas espécies parecidas anatomicamente, como a *Eohippus*, ainda são encontradas atualmente, mas pouco “evoluíram” e não se parecem com o cavalo. A espécie do cavalo moderno viveu, simultaneamente, com alguns de seus possíveis antepassados.



Figura 10 - Vida quase equina

O cavalo, atualmente, tem apenas um dedo revestido pelo casco, totalmente adaptado para fugir de predadores em campos abertos e para se locomover nos mais diversos solos. Sabe-se que o dedo médio durante o processo de mutação da espécie, deixou de se desenvolver, mas aparece nas patas do cavalo como marcas que são chamadas de castanheiras, nos pés, e de machinho, nas mãos. Outras grandes transformações ósseas foram nas arcadas dentárias, que ficaram mais adaptadas para se alimentar de pastagens, e em outros grandes ossos, como a fusão do rádio, a da ulna, da tíbia e a da fíbula; que não podem mais fazer rotação possibilitando rápido ganho de velocidade e de impulsão para o deslocamento.

Para Edwards Elwyn Hartley (1994), o cavalo acompanhou as mais diversas civilizações humanas, deixando de ser apenas uma fonte de alimento e passando a ser um meio para locomoção. As primeiras civilizações primitivas dependentes dos equinos se desenvolveram “sobretudo no Oriente Médio e na Ásia Maior, de onde se espalharam para outras regiões” (HARTLEY, 1994, p.15).

O cavalo foi utilizado, principalmente, na guerra, mas também para outros fins, como: na indústria, onde eram empregados na criação de ferrovias,

puxando trilhos, trens, carroças, moinhos; na agricultura, onde ajudaram a lavrar a terra, puxar carroças para levar os produtos agrícolas; nos serviços militares, onde, até os dias de hoje, temos as polícias montadas e a cavalaria dos exércitos; no esporte e no lazer, que é o que domina atualmente o mercado de cavalos; nas corridas de atrelagem ou corridas de cavalos, nos esportes hípicas - como o adestramento, salto e *cross country* (modalidades olímpicas), nas exposições de raças de cavalos e nos leilões, entre outros. Atualmente, existem mais de 100 raças de cavalos no mundo todo, variando entre pôneis, cavalos e cavalos pesados. Todos executam naturalmente três tipos de andadura: o passo, o trote e o galope.

O cavalo é um co-terapeuta a milhares de anos, sua importância é tão antiga quanto a história da medicina. A origem é data na Grécia Antiga, onde Hipócrates de Cos (460-377 a.C.) aconselhava a equitação como fator regenerador da saúde, em seu livro “Das Dietas”. Na Idade Média, encontramos na ciência árabe registros em um texto de pedagogia, sobre o uso geral da disciplina equestre. Na era moderna, um dos primeiros indícios de sua utilização surgiu na França, em 1965, quando alguns médicos parisienses se interessaram na temática equestre. Atualmente, a Equoterapia é considerada um método de auxílio à terapia convencional, sendo praticada em mais de trinta países. Esse método foi aprimorado e, em 1965, nasceu a reeducação equestre, como mencionam De Lubresac e Lalleri, na introdução do manual, intitulado: A Reeducação Através da Equitação. Nesse período, notaram que a atividade com cavalos possibilita a pessoa deficiente a recuperar-se e a valorizar as próprias potencialidades. O método que proporciona esses resultados será apresentado a seguir.

2.6.1 O método da equoterapia

Para Leif Hallberg (2018), é o movimento do cavalo que faz com que ele seja tão importante em um processo de terapia, mas não posso dizer que é apenas isso.

De acordo com Gabriele Brigitte Walter (2013), internacionalmente, o termo mais utilizado para terapias que utilizam cavalos é terapia assistida por cavalos; em inglês *equine therapy assistant*. Já no Brasil, com o passar do conhecimento técnico-científico, o termo mais adotado foi de Equoterapia. A palavra foi criada e registrada pela Associação Nacional de Equoterapia, no Instituto Nacional da Propriedade Industrial. Homenageando a língua mãe do português, o latim, o radical Equo de Equoterapia vem do gênero *Equus*, da espécie *Equus Caballus*, representando o atual cavalo doméstico. O termo homenageia também Hipócrates, considerado o primeiro pesquisador a esclarecer sobre os benefícios da equitação. A criação do nome também visou um fim estratégico, para melhor reconhecimento do método pelos órgãos competentes. Já a segunda parte da palavra (terapia) vem do grego, de Therapeia.

Essa autora diz que os profissionais que trabalharem com o método da Equoterapia, devem ter formação, principalmente, nas áreas da saúde e da educação, tendo em vista a busca pelo conhecimento e o apreço pelo cavalo. Ela ressalta que as contribuições feitas por este animal, não podem se limitar em apenas "estímulos e funções motoras", que se tem ao praticar exercícios físicos montado, pois também devem por estar em sua presença e em exercer as atividades em solo como, por exemplo, alimentar e higienizar o cavalo. O cavalo é um ser vivo maior do que nós, ele é forte e poderoso, a sua maneira, mas também é muito sensível. Dessa maneira, a Equoterapia pode ser um recurso que trata o indivíduo na sua totalidade.

Em suas apostilas de curso a ANDE-BRASIL (2016) sempre apresenta, como citado anteriormente, Hipócrates como um pesquisador que aconselhava a equitação para regeneração da saúde, a preservação do corpo e, até mesmo, contra a insônia. Para Anabel Corral Granados e Inmaculada Fernández Agís (2011), o termo hipoterapia ou *hipotherapy*, significa "terapia com a ajuda do cavalo", onde a palavra *hippo*, oriunda do grego, significa cavalo. Também de acordo com essas autoras, o primeiro a escrever sobre os benefícios de montar a cavalo foi Hipócrates. Outros importantes antigos relatos encontrados, sobre o

benefício de exercícios com o cavalo, foram os de Galeno, e os de Asclepíades da Prússia, mestres hititas da Idade Média, além dos de Merkurialis, entre outros. Na França, a reeducação equestre (em 1965) já era uma matéria didática para trabalhos científicos sobre a saúde e, nesse contexto, já existiam anteriormente casos de pessoas deficientes que haveriam tido grandes ganhos em suas potencialidades (ANDE-BRASIL, 2016). A Equoterapia em seu sentido completo, independente do termo nacional ou internacional, é recomendada para a reabilitação física ou mental, as dificuldades escolares, os problemas comportamentais, o ganho de tônus muscular e para promover mais qualidade de vida, em um contexto geral utilizando o cavalo como um agente promotor de benefícios. A maioria das citações para resumir o que é a Equoterapia, utiliza o conceito da ANDE-BRASIL:

é um método terapêutico que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou com necessidades especiais. (ANDE-BRASIL, apostila do curso básico de Equoterapia, 2016).

Para Hallberg (2018), os terapeutas com cavalos introduzem atividades das suas áreas enquanto o cavalo se movimenta. A marcha do cavalo, é muito parecida com a do ser humano, porém, mais “fácil e eficaz” para quem recebe os estímulos do passo do cavalo (UCHIYAMA, et al. In HALLBERG, 2018).

O praticante de Equoterapia (figura 11) é a pessoa que está em “atividades equoterápicas”. O andar a cavalo contribui para o ajuste do esquema corporal, como estímulos para o equilíbrio do corpo e da mente. Além disso, a equoterapia é considerada uma atividade completa, onde os campos sensoriais também são estimulados; durante o tempo em que estamos montados a cavalo e em movimento, novas sinapses de células nervosas são realizadas em nosso cérebro.



Figura 11 - Praticante de Equoterapia participante da pesquisa em montaria invertida nas dependências da ANDE-BRASIL. Fonte: Arquivo pessoal.

Vanessa Martins Rubim (2014) traz um interessante estudo sobre subjetividade, educação e o desenvolvimento da criança. Segundo a pesquisadora, o sujeito, enquanto praticante e aluno, e estando nos espaços tanto da Equoterapia, quanto da escola, no mesmo período da vida, poderá estar em um grandioso e contínuo exercício, que o estimule diante das suas subjetividades sociais e como de estudante, conjuntamente.

Para a autora, utilizar o cavalo como um “possibilitador de novas experiências” dá às crianças novos desafios, o tempo todo. O cavalo é um “promotor de sentidos”, pois, como um facilitador de experiências, de emoções e de reflexões, possibilitará sentidos também subjetivos. A autora ainda, esclarece sobre o importante papel do terapeuta que, utilizando-se da relação entre o praticante e o cavalo, poderá se tornar um “provocador de pensamentos”.

Quando se fala em terapeutas no processo da Equoterapia, prefiro utilizar o termo mediadores. Pois nem sempre, os profissionais que acompanham uma sessão de Equoterapia têm formação na saúde. Muitos deles podem ser, também, equitadores ou pedagogos, por exemplo.

Ainda sobre subjetividade, Equoterapia e educação, Rubim (2014) acrescenta que:

colocar o terapeuta na posição de um provocador é um fator potencializador da ação terapêutica junto ao cavalo, acrescenta um elemento intrigante para se repensar sobre a tônica do processo equoterápico na interface com a educação, ou seja, como esse terapeuta captura o pensamento dessa criança no momento do atendimento e nessa conexão procura entender seu funcionamento psicológico para intervir e provoca-la por meio de ações que se entrelacem à prática pedagógica (RUBIM, 2014, pág. 78).

No Brasil, existem quatro programas de Equoterapia que são determinados a partir das necessidades individuais de cada praticante:

1º hipoterapia: voltado para os praticantes que não têm a capacidade de se manterem sozinhos no cavalo. É um programa que visa os elementos básicos de interação com o cavalo como instrumento cinesioterapêutico. Nesse contexto o cavalo, provavelmente, fará mais atividades ao passo e com ritmo e oscilação do corpo. Os praticantes que, normalmente, estão nesse programa são deficientes em situação comprometida fisicamente e/ou mentalmente;

2º programa de educação/reeducação: nesse caso, o praticante já tem uma certa independência, não precisa de apoio completo para ficar em cima do cavalo, e tem alguma interação consciente com o cavalo. Neste programa, são utilizadas muitas atividades pedagógicas e lúdicas tendo como objetivo principal que o praticante venha a conduzir o cavalo, para tanto, a andadura mais utilizada é o passo;

3º programa pré-esportivo: aqui existe mais independência, além das atividades de educação física, fisioterapia e pedagógicas - que são utilizadas nos dois programas anteriores -, é possível que o praticante faça atividades mais voltadas para a equitação, guiando o cavalo com consciência. Nesse programa, o praticante já poderá guiar o cavalo ao passo, ao trote e no galope, podendo até participar de competições específicas de hipismo, ou enduro equestre adaptado;

4º programa prática esportiva para equestre: esse programa tem a finalidade de preparar o praticante de Equoterapia para competições

paraequestres. Como, por exemplo, para as paraolimpíadas, na modalidade de adestramento, uma das modalidades do hipismo adaptado.

Segundo a ANDE-BRASIL, a Equoterapia é indicada para lesões neuromotoras de origem encefálica ou medular; patologias ortopédicas congênitas ou adquiridas por acidentes diversos, disfunções sensório-motoras e distúrbios; evolutivos; comportamentais; de aprendizagem e emocionais. Dessa maneira, as crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista, praticantes desta pesquisa estão sendo corretamente indicadas para a Equoterapia. A Equoterapia foi regulamentada como prática de reabilitação de pessoas com deficiência na Câmara dos Deputados e, atualmente, agora precisa ter o projeto de lei finalizado pelo Senado Federal; a última atualização foi no ano de 2016.

2.6.2 A Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL

Não tenho a intenção de relatar toda a história da Associação Nacional de Equoterapia, mas é importante registrar a sua enorme contribuição na organização e na institucionalizar do método da Equoterapia. Destaco da sua história (2016) que, no ano de 1988, o primeiro representante e fundador da ANDE-BRASIL, o Coronel Lélío de Castro Cirillo, foi à Europa para se aprofundar nos estudos sobre a Equoterapia e para organizar as atividades relativas ao campo. Ao retornar, para a capital do Brasil, em 1989, fundou a associação, em uma área doada da fazenda do presidente. Em 1990, foram feitos os primeiros atendimentos com praticantes com o apoio dos profissionais da saúde do hospital SARAH e, em 1991, foi realizado o 1º encontro Nacional de Equoterapia -, com o apoio da Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE), do Ministério da Justiça e da Universidade Paulista (UNIP) - e o 1º curso de extensão de Equoterapia ministrado pela Dra Danièle Nicolas Cittério – Diretora da Escola Nacional da Associazione Italiana di Riabilitazione Equestre – ANIRE – Itália – Milão . Atualmente, a ANDE-Brasil é reconhecida e tem convênio com a Secretaria de

Estado de Educação do DF - SEEDF³⁹, que, por sua vez, cede os professores da rede pública de ensino, para fazerem parte da equipe multidisciplinar, em tempo integral. Dentre as formações desses profissionais encontram-se pedagogos, fisioterapeutas, psicólogos e educadores físicos. Os equitadores, os terapeutas ocupacionais, os fonodólogos, os auxiliares guias dos cavalos e os demais profissionais administrativos são contratados.

A Equoterapia foi reconhecida, como método, por meio da ANDE-BRASIL pelo Conselho Federal de Medicina, em 1997. Sendo, também, reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, desde o ano de 2008.

A ANDE-BRASIL disponibiliza alguns serviços para sustentar o Centro Básico de Equoterapia, onde os atendimentos feitos às pessoas, são gratuitos e levem de seis meses a dois anos de tempo máximo de tratamento. A Associação, fornece cursos de formação para profissionais que desejam trabalhar com a Equoterapia, criando material bibliográfico e dando aulas na escola de equitação, além de alugar baias para a estadia de cavalos particulares e fazer a captação de recursos em projetos e editais.

Durante a minha convivência com a equipe multidisciplinar do Centro Básico de Equoterapia da ANDE-BRASIL, para desenvolver essa pesquisa, participei da linha do tempo corriqueira da equipe sobre alguns dos processos burocráticos, para a chamada dos praticantes da pesquisa. Existe uma fila de espera com centenas de nomes de pessoas que precisam fazer Equoterapia. Entre os muitos diagnósticos, como Síndrome de Down, paralisia cerebral, deficiências sensoriais, entre outros, está o autismo. Uma colega me trouxe a lista dos autistas e, a partir daí, comecei a entrar em contato telefônico com aqueles que se encontravam dentro dos critérios de inclusão. Entrevistei, inicialmente, oito famílias, das quais sete participaram.

³⁹ “A Direção de Ensino Especial da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, por meio do Ofício N. 51, de 29/08/2005, no qual reconhece a Equoterapia como alternativa diferenciada para o desenvolvimento biopsicossocial dos alunos com necessidades educativas especiais, pois trabalha com conteúdos curriculares e pedagógicos que favorecem a comunicação, autoestima e o resgate da autoconfiança; acredita que o entrosamento entre aluno e cavalo é essencial pelo destaque que representa como instrumento de reabilitação e educação”. Fonte: <https://ead.equoterapia.org.br/mod/page/view.php?id=22> Acesso em 23 de janeiro de 2018.

2.6.3 Processo das entrevistas

Nas entrevistas, inicialmente, expliquei às famílias que os seus filhos estavam sendo chamados para uma participação na minha pesquisa de mestrado, detalhando como ela seria. Depois, peguei alguns dados cadastrais, como: nome da criança, idade, diagnóstico, turma e escola, dias e horários das atividades feitas pela criança, informações básicas sobre os dados dos responsáveis, liberação de uso de imagem e som, autorização de participação na pesquisa, termo de autorização a pratica da Equoterapia, entre outros.

Nesse processo, também, foi possível conhecer um pouco da história das crianças por meio dos seus responsáveis legais. Pedi que posteriormente, em um outro encontro, tais responsáveis trouxessem os documentos exigidos pela ANDE-BRASIL; como a indicação do médico para a Equoterapia, as cópias da carteira de vacina do praticante, o RG e o CPF, dos responsáveis e do praticante, o comprovante de residência e o comprovante de matrícula escolar. Após essas regularizações, marcamos os dias das avaliações psicológicas e fisioterápicas, nos quais estive presente. Em outro encontro, foram feitos os estudos de caso, para determinamos os objetivos dos atendimentos, as sugestões de atividades, os cavalos, o material de encilhamento principal e os profissionais que estariam presentes nas sessões de Equoterapia. Na sequência, foram indicados os dias e horários de atendimento de cada praticante. Todos os atendimentos, tiveram o tempo de 30 minutos de sessão. Mas, em alguns casos, prolonguei as atividades por mais tempo, sem o cavalo, principalmente quando se tratava de alguma atividade que envolvia a Arte. Após todas as sessões, escrevi manualmente, em relatórios diários disponibilizados pela ANDE-BRASIL, o que havia acontecido. Estes relatórios, ficaram em pastas, junto aos outros documentos de cada praticante. Nesses relatórios escrevi os pontos principais de cada sessão, além de indicar o dia, o cavalo, o guia, os mediadores e o material de encilhamento. Para demonstrar, mais detalhadamente, como foram esses processos, apresento a seguinte seção, que tratará agora dos grupos de pesquisa e dos praticantes.

Terceira Seção: Aplicação da pesquisa prática (Grupo 1 Arte e Equoterapia e Grupo 2 Equoterapia)

Essa seção e a próxima descrevem etapas da pesquisa, que apresentam os resultados diferenciados da prática da arte e equoterapias e a prática da equoterapia somente. Nas duas seções destaca-se as escolhas das diferentes metodologias e detalha-se os diferentes resultados alcançados. O texto discorre sobre as atividades realizadas, iniciadas no mês de agosto de 2017, (pausadas no mês de dezembro do mesmo ano e retomadas no mês de março de 2018) e finalizadas no mês de junho de 2018.

Mesmo nos períodos de férias, eu continuei na ANDE-BRASIL para organizar algumas atividades, documentações e promover diálogos com a equipe. Durante o processo, busquei avaliar se ocorreram contribuições, não só para os campos das Artes e da Educação especial, mas também para a saúde dos autistas, considerando as práticas como benéficas, segundo autores como, Jean Piaget (1986), que estuda o desenvolvimento do pensamento infantil e a construção do conhecimento, e ainda, para a recuperação psicológica e social, particularmente na auto descoberta, na comunicação, na autoexpressão, na interação, nos relacionamentos e na identidade social.

Conforme anunciado, nos objetivos, a proposta parte de uma experimentação prática e teórica que busca por meio da interface entre a Arte e a Equoterapia, contribuir para a educação especial - no desenvolvimento cognitivo, motor, criativo e perceptivo -, recorrendo ao imaginário e à criatividade do estudante, por meio de atividades psicomotoras da Equoterapia e de atividades artísticas - como a pintura, o desenho, a manipulação de massa de modelar -, usando materiais pedagógicos mais tradicionais e, também, Objetos de Aprendizagem inovadores. Busquei verificar se as atividades que proporcionam a união dos métodos, durante o período, podem acarretar melhorias na qualidade de vida do praticante.

Nesse caminho, os participantes foram separados em dois grupos: Grupo 1 - Arte e Equoterapia e Grupo 2 – Equoterapia. Os dois grupos praticaram as

atividades de Equoterapia, no segundo semestre de 2017, explorando o cavalo, o ambiente e as atividades corriqueiras. Porém somente o Grupo 1 participou das atividades arte educativas, onde inclui os materiais artísticos e os objetos de aprendizagem. Nesse sentido, o método visou avaliar, de forma qualitativa, se o uso de materiais artísticos e educativos auxiliam no processo de ensino, no desempenho de habilidades motoras e criativas, na expressão, no desenvolvimento de autistas, durante o processo da Equoterapia.

Nessa pesquisa considere-se que ter dois grupos com atividades diferenciadas – um com Arte e Equoterapia e outro só com equoterapia -, pode auxiliar na percepção de como e de quando é mais viável propor um determinado tipo de atividade, com o propósito arte educativo, da melhor maneira.

3.1 Rompendo fronteiras

As crianças autistas são menos propensas, do que outras crianças a aceitarem calmamente a palavra de seu professor, quando a dificuldade para entender conceito parece intransponível. As ajudas visuais, como os Objetos de Aprendizagem, podem colaborar a ilustrar muitos conceitos, fazendo com que pareçam, instantaneamente, mais percebidos pelos sentidos. Esse princípio, também, pode ser aplicado na sala de aula ou em atividades como no método da Equoterapia.

Para Theresa Van Lithatall et al⁴⁰ (2013), as importantes metodologias, que empregam atividades baseadas em arte, têm comprovado que ocorrem contribuições para a saúde mental em vários casos de deficiências. As autoras, realizaram uma revisão bibliográfica onde verificaram pesquisas que indicam que as atividades baseadas na Arte são benéficas para a recuperação

40 LITH, Theresa Van, Margot J. Schofield e Fenner, Patricia. Identifying the evidence-base for art-based practices and their potential benefit for mental health recovery: A critical review. https://www.researchgate.net/profile/Margot_Schofield/publication/232764267_Identifying_the_evidence-base_for_art-based_practices_and_their_potential_benefit_for_mental_health_recovery_A_critical_review/links/00b7d52d0aab377af3000000/Identifying-the-evidence-base-for-art-based-practices-and-their-potential-benefit-for-mental-health-recovery-A-critical-review.pdf

psicológica e social, particularmente, para a autodescoberta, a comunicação, a autoexpressão, a interação, os relacionamentos e a identidade social. Essas descobertas - em conjunto com os benefícios identificados na recuperação clínica, ocupacional e contextual - indicam que as atividades baseadas na Arte podem desempenhar um papel substancial. Para adicionar fundamentação na reflexão, as autoras estão empenhando esforços, em futuras pesquisas para integrar, em particular, os estudos de métodos mistos envolvendo a pesquisa qualitativa e quantitativa; embora já considerem que os valores que obtidos até o momento, sobre a recuperação da saúde mental, já podem validar as evidências atuais.

Considerando, ainda, a pesquisa de Theresa Van Lithatall et all (2017)⁴¹, determinei para as atividades práticas: usar a mesma rotina para começar cada sessão de Arte e Equoterapia; explicar as instruções de forma consistente, despertando a curiosidade para ensinar novas habilidades; e estar atenta às transições entre atividades.

Utilizei, nesse processo, a metodologia artística em conjunto com a Equoterapia, considerando as seguintes atividades:

- 1) o desenho como um processo que tem a função de atribuição de significação ao que se expressa e ao que se constrói;
- 2) a pintura com guache, que pode ser entendida como a Arte da experimentação pela cor;
- 3) a modelagem com argila e massa de modelar, como Arte tridimensional, em que se procura explorar criativamente, por meio do tato, a manipulação dos objetos para aguçar a curiosidade;
- 4) o recorte e a colagem, que propiciam o aperfeiçoamento de conteúdos de coordenação motora, de criatividade e de desenvolvimento da sensibilidade, além de noções de espaço e de superfície;
- 5) a utilização de Objetos de Aprendizagens;
- 6) os brinquedos pedagógicos montessorianos;

⁴¹LITH, Theresa Van, STALLINGS, Jessica Woolhiser, HARRIS, Chelsea Elliott. Discovering good practice for arttherapy with children who have Autism Spectrum Disorder: The resultsof a smallscalesurvey. *The Arts in Psychotherapy*, 2017; 54: 78.

7) os materiais pedagógicos desenvolvidos para e pela Equoterapia da ANDE-BRASIL.

3.2. Critérios de inclusão e exclusão dos praticantes

Para que o comitê de ética de pesquisa da Faculdade da Saúde da (Universidade de Brasília) autorizasse esta pesquisa (envolvendo seres humanos), foi necessário que apresentássemos, na submissão do projeto (pela plataforma Brasil), os critérios de inclusão e exclusão dos participantes. O objetivo desse procedimento foi proteger as informações pessoais dos participantes. Além disso, o comitê solicita que o autor da pesquisa apresente claramente, quais são os possíveis benefícios e riscos que a pesquisa poderia apresentar aos participantes. No caso desta pesquisa, o público selecionado seguiu os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Critérios de inclusão:

1. crianças, de qualquer sexo, diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA); 2. crianças encaminhadas por um médico para fazer Equoterapia. 3. crianças na faixa etária de cinco a doze anos, matriculadas na escola. 4. crianças cujos pais concordassem formalmente, com as suas participações; 5. crianças que pudessem participar da pesquisa na Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL), em parceria com a Universidade de Brasília e; 6. crianças que não tivessem praticado Equoterapia com, pelo menos, dois anos de espaço, e que, preferencialmente, nunca tivessem praticado.

Critérios de exclusão:

1. crianças com comprometimentos físicos e ortopédicos que limitassem a realização de exercícios a cavalo, como: crises convulsivas, osteoporose, luxação de quadril, escoliose acentuada, entre outros; 2. crianças com alergia ao pelo de cavalo; 3. crianças com alergia a materiais artísticos e; 4. crianças com contraindicações médicas para fazer Equoterapia.

Os dois principais riscos desta pesquisa, aos participantes, se relacionam com os materiais arte/educativos e o cavalo. Caso alguma criança tivesse algum tipo de alergia à tinta guache, aos pincéis, ao pelo de cavalo e a outras coisas, seria necessário sermos informados. Pois, no critério de exclusão de participantes, estava explícito os tipos de causas de alergias que não poderiam estar associados aos praticantes. O uso dos materiais, mesmo considerado seguro, poderia provocar intoxicação e contaminação. Nesse caso, os riscos seriam evitados com uso de materiais atóxicos, por exemplo.

Outros esclarecimentos importantes, sobre o cavalo, foram apresentados. Por se tratar de um ser vivo, com características físicas e fisiológicas peculiares, o cavalo pode ter algumas alterações comportamentais naturais, como relinchos e coices, caso algo esteja atrás deles e os assuste. Mas, elucidamos que os cavalos de Equoterapia da ANDE-BRASIL são treinados para atender, especificamente, a tais demandas de trabalho, sendo animais calmos e que sempre estarão acompanhados de profissionais competentes; que evitam as quedas e, para qualquer necessidade de socorro, ela será atendida rapidamente e com segurança.

A partir desses critérios, a seleção dos praticantes (ocorria de maio a junho de 2017) envolveu as seguintes etapas: 1. contatar, por meio da ANDE-BRASIL, os responsáveis das crianças cadastradas no banco de dados da instituição, convidando-os para participarem da pesquisa; 2. apresentar a pesquisa, em uma primeira reunião, aos interessados e captar dados básicos - como nome do praticante, data de nascimento, diagnóstico clínico, tipo sanguíneo, altura, idade, C.P.F, cor/raça, endereço, telefones, cronograma das atividades da semana, escolaridade do praticante, nome dos pais, profissões e renda familiar. Nessa etapa, foram agendadas as datas de avaliações psicológicas e fisioterápicas, além da autorização e do recolhimento da assinatura dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Pesquisa e no Termo de Imagem e Som; 3. efetuar as avaliações psicológicas e fisioterápicas, nas dependências da ANDE-BRASIL. Nessa etapa, os

responsáveis tiveram que levar a avaliação médica que indica e autoriza a prática de Equoterapia (em anexo) e; 4. apresentar as datas, os dias da semana e os horários, dos atendimentos de cada criança (via contato telefônico).

Com essas etapas concluídas, seis praticantes diagnosticados com TEA do sexo masculino, iniciaram as suas participações nessa pesquisa. Adiante, foi me sugerido que incluíssemos mais um praticante, caso houvesse desistência de algum durante a pesquisa; fato que, coincidentemente, aconteceu depois de um semestre de atividades práticas. Iniciamos, então, atendendo sete crianças e finalizamos com seis.

3.3 Análise das atividades de Arte_ equoterapia

Após a seleção e os devidos documentos assinados, exigidos pelo comitê de ética, os praticantes, no primeiro mês de pesquisa, fizeram atividades de aproximação ao cavalo; tocando e acariciando seus pelos, aprendendo a montar e apear (subir e descer do cavalo), andando ao passo, assim como, foram aproximados ao ambiente e às regras de convivência, com a equipe multidisciplinar da Equoterapia (em Agosto de 2017). Durante esse processo, fui avaliando as similaridades dos praticantes, visando equilibrar os grupos. Assim, busquei compor, em cada grupo, crianças com idades aproximadas e com semelhanças de dificuldades a partir do autismo aproximado (avaliação ATEC). Além disso, considerei as expectativas de melhoras esperadas pelos pais, as quantidades de práticas artísticas no contexto escolar e as informações providas das avaliações das fisioterapeutas, das psicólogas e, ainda, a minha própria avaliação, sobre as possibilidades de entendimento de cada praticante, mediante as atividades da Equoterapia propostas no primeiro mês.

Na Equoterapia, exercícios das áreas da fisioterapia, da educação física, da fonodiologia, da terapia ocupacional e da educação têm sido adaptados e aplicados, enquanto os praticantes estão montados ou na presença do cavalo. Ocorre, assim, uma aproximação dessas áreas com a equitação, com ganhos para os aspectos físicos para a educação especial. Pois, a equitação, permite

sair de um tradicional espaço de educação, incluindo os animais e a natureza no aprendizado.

Dessa maneira, no início, para conhecer melhor os praticantes e escolher as atividades de Educação em Artes Visuais, todos eles foram estimulados a iniciar cada sessão com as seguintes atividades: acenar com “beijo” para o cavalo; andar ao passo; tocá-lo quando pedido; fazer alongamento por alguns segundos e identificar cores. Desse modo, fomos percebendo o nível de concentração dos praticantes e como eram as suas habilidades de coordenação com as mãos. Além disso, os praticantes eram, frequentemente, estimulados a cumprimentarem as pessoas, a segurarem as rédeas e a manterem o equilíbrio. Nessa fase, verificamos se eles tinham ou não medo.

Depois do primeiro mês, a equipe me sugeriu um sétimo praticante. Tinha consciência desde o início da pesquisa que nenhuma criança seria igual à outra. Procurei, também, durante as atividades, não analisar tão minuciosamente aspectos “medicinais” dessas crianças, optando por ir ao encontro das suas potencialidades, pelo lado artístico e educativo. Desse modo, me aproximo de pensadores como Jean-Jacques Rousseau (1995), que elucida que devemos ajudar as crianças, seja fisicamente ou psicologicamente, a serem crianças; não as restringindo quanto ao estado atual da idade. Ele anuncia, ainda, que os próprios adultos farão com que o futuro seja determinado pelas suas atitudes atuais. Ou seja, o que um adulto prover para uma criança será determinante ao seu desenvolvimento: “é preciso estudar com cuidado sua linguagem e seus sinais, a fim de que, numa idade em que não sabem dissimular, possamos distinguir em seus desejos o que vem imediatamente da natureza do que da opinião.” (ROUSSEAU, 1995, pg. 50).

A partir da minha experiência na área das Artes e da Equitação, apliquei, basicamente oitenta e nove itens de atividades de Equoterapia, listados a seguir, com os praticantes do Grupo 1 e 2 e trinta e três itens de atividades referentes à Arte e a Educação, apenas com os praticantes do Grupo 1. Totalizando cento e vinte e duas possibilidades de atividades. Ressalto que, para cada praticante, houver diversas possibilidades de aplicação de atividades, assim como a

repetição das mesmas, fazendo com que o processo de cada um fosse fluído e único. Existiram, contudo, casos em que não foi possível inserir determinados exercícios, por diversos motivos, por exemplo, a pouca contribuição da atividade no processo prático.

3.3.1 Passar a limpo as atividades

Visando organizar as atividades que foram realizadas, elaborei algumas tabelas de atividades, preenchidas para cada um dos praticantes, que contém o título da atividade feita com os grupos e as legendas. Na legenda laranja aparecem as atividades feitas da Equoterapia realizadas pelos grupos 1 e 2. A legenda azul apresenta apenas as atividades de Educação em Artes Visuais do Grupo 1. Ao final das tabelas de cada praticante, elaborei uma conclusão das sessões.

As tabelas também apresentam colunas com as avaliações e seus resultados, assim organizadas: 1. realizou satisfatoriamente com orientação; 2. não realizou; 3. realizou às vezes com ajuda e; 4. realizou independentemente. A avaliação foi concluída considerando o contexto geral de tempo. Isso quer dizer que o praticante pode ter conseguido absorver ou não o que foi apresentado como atividade, durante as sessões.

As atividades relacionadas à Equoterapia se basearam em explorar o cavalo e o ambiente, fazer carinho no cavalo, conhecer sua baia, seu piquete e seus alimentos, reconhecer os tipos de solos em que o animal pode percorrer, conhecer a sua anatomia básica, conhecer o material de encilhamento e o material de higiene, sentir o cheiro e as texturas do pelo e da crina de cada animal, conduzir o cavalo explorando uma ou mais andaduras. Nessas atividades exploramos muito o movimento tridimensional do passo do cavalo - para frente, para trás, para um lado, para o outro, para cima e para baixo - que faz com que o praticante se desequilibre e volte a recuperar o equilíbrio novamente. A medula espinhal conectada diretamente à rede neural do ser humano, com o movimento do cavalo trabalha mais energeticamente.

Para Alessandra Vidal Pietro (2017), a Equoterapia, como método, utiliza o cavalo como agente terapêutico, principalmente, pelos benefícios exercidos do seu movimento ritmado, que ajuda a fazer ajustes posturais e também desloca o centro gravitacional da pessoa montada. Assim, a Equoterapia pode ser considerada como uma terapia de reabilitação, principalmente física. Porém, esse método vai além de questões físicas, atribuindo ganhos emocionais.

As atividades de Arte e de educação possibilitaram também um olhar mais reluzente, divertido e cultural dos ganhos durante a pesquisa. Foi emocionante perceber que a união dos elementos entre Arte - pessoa – cavalo é um possível fenômeno de uma maravilhosa hibridização. Com o passar das sessões, observei, percebi e analisei como a junção de grandes áreas, aparentemente distintas, pode apresentar potencialidades de conforto emocional nos autistas.

Além de aplicar atividades com o uso de materiais tradicionais de Arte, consegui desenvolver atividades com objetos de aprendizagem e criar novidades, nesse sentido. Foi possível trabalhar a expressão, a criatividade dos praticantes, o relaxamento, a autoidentidade, a autopercepção e a percepção do mundo. Além de desenvolver diferentes linguagens, trabalhar trocas, brincar, estimular exercícios de coordenação motora e perceber como estava o grau de dificuldade na aprendizagem.

Os praticantes do Grupo 1 Arte e Equoterapia puderam montar e, ainda, pintar o cavalo, reconhecendo cores e partes do animal e pintando em formas de boneco e de cavalo (estilizado em móbile 2d de isopor). Outras atividades também foram desenvolvidas, como pintar em telas de pinturas entrelaçadas a sela, manusear argila e água, montar a cavalo e ter momentos de relaxamento e de expressão.

Incluí, nesse processo, a ideia de interatividade com imagens, que possibilita a usar um objeto de aprendizagem tecnológico artístico – que denominei de “Espectro do corpo colorido” -, no qual ocorrem os estímulos visuais com cores quentes e frias, relacionadas com estar perto ou estar longe da imagem projetada em grande formato, dentro do picadeiro coberto. Essa

atividade, também teve a intenção de chamar a atenção para o conjunto formado pela sua própria imagem do praticante e a imagem cavalo. Outra ideia de atividade foi proposta com um cavalo de pelúcia, composto por diversas partes e que podia ser manipulado, visando reforçar a compreensão sobre as aulas específicas de Equoterapia.

Muitas outras atividades e materiais foram utilizados durante e após o montar a cavalo, como o desenho, o uso de massa de modelar, os Objetos de Aprendizagem já existentes, como o Montessori, o sobre formas, que é um objeto de madeira e que contém pinos para que possam ser encaixadas peças geométricas coloridas e também, os que foram desenvolvidos durante a pesquisa; utilizando fotografia, uso de aplicativo digital (com tablet), colagem de figuras, entre outros. Algumas atividades foram mais aproveitadas do que outras, assim como o prazer em executá-las também variou. O tempo de cada sessão durou trinta minutos, uma vez por semana, durante um ano.

3.4 Os praticantes e os grupos

Nessa subseção apresento uma das mais especiais etapas dessa investigação: as informações coletadas dos sete praticantes. Todos eles, eram crianças do sexo masculino diagnosticadas por médicos, com o Transtorno do Espectro Autista, e seguiam os outros critérios de inclusão para esta pesquisa.

É importante esclarecer, que os pais dos praticantes foram em busca de Equoterapia para que esta auxiliasse no desenvolvimento de seus filhos e que os mesmos concordaram em participar, na minha pesquisa. As crianças que entrevistei e que participaram desta pesquisa, estavam em fila de lista de espera da ANDE-BRASIL. Até janeiro de 2018, a espera por vaga, que demora aproximadamente dois anos, contava com duzentos e quarenta e sete pessoas; variando entre crianças e adultos com alguma deficiência ou com necessidades especiais. Tais pessoas apresentavam, principalmente, as principais patologias/diagnósticos: Autismo, Paralisia Cerebral, Distúrbio Processual Auditivo Central, Deficiente Visual, Acidente Vascular Cefálico, Síndrome de

Down, Alzheimer, Síndrome de West, Transtorno Global do Desenvolvimento, Transtorno do Déficit de Atenção, Hiperatividade, Depressão, entre outros. Essa pesquisa colaborou para que os sete praticantes selecionados, pudessem ser atendidos mais rapidamente.

Os primeiros encontros com as crianças foram junto com os seus pais que, gentilmente, aceitaram participar, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; exigido pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília (TCLE em ANEXO). Em seguida, em conjunto com as psicólogas e fisioterapeutas da ANDE-BRASIL, assisti as avaliações físicas e psicológicas e depois fizemos os estudos de caso, onde foram determinados quais seriam os objetivos com cada praticante. Ao mesmo tempo em que os estudos de caso eram elaborados, comecei a projetar as atividades de cada grupo de pesquisa, bem como aguardar para ver como as crianças se comportavam durante os atendimentos, visando o equilíbrio entre o Grupo 1 e o Grupo 2, no quesito idades aproximadas e dificuldades apontadas, nas primeiras entrevistas.

No mês de agosto, começamos as primeiras sessões de Equoterapia. Durante as quatro primeiras sessões, não inseri nenhuma atividade de Arte com os materiais arte e Objetos de Aprendizagem para o Grupo Arte e Equoterapia. Pois, no primeiro mês somente a aproximação com o cavalo, com o material de encilhamento, com a equipe, com as regras de convivência e com o espaço. Assim, foram inseridas as atividades básicas de Equoterapia, mais voltadas ao cavalo. Nas primeiras sessões, todos os praticantes dos grupos começaram uma nova adaptação com o ambiente e os elementos equoterápicos. Após as quatro primeiras sessões, o Grupo 1, pode começar com atividades Arte educativas.

Em um ano de pesquisa prática (Agosto de 2017/Agosto de 2018) os praticantes tiveram os seguintes números de presença nas sessões de Equoterapia:

Grupo 1 – Arte e Equoterapia

Praticantes	Aproximadamente 32 sessões disponibilizadas
P1	26
P2	13
P5	25
P7	26

Tabela 1 - Os praticantes e a quantidade de sessões realizadas do Grupo 1. Arte e Equoterapia

Grupo 2 – Equoterapia

Praticantes	Aproximadamente 31 sessões disponibilizadas
P3	28
P4	24
P6	22

Tabela 2 - Os praticantes e a quantidade de sessões realizadas do Grupo 2. Equoterapia

A partir dessas tabelas de amostragem não foi possível afirmar se o número de presença interferiu nos resultados.

3.5 Grupo 1 Arte e Equoterapia

Os quatro praticantes diagnosticados com o TEA, que estiveram nesse grupo, fizeram atividades tanto de Equoterapia como de Arte e Educação. São eles Praticante 1, Praticante 2, Praticante 5 e Praticante 7. É importante lembrar que o Praticante 2 participou apenas por um semestre da pesquisa, pois os pais se mudaram para outro país.

3.5.1 O Praticante 1

O Praticante 1 é do sexo masculino e iniciou a pesquisa com 6 anos de idade. É brasileiro, teve uma gestação normal, o parto foi tranquilo - do tipo cesárea. Estuda em uma escola particular de Brasília de método inclusivo e estava cursando o jardim 2 até o final de 2017, sua turma era do tipo regular.

Essa criança fez Equoterapia há três anos, durante um período de três meses, em um outro centro de Equoterapia.

Além da escola, as suas principais atividades, na época eram a psicomotricidade, a terapia ocupacional, o acompanhamento com Fonodíloga e com a psicopedagoga. Esse praticante é uma criança com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, diagnosticada com dois anos de idade. Além disso, foi ressaltado por uma pediatra que ele é TEA não-verbal e tem o relacionamento interpessoal “pobre”; com movimentos estereotipados, déficit de atenção e importantes deficiências no desenvolvimento. Para a médica que o acompanha, precisa ser trabalhada com ele a parte sensorial. Essa criança toma medicação chamada Risperdal.

Em sua avaliação fisioterápica foi apresentado que ele tem andado independentemente, que as idades das aquisições motoras foram todas normais: sustentação da cabeça com três meses; sentou com quatro meses; engatinhou/arrastou com seis meses e; andou com um ano e um mês. Sua locomoção é normal, pula, corre, sobe e desce e o tônus muscular estava normal. Não tem nenhuma dificuldade no equilíbrio estático, nem no dinâmico. Sobre a motricidade nessa avaliação, tudo está normal, exceto a escrita manual; em que a criança apenas faz rabiscos e a sua preensão voluntária ainda é palmar. O Praticante 1, apresenta, também, apraxia. A queixa principal dos pais é a ausência de linguagem, a família utiliza com a criança o método mutigestos⁴² para incentivar a comunicação.

De acordo com a avaliação psicológica (Exemplo em Anexo), o Praticante 1 aceita bem as mudanças de rotina, dorme bem; mas, às vezes acorda de noite. Nunca teve convulsões, nem doenças significativas e tem uma boa respiração. Suas brincadeiras atuais em casa são as de arremessar objetos e as de escutar música. Seu pai relatou, durante o processo, que o filho gosta muito de quebra-cabeças e de organizar os brinquedos. Ainda na avaliação psicológica, foi relatado que o núcleo familiar é composto, pelo pai e pela mãe,

⁴² Multigestos é um método brasileiro desenvolvido para pessoas que tem apraxia ou dificuldade na fala. Fonte: <https://www.multigestos.com.br/pagina/o-metodo.html>. Último acesso em 25 de dezembro de 2018.

pela irmã mais nova e pela avó. Essa criança gosta de andar de bicicleta ainda com rodinhas e aceita bem negociações, principalmente se for com a sua mãe.

O Praticante 1 se higieniza parcialmente sozinho, mas se veste e se alimenta independentemente. É uma criança extrovertida, não tem fobias ou obsessões. Não gosta de ficar ocioso, pois assim fica hiperativo. Ele apresenta, parcialmente histeria e tem dependência emocional, buscando sempre um adulto para o auxiliar. Sobre a linguagem, a criança entende poucas palavras, é gestual, faz pouca mímica facial e às vezes, fala alguma palavra monossílaba, mas nunca fala frases; nem curtas, nem completas. Sobre a compreensão, ele entende e executa ordens simples e complexas. Já sobre a socialização, foi falado que ele ainda não se socializa direito com outras crianças, mas interage bem com outros adultos e busca, parcialmente, contato social - faz contato visual -, além de ter sempre possibilidade de contato. Seu comportamento não é agitado, tem tolerância a frustração, respeita limites e regras, não é opositor e parcialmente tem atenção/concentração. Sobre as habilidades sociais, a criança é parcialmente passiva, não é autoagressiva, nem tem heteroagressividade e, às vezes, é assertivo. É também uma criança carinhosa que divide as suas coisas.

Do ponto de vista da psicóloga que entrevistou a sua família, ele tem uma família adequada. Tal família espera que com a Equoterapia a criança desenvolva a linguagem oral. Ao final dessa avaliação, a psicóloga fez uma síntese do caso, colocando observações complementares citadas pela mãe, tais como: “[...] com aproximadamente 1,7 anos na escola (creche) percebia isolamento e interesses restritos. [...]” (Psicóloga, ANDE-BRASIL, 12 de junho de 2017).

No dia 26 de junho de 2017, foi feito o estudo de caso deste praticante com a equipe multidisciplinar da ANDE-BRASIL. No estudo foi apresentado características importantes – já citadas anteriormente - de acordo com as avaliações físicas e psicológicas. A partir disso, a equipe sugeriu que fossem trabalhadas a área física/sensorial visando desenvolver a percepção corporal global de forma lúdica, explorando ambientes diversos, nos espaços das sessões. Na área psicológica, a equipe sugeriu que seria necessário adequar as

normas básicas de limites e regras, e que se investisse na socialização com a equipe equoterápica. Na área pedagógica e fonoaudiológica seria importante adaptar a criança ao ambiente equoterápico, para reconhecer letras e números. Foi determinado também inicialmente, que o cavalo Pocoyo seria destinado às sessões e o principal material de encilhamento seria a sela inglesa (podendo ser alterado no percurso da pesquisa), pois ela auxilia bastante no equilíbrio e na postura. Selecionamos também o profissional para guiar o cavalo e uma professora da Secretaria de Educação com formação em educação física e uma vasta experiência com a equoterapia, para auxiliar lateral. Assim, a equipe ficou composta por mim, uma educadora física, um guia e os cavalos (mudamos de animal algumas vezes durante a pesquisa).

O Praticante 1 participou de vinte e seis sessões durante o ano de pesquisa prática, sempre acompanhado pela mãe ou pelo pai e, às vezes, a sua irmã mais nova também comparecia. Todas as sessões foram descritas em um registro diário das sessões equoterápicas, fornecido pela ANDE-BRASIL (em anexo). Nesse registro diário, devíamos escrever o que acontecia durante os trinta minutos e, também, era importante inserir o nome do praticante completo, o diagnóstico, a idade, a turma, o horário, o turno, a data de sessão, a lista de presença, o material de encilhamento utilizado, os nomes dos integrantes da equipe (mediador, lateral, guia e cavalo) e o programa de Equoterapia; no caso desse praticante, e de todos os demais, concluí que seriam inseridos no 2º programa. Pois, para a ANDE-BRASIL, tal programa destina-se ao praticante que consegue ter alguma autonomia sobre o cavalo, tendo como objetivos gerais: “desenvolver habilidades e qualidades físicas; introduzir e reforçar aprendizagens pedagógicas; estimular a capacidade de atenção e concentração; desenvolver e estimular autonomia na condução e no trato com o cavalo; introdução às noções básicas de condução independente do cavalo” (ANDE-BRASIL).

Buscando formas de como avaliar o desenvolvimento dos praticantes durante a pesquisa, uma mãe de um dos praticantes, sugeriu um questionário intitulado ATEC. Pesquisando, sobre o assunto, fiz algumas comparações entre

outro popular meio de avaliação que determina o grau de autismo dos indivíduos, e percebi que o ATEC seria um forte aliado. Assim, ao iniciar as atividades práticas, solicitei aos responsáveis, que preenchessem os seus primeiros ATEC⁴³'s (ao final, eles preencheram outro). Esse questionário, que mensura por meio de pontuações a condição das principais características do autismo, auxilia na visualização durante os tratamentos, em que a pessoa estiver fazendo, se o número de pontos em determinadas áreas cai ou sobe. Quanto menos pontos, maiores efeitos positivos estão surgindo do tratamento. Já quanto mais pontos, a pessoa não apresentou melhoras com o tratamento. Desse modo, essa avaliação permite saber a dimensão do tratamento, e aonde se deve trabalhar mais com o avaliado. De acordo com os estudos apresentados pelo *Autism Research Institute* (2017), o ATEC possui quatro categorias de subescalas: 1. fala/comunicação/ linguagem (14 itens); 2. sociabilidade (20 itens); 3. percepção sensorial / cognitiva (18 itens); e 4. saúde / aspectos físicos / comportamento (25 itens). Para o *Autism Research Institute* – ARI -, quanto menor a pontuação, melhor. Sendo assim o praticante em questão, avaliado pela mãe, pensando antes de começar a participar da pesquisa teve a pontuação total de 41, estando quase no meio de uma pontuação de 0 a 100. Verificamos que a categoria que o P1 necessitava de maior desenvolvimento correspondia à fala/comunicação/linguagem. O ATEC foi preenchido pela mãe. A tabela a seguir mostra um exemplo de pontuação pelo ATEC apresentado pelo ARI:

⁴³ De acordo com o *Autism Research Institute Autism Treatment Evaluation Checklist* (ATEC): A diferença do ATEC sobre outros formulários como o CARS (*Childhood Autism Rating Scale*), é de que ele vem sendo utilizado para avaliar as melhoras do autismo, podendo ser aplicado várias vezes durante os tratamentos, diferente de outros que tem o objetivo de apenas dar o diagnóstico. O ATEC foi criado por Bernard Rimland e Stephen M. Edelson, do Instituto de Pesquisa do Autismo e foi traduzido em 20 línguas, inclusive o português. Fonte: https://www.autism.com/ind_atec Último acesso em 20 agosto de 2017.

	Scale I Speech	Scale II Sociability	Scale III Sensory/Cognitive Awareness	Scale IV Health/Physical/ Behavior	Total
	Range: 0-28	Range: 0-40	Range: 0-36	Range: 0-75	Range: 0-180
Centile					
Mild	0-2	0-4	0-5	0-8	0-30
0-9	3-5	5-7	6-8	9-12	31-41
10-19	6-7	8-10	9-11	13-15	42-50
20-29	8-10	11	12-13	16-18	51-57
30-39	11-12	12-13	14-15	19-21	58-64
40-49	13-15	14-15	16-17	22-24	65-71
50-59	16-19	16-18	18-19	25-28	72-79
60-69	20-21	19-21	20-21	29-32	80-89
70-79	22-24	22-25	22-25	33-39	90-103
80-89	25-28	26-40	26-36	40-75	104-
90-99					179
Severe					

Tabela 3- Escala ATEC de autismo

Escolhi o ATEC, ao invés de outros tipos de avaliação/mensuração do grau de autismo, pois o avalei como um importante subsídio para acompanhar o desenvolvimento das crianças durante o percurso desta pesquisa. As subescalas nos auxiliaram a perceber as melhoras ou as pioras no cotidiano de cada participante. Desta maneira, o ATEC que foi preenchido pela mãe do Praticante 1, apresentou os seguintes resultados, no início da pesquisa prática.

Categorias	Pontos
1.Fala/Comunicação/ Linguagem	23
2. Sociabilidade	2
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	6
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	10
TOTAL	41

Tabela 4 - Primeiro ATEC do praticante 1

Já o ATEC que foi por essa mãe, após um ano de pesquisa apresentou o seguinte resultado:

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	21
2. Sociabilidade	1
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	4
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	20
TOTAL	46

Tabela 5- Segundo ATEC do praticante 1

Além da Equoterapia, o P1 também tem atividades escolares, faz outras terapias e recebe estímulos em casa. De acordo com os ATEC'S, após a realização das atividades, o P1 apresentou uma pontuação de 46 pontos, que demonstra uma piora no quesito saúde/aspectos físicos e no comportamento. Sua avaliação foi melhor nos outros itens, onde ele teve diminuição dos pontos na fala/comunicação/linguagem, na sociabilidade e na percepção sensorial/cognitiva. Concluí, a partir das tabelas que a categoria saúde/aspectos físicos/comportamento poderia receber, em conjunto com a Arte, mais estímulos equoterapêuticos, tais como os providos do movimento tridimensional do cavalo; podendo-se buscar mais exercícios da equitação. Acredito que qualquer

atividade e momentos que passamos com esses animais, são diferenciados. A leveza nos atinge, o vento passa pelo corpo e os corpos se unificam. Sem pressa, sem um resultado imediato, só a experiência já é muito válida. O P1 e todos os outros praticantes deste grupo, vivenciaram a conexão cavalo-humano-arte. Nesse contexto, pude presenciar e pensar, holisticamente, neles não apenas como pessoas diagnosticadas com TEA, mas como seres humanos com um milhão de possibilidades adiante. Para demonstrar como foram realizadas as atividades, apresento a tabela detalhada a seguir:

Tabela 6 - Tabela de atividades do praticante 1 do Grupo Arte e Equoterapia

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	Às vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
1.	Acarinhar o cavalo			x	
2.	Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar	x			
3.	Montar da plataforma com auxílio	x			
4.	Montar da plataforma sem auxílio			x	
5.	Montar da plataforma apenas com orientação			x	
6.	Montar do solo com auxílio			x	
7.	Montar do solo só com orientação		x		
8.	Apear para a plataforma com auxílio	x			
9.	Apear para a plataforma apenas com orientação			x	
10.	Apear passando a perna por trás da garupa			x	
11.	Apear passando a perna pela frente do pescoço			x	
12.	Apear para o solo com auxílio			x	
13.	Mandar beijo para o cavalo andar ao passo			x	
14.	Encostar as pernas para o cavalo andar para frente		x		
15.	Segurar as rédeas com duas mãos corretamente			x	
16.	Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda		x		
17.	Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados		x		
18.	Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas			x	
19.	Calçar os estribos			X	
20.	Retirar os estribos			X	
21.	Fazer posição esporte		x		
22.	Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).			x	

23. Inverter a montaria			X	
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados			X	
25. Montar em sela				X
26. Montar em manta				X
27. Higienizar o cavalo do solo			X	
28. Escovar o cavalo montado		X		
29. Alimentar o cavalo do solo		X		
30. A cavalo fazer acline e declive	X			
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	X			
32. Puxar o cavalo do solo			X	
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo			X	
34. Rodar o cavalo		X		
35. Trotar			X	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas		X		
37. Passar por obstáculos		X		
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		X		
39. Por e tirar o capacete			X	
40. Cantar durante a sessão		X		
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão		X		
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão			X	
43. Conversar com a equipe		X		
44. Identificar partes do corpo do cavalo			X	
45. Identificar partes do material de encilhamento			X	
46. Identificar nomes dos profissionais			X	
47. Identificar nomes dos cavalos		X		
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos		X		
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa	X			
50. Andar ao passo transpistado			X	
51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo			X	
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo			X	
55. Toçar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas			X	
56. Identificar partes do próprio corpo			X	
57. Identificar cores no ambiente equoterápico		X		
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico		X		
59. Identificar nomes dos elementos da natureza		X		
60. Toçar em elementos da natureza		X		
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta		X		
65. Manter a postura adequada			X	
66. Brincar de vivo ou morto		X		
67. Brincar de arremesso			X	
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo			X	
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro		X		
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos			X	
73. Deitar sobre o cavalo			X	
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta		X		
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos			X	
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola			X	

78. Relaxar o corpo durante a sessão				x
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar		x		
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta		x		
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido			x	
82. Flexionar os braços	x			
83. Concentrar-se nas atividades			x	
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		x		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo			x	
86. Segurar na crina			x	
87. Encontrar ovos de páscoa		x		
88. Olhar-se nos espelhos			x	
89. Pegar e guardar o capacete			x	
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)			x	
91. Desenhar em papel montado a cavalo			x	
92. Interpretar imagens montado a cavalo			x	
93. Desenhar após à sessão			x	
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual			x	
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo			x	
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão		x		
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo			x	
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão		x		
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo			x	
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão		x		
101. Pintar em tela montado a cavalo	x			
102. Pintar no cavalo “tela viva” do solo	x			
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo		x		
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo		x		
105. Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo		x		
106. Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo			x	
107. Identificar pincéis	x			
108. Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)			x	
109. Realizar atividade com o objeto de aprendizagem “pregadores de encilhamento” a cavalo			x	
110. Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte “Espectro do corpo colorido”.			x	
111. Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – “Pé de pano”.			X	
112. Brincar e identificar cores no portal colorido		x		
113. Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor			x	
114. Pintar o cavalo a cavalo			x	
115. Guardar os materiais de arte após o uso	x			
116. Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores			X	
117. Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte			X	
118. Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo			X	
119. Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais		X		
120. Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.			x	
121. Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico			x	
122. Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas		x		

A partir dessa tabela de atividades do Praticante 1, observa-se que o mesmo realizou mais **às vezes/com ajuda** as atividades durante o tempo referente há um ano, seguido de **não realizou, satisfatoriamente/com orientação** e poucas foram realizadas com **independência**, no decorrer e um ano. Durante as sessões, o praticante não demonstrou nenhum medo do cavalo, sempre se sentiu bem na presença dos animais. Ele foi participativo e gostou de

manusear os materiais de arte e os Objetos de Aprendizagem. Sem eles, nossa comunicação teria sido menos eficiente. Consegui, por meios dos materiais, entender melhor seus desejos.

Para dar continuidade ao processo, pensei em usar, no futuro, objetos manipuláveis; visando melhorar a comunicação, a coordenação motora fina e a expressão desse praticante. Simultaneamente, investiria em exercícios de equitação e equoterapia para fortalecer a sua postura, a sua coordenação motora grossa, a sua percepção espacial, o seu autocuidado e o cuidado com o cavalo.

As atividades individuais, específicas para cada caso, se mostraram importantes e cumpriram os objetivos de maneira satisfatória, pois analisando o que foi proposto pela equipe da ANDE-BRASIL e as metas dessa pesquisa, adequamos para o potencial do praticante os exercícios físicos e as atividades artísticas; diversificamos e exploramos ambientes diversos da ANDE-BRASIL; mostramos as diferenças de cada situação, material e proposta. Como reação a essas ações, o nosso praticante, respeitou as normas básicas de limites e regras; socializou mas não conversou, apenas interagiu com a equipe multidisciplinar; se adaptou ao ambiente equoterápico e ao uso dos materiais de arte e aos objetos de aprendizagem, interagindo e demonstrando o seu conhecimento sobre cores, formas e nomes relacionados às coisas. Além disso, demonstrou interesse em Arte.

Contudo, percebi que como esse praticante tem dificuldade de demonstrar o que pensa e sente, pela comunicação verbal, ele mudava rapidamente de interesse e, muitas vezes, ele apresentou dificuldade para aprender algo novo. A atividade que o possibilitou experimentar o uso de pincéis e tinta a base de água, não tóxica para pintar o cavalo, foi uma das atividades que ele apresentou mais concentração. A Arte para esse praticante pode ser uma grande aliada, para a sua aprendizagem e a sua comunicação, mesmo na Equoterapia. Em muitas das sessões, nos últimos quinze minutos, inseri materiais de artes nas atividades.

Considerarei, também, o registro fotográfico especialmente interessante para essa pesquisa, na medida em que é o registro de uma situação luminosa de um momento preciso. Para mim, esse registro, é um meio de conhecimento sensível, que guarda a memória espacio-temporal. Por essas razões, escolhi algumas fotografias aqui apresentadas, para compor esta pesquisa. A seguir, apresento alguns dos momentos o onde P1 demonstrou concentração em algumas das atividades:



Figura 12 - O praticante 1 realizando a atividade 102. Pintura em "tela viva". Fonte: Arquivo Pessoal.



Figura 13 - O praticante 1 realizando a atividade 101. Pintura em tela sobre o cavalo. Fonte: Arquivo Pessoal.

3.5.2 O Praticante 2

O Praticante 2 deixou de participar da pesquisa depois do 1º semestre, pois a sua família se mudou para outro país; assinando o termo de desligamento da Equoterapia. De acordo com a sua ficha cadastral, preenchida pela mãe na minha presença, o praticante fez seis anos em 2017, e é do sexo masculino. Seu diagnóstico clínico é de autismo leve. Ele é brasileiro, nascido em Brasília. Até o final do ano de 2017, ele estava cursando o 2º período do jardim de infância, em uma escola pública, do Distrito Federal e a sua turma era regular .

Sua renda familiar é de classe média. Suas atividades durante a semana eram compostas por escola, capoeira, natação e terapia. De acordo com a avaliação médica e com o parecer que indica ou não a Equoterapia, esse praticante tem o diagnóstico clínico Transtorno do Espectro Autista. Nesse caso, foi indicada a Equoterapia, para a agitação psicomotora. Ele também foi diagnosticado com dificuldade na atenção e com déficit intelectual. De acordo a sua avaliação psicológica, os maiores problemas para mãe são o equilíbrio

emocional, a concentração, a autoconfiança e a disciplina. Ele foi uma criança planejada, o parto foi domiciliar, fez todo o pré-natal, chorou ao nascer e mamou até os seis meses, depois, iniciou a alimentação. Ele nunca tinha feito Equoterapia.

Sobre a sua saúde, foi ressaltado a alergia ao leite, ao glúten, à poeira, ao ovo e ao mofo, que provocam rinite. Nunca teve convulsões, doenças significativas e sua digestão é boa. A respiração é normal e o sono também. Sobre o déficit cognitivo, foi descrito que ele é uma criança com a inteligência a cima da média. Sobre a sua rotina, ele gosta de brincar com lego, carrinhos, dinossauros, quebra-cabeça, jogos de memória, e é muito bom com tudo que tem detalhes. O praticante, também, tem aversões ao toque e sensibilidade auditiva. Ele aceita mudanças na rotina, quando avisado. Sobre a rotina, apresenta estereotipia do autismo quando está ansioso ou empolgado, mas não quando está nervoso.

O seu núcleo familiar é composto pela mãe, pelo pai e pelo irmão mais novo, numa relação harmoniosa. Foi educado com limites e regras, sempre que necessário. Mas, durante os atendimentos, observei que, quase sempre tínhamos dificuldade com essa questão com o P2. Muitas vezes ele e a família ultrapassavam as regras e os seus pais eram permissivos.

O P2 gosta de brincar ao ar livre e em parques. A família destaca que é religiosa. Ele executa a higiene pessoal sozinho, se veste sozinho e se alimenta sozinho. Sobre os traços da sua personalidade, ele não é extrovertido, não tem fobias nem obsessão. Ele é introvertido, ansioso (não gosta de esperar) e tímido. Ele apresenta linguagem verbal compreensiva, gestual, grita normalmente, faz mímica facial, fala monossílabos, frases curtas e completas; demonstrações de histeria são normais para uma criança de sua idade. Sobre a sua compreensão, ele compreende ordens e executa ordens verbais simples e complexas. Sobre a sua saúde mental, ele não apresenta confusão mental, delírios e nem alucinações. Sobre a socialização, parcialmente, interage bem com outras crianças, mas é muito tímido. Ele interage bem com adultos, busca contato social, tem oportunidade de contato e faz contato visual. Sobre o seu

comportamento, ele não tem tolerância à frustração, mas respeita limites e regras e não é opositor, pois tem atenção e concentração. Sobre as habilidades sociais, não é uma criança passiva, não é autoagressivo, apresenta heteroagressividade (apresentava quando ficava muito incomodado com o ambiente) e assertividade. Sobre o campo da afetividade demonstra carinho especial pela família, divide suas coisas, ajuda quando solicitado e expressa sentimentos.

A percepção da psicóloga, em relação à família do P2, é de que ela é uma família adequada, que não demonstra superproteção, dificuldades em perceber as deficiências, rejeição e indiferença. Mas, é parcialmente uma família ansiosa. A expectativa da família quanto à Equoterapia é de que melhore o equilíbrio emocional, a concentração, a autoconfiança e a disciplina. Sobre a síntese do caso a psicóloga descreve a partir do relato da mãe que P2 desde 1 ano de idade apresentava inteligência a cima da média, demonstrada no vocabulário, criatividade e memória: “Aos 3 anos decorava as histórias dos livros que eram lidas pela família e depois recontava sem ainda saber ler. Compõe músicas, decora poesias e apresenta inteligência considerada a cima da média”. Ainda foi observado que a “sua hipersensibilidade auditiva resulta em heteroagressividade quando fica muito incomodado com o ambiente, tendendo a empurrar, nestes momentos apresenta déficit na coordenação motora fina”. (Psicóloga, ANDE-BRASIL. 12 de outubro de 2017).

Já na sua avaliação fisioterápica, o diagnóstico clínico é colocado como Transtorno do Espectro Autista. Sobre a história gestacional é descrito que ele é o 1º filho. Sua mãe teve uma gestação tranquila, e que dias depois do nascimento, teve leve icterícia, é uma criança que tem disputa entre irmãos dentro da normalidade. Até o 1º ano, tudo normal. A busca de um primeiro diagnóstico foi realizado após os dois anos, foi para a escola com quase 3 anos. A professora e a mãe observaram isolamento e agressividade. Mas só com quatro anos que o seu diagnóstico foi concluído. Foram feitos exames de crânio, ressonância e eletro radiograma, mas tudo normal. Sobre a saúde geral de P2, não faz uso de medicamentos, não tem constipação, nem refluxo gastroesofágico e nunca teve convulsões. Entretanto, teve catarata com um ano

de idade, tendo que passar por intervenção cirúrgica. Atualmente usa óculos, tem miopia e hipermetria.

Sobre a sua forma de comunicação, a fisioterapeuta descreve que com um ano e nove meses ele apresentou vocabulário complexo para a idade. Sobre os tratamentos que fazia, descreve-se que é acompanhado por fonoaudióloga, psicóloga, faz terapia ocupacional e natação. Sobre a idade das aquisições motoras, diz que sustentou a cabeça com três meses, sentou com seis meses, engatinhou/arrastou com nove meses e andou com um ano. É repetido nessa ficha, em comparação com a avaliação psicológica, que a queixa principal é o equilíbrio emocional (labilidade), a concentração e a autoconfiança. Sobre o quadro atual da locomoção, foi descrito que tem locomoção independente. O seu tônus muscular é normal, o seu equilíbrio estático/dinâmico são excelentes; pula de dois pés e em um, corre, brinca de amarelinha. Sobre a sua coordenação motora, é excelente. Sua pressão voluntária é de pinça.

No dia 26 de junho de 2017, foi feito o estudo de caso deste praticante. O estudo de caso apresenta dificuldade de atenção, hipersensibilidade auditiva, inteligente a cima da média e alergias. O ATEC inicial é o seguinte:

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	0
2. Sociabilidade	9
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	3
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	16
TOTAL	28

Tabela 7 - ATEC Praticante 2

As sugestões feitas, no estudo de caso, se relacionam à categoria saúde/aspectos físicos/comportamento e apontam a necessidade de se trabalhar a percepção corporal, as habilidades motoras e a condução de forma

lúdica. Já na área psicológica, a equipe sugere, que se adeque a autoconfiança, a autoestima e a autonomia. Já nas áreas pedagógicas e fonoaudiológica foi proposto que faça jogos com o cavalo e equitação lúdica. A sugestão de cavalo foi para o Guevara, o encilhamento é a sela inglesa e o lateral que começou a nos acompanhar nas sessões deste praticante foi um educador físico , além de um guia de cavalo.

Percebe-se no ATEC (Tabela 8), que os campos que mais precisam de desenvolvimento durante os tratamentos são: saúde, aspectos físicos e comportamento. Após o acolhimento de dados e das quatro primeiras sessões, este praticante foi encaminhado para o Grupo 1 Arte_Equoterapia. O P2 esteve presente em treze das dezesseis sessões aproximadamente oferecidas no primeiro semestre de pesquisa. O programa de Equoterapia escolhido para ele foi o de educação/reeducação. O praticante demonstrou muito prazer em fazer as atividades relacionadas a Arte, apresentando interesse e criatividade. Os objetivos foram, parcialmente, alcançados. Percebe-se no preenchimento das atividades, em seu bloco, que ele não realizou todas as tarefas. Porém, realizou às vezes/com ajuda e satisfatoriamente as atividades que foram propostas.

Tabela 8 - Tabela de atividades realizadas do praticante 2 do Grupo 1. Arte e Equoterapia

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	Às vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
	1. Acarinhar o cavalo			x	
	2. Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar			x	
	3. Montar da plataforma com auxílio	x			
	4. Montar da plataforma sem auxílio			x	
	5. Montar da plataforma apenas com orientação		x		
	6. Montar do solo com auxílio			x	
	7. Montar do solo só com orientação		x		
	8. Apear para a plataforma com auxílio	x			
	9. Apear para a plataforma apenas com orientação		x		
	10. Apear passando a perna por trás da garupa			x	
	11. Apear passando a perna pela frente do pescoço			x	
	12. Apear para o solo com auxílio		x		
	13. Mandar beijo para o cavalo andar ao passo	x			
	14. Encostar as pernas para o cavalo andar para frente		x		
	15. Segurar as rédeas com duas mãos corretamente			x	
	16. Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda		x		
	17. Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados			x	
	18. Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas		x		
	19. Calçar os estribos	x			
	20. Retirar os estribos	x			
	21. Fazer posição esporte		x		
	22. Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).			x	

23. Inverter a montaria			X	
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados		X		
25. Montar em sela				X
26. Montar em manta		X		
27. Higienizar o cavalo do solo		X		
28. Escovar o cavalo montado		X		
29. Alimentar o cavalo do solo		X		
30. A cavalo fazer aclave e declive	X			
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	X			
32. Puxar o cavalo do solo			X	
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo		X		
34. Rodar o cavalo		X		
35. Trotar			X	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas		X		
37. Passar por obstáculos		X		
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		X		
39. Por e tirar o capacete			X	
40. Cantar durante a sessão		X		
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão		X		
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão				X
43. Conversar com a equipe				X
44. Identificar partes do corpo do cavalo	X			
45. Identificar partes do material de encilhamento	X			
46. Identificar nomes dos profissionais				X
47. Identificar nomes dos cavalos	X			
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos		X		
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa		X		
50. Andar ao passo transpistado			X	
51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo		X		
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo		X		
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas			X	
56. Identificar partes do próprio corpo	X			
57. Identificar cores no ambiente equoterápico	X			
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico	X			
59. Identificar nomes dos elementos da natureza	X			
60. Tocar em elementos da natureza				X
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta			X	
65. Manter a postura adequada			X	
66. Brincar de vivo ou morto		X		
67. Brincar de arremesso		X		
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo			X	
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro	X			
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos			X	
73. Deitar sobre o cavalo			X	
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta	X			
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos		X		
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola		X		

78. Relaxar o corpo durante a sessão	x			
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar		x		
80. Criar histórias com a imaginação e contar em voz alta				x
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido			x	
82. Flexionar os braços	x			
83. Concentrar-se nas atividades	x			
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		x		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo		x		
86. Segurar na crina			x	
87. Encontrar ovos de páscoa		x		
88. Olhar-se nos espelhos			x	
89. Pegar e guardar o capacete			x	
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)	x			
91. Desenhar em papel montado a cavalo	x			
92. Interpretar imagens montado a cavalo	x			
93. Desenhar após à sessão	x			
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual		x		
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo	x			
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão	x			
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo	x			
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão		x		
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo	x			
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão	x			
101. Pintar em tela montado a cavalo	x			
102. Pintar no cavalo “tela viva” do solo	x			
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo	x			
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo			x	
105. Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo		x		
106. Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo		x		
107. Identificar pincéis			x	
108. Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)	x			
109. Realizar atividade com o objeto de aprendizagem “pregadores de encilhamento” a cavalo		x		
110. Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte “Espectro do corpo colorido”.		x		
111. Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – “Pé de pano”.		x		
112. Brincar e identificar cores no portal colorido		x		
113. Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor		x		
114. Pintar o cavalo a cavalo		x		
115. Guardar os materiais de arte após o uso			x	
116. Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores	x			
117. Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte			x	
118. Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo		x		
119. Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais			x	
120. Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.			x	
121. Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico			x	
122. Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas			x	

O Praticante 2 teve bastante interesse em todas as atividades que continham materiais de arte e objetos de aprendizagem. Ele também teve bastante facilidade com atividades complexas, como a utilização do aplicativo *book creator*, onde conseguiu até fazer desenhos com o cavalo. Caso fosse possível continuar com o praticante, incentivaria as atividades do grupo 1 Arte e Equoterapia. Principalmente, tentando adequá-lo às regras de convivência e trocas, para recompensas positivas, pois muitas as vezes o praticante nos

testava, não querendo fazer de outra maneira o que era proposto. Relembro que esse praticante, desistiu de participar da pesquisa quando se encerrou o semestre, pois se mudou para outro país.



Figura 14 - Praticante 2 realizando um desenho no app book creator instalado em tablet. Momento da atividade 103 - objeto de aprendizagem tecnológico artístico. Fonte: Arquivo pessoal.

3.5.3 O Praticante 5

O P5 é do sexo masculino e completou 12 anos no final da pesquisa. Ele foi às vinte e cinco sessões, durante a pesquisa. Ele é brasileiro, nasceu em Formosa - Goiás. Está em uma turma TGD referente à 2ª série especial, no turno vespertino de uma escola pública. Sua renda familiar é baixa. Além da escola, outra atividade do praticante é a psicoterapia. O relatório do psiquiatra descreve que o praticante é portador do Transtorno do Espectro Autista, apresentando prejuízos importantes, nos interesses e nos comportamentos

estereotipados, além da baixa tolerância a frustração. O psiquiatra indicou, também, a sala especial e as atividades especializadas. O médico que preencheu a avaliação e o parecer médico que indica Equoterapia, justifica a indicação em função do diagnóstico, para o transtorno de comportamento e cognição e intitula o diagnóstico de “síndrome do espectro autista”.

A família relatou que ele tende a maltratar pequenos animais e é agressivo com as crianças menores; foi levantada a hipótese de ele ser esquizofrênico, pelo psiquiatra. Na avaliação psicológica, foi descrito que o P5 nunca havia feito Equoterapia antes. Ele fez acompanhamento pré-natal. Ele não tem alergias, já teve fortes crises de convulsões, que estão, atualmente, controladas. Sobre o sono, ele dorme com medicação. Suas brincadeiras são com os carrinhos, ônibus e ele tem fixação pelo desenho animado *Frozen*. O praticante tem hipersensibilidade auditiva. Ele aprendeu a aceitar o toque. A queixa principal da sua família é sobre o ajuste tônico e o equilíbrio. Ele não aceita bem as mudanças de rotina. Durante a semana faz, duas vezes por semana, a terapia no CEAL e, nos outros dias, têm os horários livres para lazer (como caminhadas), ele tem uma rotina bem estruturada e não reage bem as mudanças. O núcleo familiar do P5 é composto pelo irmão, pela cunhada com os filhos dela, além de seus pais. Sobre sua educação em casa é descrito na avaliação psicológica que o praticante só faz o que quer e que a família impõe limites quando necessário. O lazer costuma ser no parque da cidade, a ideologia religiosa da família é a evangelismo.

No que concerne aos cuidados especiais, ele se higieniza, se veste e se alimenta sozinho. Não é uma criança extrovertida, tem fobia com a audição (hipersensibilidade), tem obsessão com a personagem Elsa (da animação *Frozen*). É uma criança ansiosa, histérica (quando contrariado grita e bate o pé), que tem dependência emocional, mas não é uma criança tímida.

Sobre a linguagem, ela é verbal compreensiva, gestual e monossilábica. Ele grita, faz mímica facial, diz frases curtas e complexas. Compreende e executa ordens complexas. Sobre a saúde mental, o P5 já apresentou confusão mental, delírios e alucinações: - “o pai relatou que é por causa da medicação”.

No que diz respeito à socialização, ele faz contato visual, interage bem com adultos e crianças do seu tamanho ou maiores, não com as menores. Sobre o comportamento, ele não é agitado, não tem tolerância a frustração, parcialmente respeita limites e regras, é normal opositor, tem atenção/concentração.

M relação à afetividade, ele demonstra carinho especial pela mãe, pelo pai e pela tia. Ele não divide suas coisas, mas ajuda quando solicitado e expressa os seus sentimentos. A psicóloga considerou a família adequada, não sendo superprotetora, e não tem dificuldades em perceber a deficiência, nem o rejeita, não são indiferentes e estão normais, em relação à ansiedade. Quanto à equoterapia, a família espera que o praticante possa ter contato com o animal e que se faça o ajuste tônico. A psicóloga faz uma síntese do caso, a partir do relato do pai, dizendo que desde o parto até os dois meses de vida, o P5 vivenciou internação em hospital, teve hipoglicemia, icterícia, era muito “quietinho” e não mamava. Durante a entrevista o P5 demonstrou ser muito comunicativo e carinhoso. Ele escreve, lê, faz contato visual e inventa brincadeiras. Nesse dia da entrevista, ele levou consigo a sua amiga imaginária, (a Elsa do *Frozen*), conversando e comentando coisas com ela.

Já na avaliação fisioterápica, é descrito que o P5 é o único filho do casal, que já estiveram outros casamentos e filhos dessas outras experiências. A mãe do praticante teve uma gestação normal e o parto do tipo cesárea. O pai relatou que nasceu em morte aparente, mas foi reanimado. Porém, em outros documentos, não se tem essa informação de reanimação. Os pais, notaram que era um bebe “molinho”. O P5 faz uso de Risperidona, (1,5mg), tem o sono bom a audição também. A sua visão é marcada por miopia, estrabismo e astigmatismo com graus elevados. Ele sustentou a cabeça, sentou e engatinhou além do prazo adequado, andou com quatro anos. A queixa principal da família, nesse documento, é sobre o contato com o animal, a melhoraria do equilíbrio e da coordenação. Hoje em dia, ele tem marcha independente e o tônus muscular esta normal. Sobre o equilíbrio estático, sentar, posição militar com olhos abertos, ele não apresenta dificuldade. Mas, tem muita dificuldade em equilibrar com um pé só com os olhos fechados também. Sobre a motricidade, ele alcança

objetos, se alimenta e se veste, tem preensão de objetos, entre outros aspectos normais, porém, apresenta dificuldade em amarrar o cadarço e é ambidestro. Em pé, ele faz movimentos, corre, pula, e, em movimento na marcha, ele sobe e desce escadas com auxílio do corrimão. Sobre a preensão voluntária, é do tipo de pinça. A fisioterapeuta cita e descreve sobre o tônus muscular, normotônico tendendo a hipotonia leve. Ele faz a preensão de pinça, porém, o traçado ainda é um pouco fora de forma, tendo o joelho valgo, observado principalmente, durante a corrida. A profissional concluiu que o P5 tem déficit no equilíbrio dinâmico e na coordenação motora fina e que deverá, durante a Equoterapia, ser inserido no contexto para ampliar o seu vínculo com os animais e com as pessoas; além de melhorar a coordenação motora e o equilíbrio.

O estudo desse caso foi realizado em de junho. Foi observado, nesse estudo, que as características importantes do praticante são: o parto em morte aparente (reanimado), o comportamento sexualizado, os problemas na visão, a hipersensibilidade auditiva, a ambidestria, a linguagem verbal e a corporal e a boa marcha (joelho valgo). Além disso, não reage bem as mudanças. As sugestões, na área física/sensorial, foram para desenvolver as habilidades motoras de forma lúdica, observar possibilidades de futura condução lúdica do cavalo e apresentar o ambiente equoterápico, explorando os aspectos sensoriais. Já as sugestões na área psicológica foram de adequá-lo às regras e aos limites, incentivar a sua socialização e ampliar o seu interesse à partir de objeto de identificação (como o desenho animado *Frozen*, por exemplo). Sugestões na área pedagógica e fonoaudiológica para identificar o ambiente equoterápico (nomes, objetos, letras, números). A queixa da família é sobre o equilíbrio e a coordenação. Foi sugerido, para esse praticante, que o cavalo fosse o Pocoyo, além de mais um guia e uma lateral, com formação em pedagogia, para compor a equipe. Dei preferência à sela inglesa como material de encilhamento. O programa de Equoterapia escolhido foi o de educação/reeducação. O primeiro ATEC de P5 foi respondido pelo pai e deu o seguinte resultado:

Tabela 9 – Primeiro ATEC do Praticante 5

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	5
2. Sociabilidade	24
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	12
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	33
TOTAL	74

Pelo ATEC observa-se que o P5 tem tido maiores dificuldades nas áreas sociais, nos aspectos físicos/comportamento, podendo tais aspectos serem mais desenvolvidos durante o seu tempo na pesquisa e, posteriormente, na Equoterapia ou em outros tratamentos. Das trinta e duas sessões disponíveis, aproximadamente, para os dias de atendimento desse praticante, ele esteve presente em vinte e cinco delas. Durante o processo, a família relatou que o filho também havia sido diagnosticado com Esquizofrenia. O segundo ATEC também respondido pelo pai do P5, após um ano de pesquisa, deu o seguinte resultado:

Tabela 10 – Segundo do ATEC Praticante 5.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	6
2. Sociabilidade	18
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	7
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	25
TOTAL	56

De acordo com o preenchimento dos ATECS, somatizou-se um ponto na categoria 1 (fala/comunicação/linguagem) e subtraiu-se poalgunsntos nas

outras categorias. Totalizando para o primeiro ATEC, 74 pontos e para o segundo ATEC, 56 pontos.

No decorrer das sessões, percebi progressos na aprendizagem e na autoestima do praticante. Ele conseguiu se expressar por meio das atividades com materiais de arte e Objetos de Aprendizagem, aprendeu sobre o cavalo e respeitou mais o animal e a equipe da ANDE-BRASIL. Ele conseguiu desenvolver, também, um pouco da equitação, demonstrando possibilidades para a condução. O caso desse praticante, considero um pouco mais complexo, por causa da adição de diagnósticos clínicos, como demonstra o manual DSM V de transtornos mentais, que apontou os prejuízos específicos dele. As atividades com o P5 são apresentadas a seguir:

Tabela 11 - Tabela de atividades realizadas pelo praticante 5 do grupo 1. Arte e equoterapia

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	Às vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
1.	Acarinhar o cavalo			x	
2.	Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar			x	
3.	Montar da plataforma com auxílio			x	
4.	Montar da plataforma sem auxílio			x	
5.	Montar da plataforma apenas com orientação			x	
6.	Montar do solo com auxílio		x		
7.	Montar do solo só com orientação		x		
8.	Apear para a plataforma com auxílio			x	
9.	Apear para a plataforma apenas com orientação			x	
10.	Apear passando a perna por trás da garupa			x	
11.	Apear passando a perna pela frente do pescoço			x	
12.	Apear para o solo com auxílio			x	
13.	Mandar beijo para o cavalo andar ao passo	x			
14.	Encostar as pernas para o cavalo andar para frente			x	
15.	Segurar as rédeas com duas mãos corretamente			x	
16.	Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda			x	
17.	Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados			x	
18.	Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas			x	
19.	Calçar os estribos			x	
20.	Retirar os estribos			x	
21.	Fazer posição esporte		x		
22.	Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).			x	

23. Inverter a montaria		X		
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados		X		
25. Montar em sela				X
26. Montar em manta		X		
27. Higienizar o cavalo do solo			X	
28. Escovar o cavalo montado			X	
29. Alimentar o cavalo do solo			X	
30. A cavalo fazer acline e declive	X			
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	X			
32. Puxar o cavalo do solo			X	
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo			X	
34. Rodar o cavalo		X		
35. Trotar			X	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas			X	
37. Passar por obstáculos			X	
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		X		
39. Por e tirar o capacete	X			
40. Cantar durante a sessão		X		
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão		X		
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão				X
43. Conversar com a equipe				X
44. Identificar partes do corpo do cavalo			X	
45. Identificar partes do material de encilhamento			X	
46. Identificar nomes dos profissionais	X			
47. Identificar nomes dos cavalos	X			
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos			X	
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa	X			
50. Andar ao passo transpistado			X	
51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo		X		
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo			X	
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas			X	
56. Identificar partes do próprio corpo	X			
57. Identificar cores no ambiente equoterápico	X			
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico			X	
59. Identificar nomes dos elementos da natureza				X
60. Tocar em elementos da natureza	X			
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta	X			
65. Manter a postura adequada	X			
66. Brincar de vivo ou morto		X		
67. Brincar de arremesso		X		
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo	X			
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro	X			
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos	X			
73. Deitar sobre o cavalo		X		
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta			X	
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos		X		
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola			X	

78. Relaxar o corpo durante a sessão			x	
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar		x		
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta				x
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido			x	
82. Flexionar os braços	x			
83. Concentrar-se nas atividades			x	
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		x		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo			x	
86. Segurar na crina			x	
87. Encontrar ovos de páscoa			x	
88. Olhar-se nos espelhos			x	
89. Pegar e guardar o capacete	x			
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)			x	
91. Desenhar em papel montado a cavalo			x	
92. Interpretar imagens montado a cavalo	x			
93. Desenhar após à sessão	x			
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual			x	
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo			x	
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão	x			
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo	x			
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão	x			
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo			x	
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão		x		
101. Pintar em tela montado a cavalo	x			
102. Pintar no cavalo “tela viva” do solo	x			
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo			x	
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo			x	
105. Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo			x	
106. Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo			x	
107. Identificar pincéis			x	
108. Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)				x
109. Realizar atividade com o objeto de aprendizagem “pregadores de encilhamento” a cavalo	x			
110. Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte “Espectro do corpo colorido”.	x			
111. Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – “Pé de pano”.	x			
112. Brincar e identificar cores no portal colorido	x			
113. Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor			x	
114. Pintar o cavalo a cavalo			x	
115. Guardar os materiais de arte após o uso			x	
116. Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores		x		
117. Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte			x	
118. Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo		x		
119. Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais			x	
120. Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.			x	
121. Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico			x	
122. Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas		x		

O Praticante 5 realizou a maioria das atividades **às vezes/com ajuda**, seguido de atividades realizadas com **satisfatoriamente/com orientação** e muitas vezes **não realizou**. Poucas, foram feitas com independência. Porém, esse praticante se sentia alegre nas atividades com arte e com os Objetos de Aprendizagem que entrou em contato, durante a sessão de Equoterapia. Ele sempre perguntava se haveria alguma atividade com os materiais, e estava, frequentemente, aberto para brincar e para aprender, além de se expressar.

Trabalhamos as suas habilidades motoras de forma lúdica. Nas sessões ele conseguiu fazer um pouco de condução do cavalo, perceber o ambiente equoterápico e ter estímulos sensoriais; tanto com o cavalo, como com os materiais os de arte e os Objetos de Aprendizagem. Ele se adaptou as regras e aos limites e socializou com a equipe multidisciplinar. Buscamos, também, ampliar o interesse dele para além do desenho *Frozen*. Ele identificou nomes, objetos, letras, números, formas e cores. Foram, também, desenvolvidas atividades que estimularam a sua coordenação motora e o seu equilíbrio, principalmente pelo movimento do cavalo e pela interação com os materiais que desenvolvem a motricidade. Nesse ponto, vale destacar que trabalhos com animais e com as Artes são muito benéficos para pessoas esquizofrênicas, como demonstra os trabalhos da psiquiatra Nise da Silveira. Além disso, como equipe, tentamos sempre incentivar que ele fizesse mais carinho no cavalo que montava.

Pensando sobre o desenvolvimento prospectivo do P5, continuaria a investir em exercícios usando materiais de artes, materiais pedagógicos e objetos de aprendizagem, assim como exercícios da Equoterapia, que estimulem a equitação mais independente. Apesar de não ter percebido tanta melhora na sua coordenação motora global, esse praticante tem potencial para desenvolver habilidades que o levariam ao terceiro programa, chamado de pré-esportivo.

Com P5 foram desenvolvidos, também, exercícios que trabalham suas habilidades sociais, ampliando os seus interesses com o seu ambiente externo. No caso em questão, observei com clareza o seu comportamento estereotipado, mas não percebi tanta intolerância com o erro ou com o sentimento de frustração, prejuízos que foram apresentados pelo psiquiatra do P5. Esse praticante demonstrou grande potencialidade e interesse de aprender e de expor seus sentimentos, com a utilização de materiais de arte e dos Objetos de Aprendizagem.



Figura 15 - Praticante 5 realizando atividade com argila e água durante a sessão de Equoterapia. Momento da atividade 97. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 16 - Praticante 5 realizando atividade com o objeto de aprendizagem "pregadores de encilhamento". Momento da atividade 109. Fonte: Arquivo pessoal.

3.5.4 O Praticante 7

O Praticante 7 é do sexo masculino, e finalizou a pesquisa com 10 anos. Nasceu e reside em Brasília. Estuda em uma escola pública do Distrito Federal, sua turma é especial. Sua renda familiar é de classe média. Seu diagnóstico clínico, relatado pela sua mãe, é de autismo e de cromossomo x-frágil. Outros pareceres, médicos e escolares, citam que ele é diagnosticado com o Transtorno do Espectro Autista e síndrome do cromossomo X frágil⁴⁴ com espectro autista. Além de frequentar a escola, o P7 fazia tratamentos, como de fonoaudiologia e a terapia ocupacional. A médica que indicou a Equoterapia, justifica que o menor tem atraso neuropsicomotor e necessita de estimulação contínua. P7 fazia uso da medicação respiridona.

Na sua avaliação com a psicóloga da ANDE-BRASIL, a sua família relatou que seus problemas principais são a ansiedade, a agitação e a fala. Tal família espera, que com a Equoterapia, esses prejuízos melhorem, assim como, a coordenação motora do P7. Esse praticante nunca fez Equoterapia. Sua mãe procedeu com acompanhamento pré-natal, ele chorou ao nascer e mamou no peito. Ele tem rinite alérgica, nunca teve convulsões e sua digestão é boa. Ele não tem transtorno alimentar, respira pela boca, dorme bem, mas apresenta déficit cognitivo. Na sua rotina ele costuma brincar com carrinho, assistir desenhos animados, brincar de teatro com a irmã mais nova. O núcleo família é composto pelos pais e pela irmã. Ele não lida bem com os limites e as negociações; que são impostas pelos pais, sempre que necessário. Sobre o lazer, os pais comentam que saem muito pouco. A família é religiosa.

Quanto aos cuidados pessoais, o P7 faz a sua higiene, se veste, parcialmente, sozinho, mas consegue comer por conta própria. Sua personalidade é extrovertida, não têm fobias e obsessões. Ele é ansioso, mas não apresenta histerias e timidez. A sua linguagem é, parcialmente, verbal e

⁴⁴ De acordo com o Centro de pesquisa sobre o Genoma Humano e Células Tronco, a síndrome do cromossomo x frágil é caracterizada por “deficiência mental e padrão da herança dominante do ligado ao cromossomo x”. Alterações no comportamento e a outras áreas podem ser ligadas ao Transtorno do Espectro Autista. A síndrome do cromossomo x frágil é causada por mutação no gene FMR1. Fonte: <http://www.genoma.ib.usp.br/pt-br/servicos/consultas-e-testes-geneticos/doencas-atendidas/sindrome-do-cromossomo-x-fragil> Acesso em: 25 de dezembro de 2018.

compreensiva. Ele recorre à linguagem gestual, com gritos, mímica facial e se expressa por monossílabos e não fala frases. Compreende ordens e executa as ordens verbais, simples e complexas. Sua saúde mental está boa. No quesito socialização, ele interage com outras pessoas, mas faz, parcialmente, a busca de contato social e contato visual. Seu comportamento é agitado, não tem tolerância a frustração (chora e se morde), respeita os limites e as regras, às vezes (na base da troca), porém, consegue ter atenção e concentração quando está interessado. Sobre as habilidades sociais, a avaliação mostra que ele é passivo, auto e heteroagressivo. Não foi observado se ele é assertivo. Em relação à afetividade, ele demonstra carinho pela família, mas, divide pouco suas coisas e pouco ajuda, quando solicitado. Além disso, pouco expressa os seus sentimentos. A psicóloga observou que a família tem uma relação adequada. Porém, a família evita sair com o P7, pois tem dificuldades com o seu comportamento. Mas, a família não é superprotetora e não tem dificuldade de perceber a deficiência do praticante. A família não o rejeita, não é indiferente, mas a mãe é ansiosa. A psicóloga complementa, na síntese do caso que o “pai tem grande dificuldade em lidar com os comportamentos do filho”. (Psicóloga, ANDE-BRASIL, junho de 2017).

Já na avaliação fisioterápica, cita-se que a gestação desse praticante foi tranquila, mas que no oitavo mês a mãe teve placenta prévia, teve hemorragia e ficou internada cinco dias e que, depois, novamente, teve sangramento e foi direcionada para a sala de parto, onde o bebê nasceu. Quando a criança tinha um ano e seis meses, iniciou-se uma investigação de algum possível diagnóstico que, aos três anos, foi fechado: de autismo e de síndrome do cromossomo X frágil. O P7 sustentou a cabeça aos quatro meses, aos seis meses sentou, não engatinhou, mas se arrastou aos onze meses e andou com um ano e sete meses. Segundo essa avaliação, ele não teve dificuldade no equilíbrio estático, como sustento da cabeça e sentar. Porém, não foi observado se ficava de um pé só em pé, tanto de olhos abertos, quanto fechados. No equilíbrio dinâmico, foi descrito que ele não tem nenhuma dificuldade. Sobre a motricidade e AVD'S (avaliação de vida diária), a fisioterapeuta descreveu que o P7 alcança objetos,

usa as duas mãos, se alimenta, se veste com auxílio, faz apreensão de objetos, se higieniza com auxílio, caminha mas não escreve. Fala algumas coisas, mas conhece todas as letras do alfabeto e as soletra. Não foram feitas considerações sobre anormalidades na coordenação motora e na coordenação dinâmica. Mas em pé, ele faz as transições de movimentos e a marcha está normal. A apreensão voluntária, de acordo com a avaliação, é de pinça (porém no processo das sessões ele fazia mas apreensão palmar). Na avaliação também não foram apresentadas anormalidades no tônus muscular.

No estudo de caso do P7, feito no dia 19 de junho de 2017, em conjunto com a equipe multidisciplinar da ANDE-BRASIL, discutimos que as características importantes do praticante são: agitação, déficit de atenção e cognitivo, atraso neuropsicomotor, auto e heteroagressividade, criança pré-maturidade. Ressaltamos, ainda, que ele é carinhoso e amoroso com a mãe e que o ganho de tônus muscular é importante, no seu caso.

As sugestões da área física/sensorial foram: Desenvolver a coordenação corporal global, a autonomia sobre o cavalo e explorar a localização espacial. As sugestões da área psicológica foram: desenvolver a socialização e a vinculação com o ambiente equoterápico. As sugestões na área pedagógica e fonoaudiológica foram: apresentar noções básicas de reconhecimento de cores, números e letras. Outras observações complementares também foram feitas sobre: “Coordenação motora”, desenvolver a fala e “socialização”. A sugestão de cavalo foi o animal Pocoyo, porém no transcorrer do tempo, ele montou outros cavalos. O encilhamento base foi a sela inglesa. A sua equipe também foi composta por um guia, para puxar o cavalo, e um educador físico como lateral, profissional que foi alterado no decorrer da pesquisa. O programa de Equoterapia escolhido foi o segundo, chamado de Educação/Reeducação. O primeiro ATEC do P7, preenchido pela mãe, mostra o seguinte resultado:

Tabela 12 - Primeiro ATEC do praticante 7.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	12
2. Sociabilidade	9
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	11
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	36
TOTAL	68

Pelo ATEC, observei que o P7 tem tido maiores dificuldades na área de saúde/aspectos físicos/comportamento. Das trinta e duas sessões disponíveis, aproximadamente, para os dias de atendimento desse praticante, ele esteve presente em vinte e seis delas.

O segundo ATEC do P7, após um ano de pesquisa, foi preenchido novamente pela sua mãe, constatando o seguinte resultado:

Tabela 13 - Segundo ATEC do praticante 7.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	9
2. Sociabilidade	14
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	13
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	36
TOTAL	72

Observando as duas tabelas do ATEC, de acordo com a mãe, em um ano de espaço entre o preenchimento de um para o outro, o P7 teria diminuído a pontuação na categoria 1. Fala/Comunicação/Linguagem(-5), apresentando melhoras nesse campo. Já no campo 2. Sociabilidade, o P7 teve um aumento de pontos (+5), podendo ser um campo mais prejudicado. Na categoria 3. Percepção Sensorial/Cognitiva houve também aumento de dois pontos. Já na categoria 4. Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento a pontuação continuou a mesma (curiosamente, quando é observado os questionários do ATEC na categoria 4 a A pontuação final do P7, 36 pontos, é a mesma, mas nem todas as respostas são iguais em cada avaliação).

Em todos os nossos encontros, o praticante estava acompanhado da mãe e da irmã mais nova. As realizações do P7, durante um ano de pesquisa prática, estão apresentadas na seguinte tabela:

Tabela 14 - Atividades realizadas pelo Praticante 7.

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	Às vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
1.	Acarinhar o cavalo	x			
2.	Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar			x	
3.	Montar da plataforma com auxílio	x			
4.	Montar da plataforma sem auxílio			x	
5.	Montar da plataforma apenas com orientação			x	
6.	Montar do solo com auxílio		x		
7.	Montar do solo só com orientação		x		
8.	Apear para a plataforma com auxílio			x	
9.	Apear para a plataforma apenas com orientação		x		
10.	Apear passando a perna por trás da garupa		x		
11.	Apear passando a perna pela frente do pescoço			x	
12.	Apear para o solo com auxílio			x	
13.	Mandar beijo para o cavalo andar ao passo	x			
14.	Encostar as pernas para o cavalo andar para frente		x		
15.	Segurar as rédeas com duas mãos corretamente			x	
16.	Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda		x		
17.	Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados			x	
18.	Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas			x	
19.	Calçar os estribos			x	
20.	Retirar os estribos			x	
21.	Fazer posição esporte		x		
22.	Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).			x	

23. Inverter a montaria			X	
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados			X	
25. Montar em sela				X
26. Montar em manta				X
27. Higienizar o cavalo do solo			X	
28. Escovar o cavalo montado		X		
29. Alimentar o cavalo do solo			X	
30. A cavalo fazer aclone e declive			X	
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	X			
32. Puxar o cavalo do solo			X	
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo			X	
34. Rodar o cavalo		X		
35. Trotar			X	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas			X	
37. Passar por obstáculos			X	
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		X		
39. Por e tirar o capacete			X	
40. Cantar durante a sessão			X	
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão			X	
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão	X			
43. Conversar com a equipe		X		
44. Identificar partes do corpo do cavalo			X	
45. Identificar partes do material de encilhamento			X	
46. Identificar nomes dos profissionais			X	
47. Identificar nomes dos cavalos	X			
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos		X		
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa	X			
50. Andar ao passo transpistado			X	
51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo	X			
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo			X	
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas			X	
56. Identificar partes do próprio corpo			X	
57. Identificar cores no ambiente equoterápico	X			
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico			X	
59. Identificar nomes dos elementos da natureza			X	
60. Tocar em elementos da natureza			X	
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta			X	
65. Manter a postura adequada			X	
66. Brincar de vivo ou morto		X		
67. Brincar de arremesso			X	
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo	X			
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro			X	
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado			X	
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos			X	
73. Deitar sobre o cavalo			X	
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta		X		
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos		X		
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola			X	

78. Relaxar o corpo durante a sessão			X	
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar		X		
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta			X	
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido			X	
82. Flexionar os braços			X	
83. Concentrar-se nas atividades			X	
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		X		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo			X	
86. Segurar na crina			X	
87. Encontrar ovos de páscoa			X	
88. Olhar-se nos espelhos	X			
89. Pegar e guardar o capacete			X	
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)			X	
91. Desenhar em papel montado a cavalo			X	
92. Interpretar imagens montado a cavalo			X	
93. Desenhar após à sessão			X	
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual		X		
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo			X	
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão		X		
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo			X	
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão		X		
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo			X	
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão		X		
101. Pintar em tela montado a cavalo			X	
102. Pintar no cavalo “tela viva” do solo			X	
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo			X	
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo			X	
105. Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo		X		
106. Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo			X	
107. Identificar pincéis			X	
108. Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)			X	
109. Realizar atividade com o objeto de aprendizagem “pregadores de encilhamento” a cavalo			X	
110. Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte “Espectro do corpo colorido”.			X	
111. Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – “Pé de pano”.			X	
112. Brincar e identificar cores no portal colorido		X		
113. Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor			X	
114. Pintar o cavalo a cavalo			X	
115. Guardar os materiais de arte após o uso			X	
116. Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores		X		
117. Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte			X	
118. Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo			X	
119. Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais			X	
120. Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.			X	
121. Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico		X		
122. Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas		X		

O P7 realizou mais as atividades da coluna **às vezes/com ajuda**, seguido de **não realizou** muitas atividades, poucas fez **satisfatoriamente/com orientação** e poucas realizou com **independência**. Esse praticante, além do diagnóstico do TEA, apresenta a síndrome do cromossomo do X frágil. Isso corresponde a mais um fator de dificuldade em executar as atividades propostas. Porém, foi muito interessante ver o quanto ele gosta dos cavalos e de montar, demonstrando suas emoções; parecia sempre muito feliz por estar indo

à ANDE-BRASIL. Sobre as atividades do seu grupo, Arte e Equoterapia, ele não demonstrou tanto interesse quando usamos materiais de arte sobre o cavalo, por isso, aproveitei o uso dos materiais e as respectivas atividades para fazer trocas, quando montado a cavalo. Trocando a interação por tipos de atividades que ele gostava mais, como: “mais rápido”. Como ele mesmo pedia para irmos do passo até chegar ao trote. Já que o P7 é uma criança que tem muitas dificuldades com as regras e os limites solicitados pelos adultos, a utilização de materiais de arte e Objetos de Aprendizagem foi mais produtiva quando os objetivos visavam o compartilhamento dos objetos e a convivência com sobre as regras e os limites; principalmente quando ele estava montado a cavalo. Foi possível também perceber muito a criatividade do P7, principalmente nas atividades que continham a possibilidade de diálogo entre possíveis personagens como, por exemplo, a atividade com os objetos de aprendizagem (que incluía os móveis de isopor em 2D, para pintar, e “Pé de Pano”). O P7 gosta de entrar no campo da sua imaginação e criar um diálogo com ela. Percebi, também, que o P7 muitas vezes não quis desenvolver nenhuma atividade com Arte e os objetos, pois ele, realmente tem grande dificuldade com a coordenação motora, principalmente a fina, então ele desiste, automaticamente.



Figura 17 - Praticante 7 realizando a atividade de pintar móbil de isopor 2D em forma de cavalo. Momento da atividade de número 106. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 18 - Praticante 7 desenhando em papel montado a cavalo a partir de formas geométricas. Momento da atividade 91. Fonte: Arquivo pessoal.

Durante os nossos encontros foram trabalhadas questões de aprendizagem, percepção sensorial, criatividade e, também, atividades com o objetivo de desenvolver a coordenação motora. Acredito que com esse praticante os elementos que venham da educação, a partir da brincadeira, terão sempre muita produtividade, além dos estímulos do movimento tridimensional do cavalo, que devem ser aplicados por mais tempo, por meio da Equoterapia, e talvez de outra atividade física, como a natação. Percebo que essa experiência, de um ano de pesquisa prática, valeu muito para a família do P7. A mãe pode observar mais o filho quando estava em contato com mais pessoas; já que eles saem pouco de casa, a percepção sobre a criança fica menor, quando estão sozinhos. Existe, para a família uma grande dificuldade de frequentar atividades de lazer com o P7 e isso é mais um fator que deverá ser enfrentado por ela para que a sociabilidade do praticante, aos poucos possa ser ampliada.

Quarta Seção: Aplicação da pesquisa prática (Grupo 2- Equoterapia)

Nesse grupo, três praticantes realizaram atividades apenas de Equoterapia, durante um ano de pesquisa prática, sem uso de Artes ou de Objetos de Aprendizagem. As atividades se basearam, resumidamente, em: incentivo à condução do cavalo, exercícios físicos, cuidado com o animal, respeito de regras e limites de convivência, identificação do material de encilhamento a partir de observação, exploração de diversos solos e locais do ambiente da ANDE-BRASIL, entre outras - que serão citadas nos blocos de realizações de cada praticante. Para esse grupo foram desenvolvidas oitenta e nove variações de atividades. Cada uma delas foi aplicada dentro das possibilidades de cada praticante, por exemplo: tivemos um caso em que foi possível desenvolver bem a equitação, abrindo a possibilidade de ir a um torneio de hipismo adaptado, onde outros praticantes de Equoterapia, de outros centros, participaram; fazendo, cada um, percursos de salto com tempo adequado. Os praticantes que participaram do Grupo 2 – Equoterapia, foram o P3, P4 e P6.

4.1 O Praticante 3

O Praticante 3, durante o período da pesquisa, tinha nove anos. Ele é brasileiro e estuda em uma escola pública do Distrito Federal; sua turma é especial (TGD) e seu diagnóstico clínico é de Transtorno do Espectro Autista, segundo a sua mãe. Além da Equoterapia, suas atividades fora de casa, correspondiam, somente em ir para a escola. Seu núcleo familiar é composto pela mãe, pelo pai e pela irmã mais nova. Mas, o P3 sempre compareceu às sessões de Equoterapia com o seu tio avô. De acordo com a indicação médica para a Equoterapia, seu diagnóstico clínico é de autismo infantil; lembrando que, para se chegar a diagnóstico, as características específicas, de acordo com o CID-10, devem ser percebidas antes dos três anos de idade.

Na avaliação psicológica do praticante, foi relatado que a queixa principal da sua família é relacionada à falta de interação e de comunicação dele com outras pessoas. Ele nunca havia feito Equoterapia. Sua digestão, respiração e sono são normais. Suas brincadeiras diárias correspondem a: jogar bola, correr, criar histórias com carros, olhar mapas e jogar videogame. O praticante sempre foi uma criança quieta “ainda que brinque com outras crianças, gosta de ficar e brincar só” (Psicóloga, ANDE-BRASIL. Maio de 2017). Ele aceita bem as mudanças de rotina, mas fica muito de castigo, quando se faz de rebelde. Seu lazer é, basicamente, ir à casa de parentes. Ainda na avaliação psicológica, foi assinalado que o praticante se higieniza, se veste e se alimenta sozinho. Ele não é extrovertido, tem fobias, mas, não é obsessivo, é introvertido e ansioso. Normalmente, ele apresenta quadro de histeria, mas não tem dependência emocional e não é tímido. A sua linguagem verbal é compreensiva, é gestual: grita, faz mímicas, fala monossílabas, frases curtas e/ou completas. O P3 compreende e executa ordens, tanto simples, quanto complexas. No quesito socialização, ele interage melhor com as outras crianças e pouco interage com os adultos. Ele faz contato visual. Já no campo do comportamento, ele não é agitado, mas não tem tolerância à frustração (grita e, muitas vezes, desiste de tentar). Ele respeita limites e regras, é opositor e tem atenção/concentração. Sobre suas habilidades sociais, é passivo, mas autoagressivo, não é heteroagressivo e não é assertivo. Sobre a afetividade, ele demonstra carinho especial pela irmã, divide as coisas, ajuda, quando solicitado, e expressa seus sentimentos. Em relação à família, pela percepção da psicóloga, é uma família adequada, apenas um pouco ansiosa. Nessa entrevista, a família relatou que deseja que o praticante melhore, com a Equoterapia, a sua coordenação motora e o seu equilíbrio. Além disso, a família espera que ele desenvolva a sua fala e aprenda a confiar nas pessoas.

Na avaliação fisioterápica feita no mesmo dia que a psicológica, foi ressaltado que a gestação do P3, não foi planejada, mas aceita. A única intercorrência foi uma hipermese durante os três primeiros meses, o parto foi do tipo normal, depois, tudo ocorreu normalmente; ele chorou ao nascer. Até os

quatro anos de idade ele interagiu com todos mas, após alguns meses, depois do ingresso na escola, ele parou de falar na rua e na escola, e começou a urinar nas calças. A partir daí, apresentou mutismo social: o praticante não falou nenhuma palavra com a equipe durante os doze meses de pesquisa. Depois desses episódios, começaram as investigações de diagnóstico. No ano de 2016, um médico o caracterizou com autismo infantil. Sobre a saúde geral do praticante, é boa. Ele não tem alteração de tônus muscular, fala, faz gestos. Sobre o equilíbrio estático, ele não tem nenhuma dificuldade em sentar, em pular e no equilíbrio dinâmico. Sobre a motricidade, ele se veste e come sozinho, escreve, caminha, mas tem dificuldade de amarrar os cadarços. Sobre a coordenação motora e dinâmica, não foi descrita nenhuma alteração. A preensão voluntária é de pinça. Porém, percebi, durante as sessões de Equoterapia, que esse praticante tinha muita dificuldade na motricidade e coordenação motora.

O estudo de caso, realizado em junho de 2016, cita as características mais importantes do praticante, como: agitação, distúrbio muscular, ausência de linguagem com estranhos e medo de altura.

As sugestões para atividades na área física/sensorial foram: trabalhar a coordenação motora global, o equilíbrio e incentivar a condução lúdica. Na área psicológica, as sugestões foram: estimular vínculo/segurança com todo o ambiente equoterapêutico. Para às áreas pedagógicas e fonoaudiológicas, escreveram protocolo de pesquisa, onde tentamos estimular a fala por meio de brincadeiras e do reconhecimento dos objetos característicos da Equoterapia; como as partes do corpo do cavalo, o material de encilhamento, o material de higiene e os elementos da natureza.

A sugestão de cavalo foi o Guevara, que guiou o praticante em quase todas as sessões. O material de encilhamento foi a sela inglesa e a profissional destinada a nos acompanhar foi uma psicóloga. O primeiro ATEC, respondido pela sua mãe, evidencia os seguintes resultados:

Tabela 15 - Primeiro ATEC do Praticante 3.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	5
2. Sociabilidade	12
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	6
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	10
TOTAL	33

O P3 participou de vinte e oito sessões, das trinta e uma previstas. Após a pesquisa, o segundo ATEC, também respondido pela mãe do praticante, apresentou os seguintes resultados:

Tabela 16 - Segunda avaliação ATEC Praticante 3

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	1
2. Sociabilidade	17
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	9
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	9
TOTAL	36

Apesar do segundo ATEC ter resultado em uma pontuação maior no total, houve queda de pontos na categoria 1. Fala/comunicação/linguagem de quatro pontos. Na categoria 2. Sociabilidade, teve um aumento, de cinco pontos. Já na categoria 3. Percepção sensorial/cognitiva, também, houve um aumento, de quatro pontos. Na categoria 4. Saúde/aspectos físicos/comportamento, houve

queda de um ponto. Para a avaliação de suas realizações, apresento a seguinte tabela:

Tabela 17 - Tabela de realizações do Praticante 3

Realizações	Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	As vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia				
Atividade Arte e Equoterapia				
1. Acarinhar o cavalo				x
2. Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar	x			
3. Montar da plataforma com auxílio	x			
4. Montar da plataforma sem auxílio			x	
5. Montar da plataforma apenas com orientação			x	
6. Montar do solo com auxílio			x	
7. Montar do solo só com orientação		x		
8. Apear para a plataforma com auxílio	x			
9. Apear para a plataforma apenas com orientação			x	
10. Apear passando a perna por trás da garupa			x	
11. Apear passando a perna pela frente do pescoço	x			
12. Apear para o solo com auxílio			x	
13. Mandar beijo para o cavalo andar ao passo	x			
14. Encostar as pernas para o cavalo andar para frente			x	
15. Segurar as rédeas com duas mãos corretamente	x			
16. Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda	x			
17. Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados			x	
18. Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas	x			
19. Calçar os estribos	x			
20. Retirar os estribos	x			
21. Fazer posição esporte			x	
22. Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).	x			
23. Inverter a montaria			x	
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados			x	
25. Montar em sela				x
26. Montar em manta				x
27. Higienizar o cavalo do solo			x	
28. Escovar o cavalo montado			x	
29. Alimentar o cavalo do solo			x	
30. A cavalo fazer aclive e declive	x			
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	x			
32. Puxar o cavalo do solo		x		
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo			x	
34. Rodar o cavalo		x		
35. Trotar			x	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas			x	
37. Passar por obstáculos			x	
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		x		
39. Por e tirar o capacete			x	
40. Cantar durante a sessão		x		
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão			x	
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão	x			
43. Conversar com a equipe		x		
44. Identificar partes do corpo do cavalo			x	
45. Identificar partes do material de encilhamento			x	
46. Identificar nomes dos profissionais			x	
47. Identificar nomes dos cavalos			x	
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos		x		
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa			x	
50. Andar ao passo transpistado			x	

51. Andar ao passo sobrepassado			X	
52. Andar ao passo antepassado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo	X			
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo	X			
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas	X			
56. Identificar partes do próprio corpo	X			
57. Identificar cores no ambiente equoterápico	X			
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico			X	
59. Identificar nomes dos elementos da natureza			X	
60. Tocar em elementos da natureza			X	
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta		X		
65. Manter a postura adequada	X			
66. Brincar de vivo ou morto			X	
67. Brincar de arremesso			X	
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo	X			
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro		X		
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos	X			
73. Deitar sobre o cavalo	X			
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta		X		
75. Levantar os joelhos			X	
76. Alcançar os pés com as mãos			X	
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola			X	
78. Relaxar o corpo durante a sessão	X			
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar	X			
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta		X		
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido	X			
82. Flexionar os braços	X			
83. Concentrar-se nas atividades				X
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		X		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo			X	
86. Segurar na crina	X			
87. Encontrar ovos de páscoa		X		
88. Olhar-se nos espelhos	X			
89. Pegar e guardar o capacete			X	
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)				
91. Desenhar em papel montado a cavalo				
92. Interpretar imagens montado a cavalo				
93. Desenhar após à sessão				
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual				
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo				
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão				
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo				
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão				
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo				
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão				
101. Pintar em tela montado a cavalo				
102. Pintar no cavalo "tela viva" do solo				
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo				
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo				

105.	Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo				
106.	Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo				
107.	Identificar pincéis				
108.	Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)				
109.	Realizar atividade com o objeto de aprendizagem “pregadores de encilhamento” a cavalo				
110.	Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte “Espectro do corpo colorido”.				
111.	Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – “Pé de pano”.				
112.	Brincar e identificar cores no portal colorido				
113.	Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor				
114.	Pintar o cavalo a cavalo				
115.	Guardar os materiais de arte após o uso				
116.	Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores				
117.	Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte				
118.	Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo				
119.	Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais				
120.	Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.				
121.	Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico				
122.	Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas				

O P3, realizou a maioria das atividades **às vezes/com ajuda**, algumas **satisfatória/com orientação**, algumas **não realizou** e poucas **realizadas com independência**.

Um dos nossos objetivos era de que esse praticante falasse conosco durante o período em que estivemos juntos. Contudo, apesar dele não ter falado nenhuma palavra com a equipe multidisciplinar durante a pesquisa, ele interagiu bem e realizou as atividades. O P3 compreendia tudo o que falávamos e a sua principal maneira de se comunicar foi por meio da expressão corporal (olhares e gestos). Apesar de ter dificuldade na coordenação motora, com o passar das sessões, ele foi se desenvolvendo e se tornando mais flexível e fluído em sua movimentação a cavalo. Pude observar essas questões, principalmente nos momentos de montar e apejar do cavalo, e também, na execução da mudança de posição, principalmente em movimento. A cada sessão, ele conseguia, por exemplo, inverter a montaria com facilidade e tirar e por os pés dos estribos com mais velocidade. Ele demonstrou muita felicidade nos nossos encontros, carinho com os animais e respeito por todos. Avalio que se ele tivesse tido atividades do grupo Arte e Equoterapia, poderíamos tê-lo conhecido melhor; sabendo mais sobre como ele se sentia e permitido que ele expandisse a sua criatividade. Como suas atividades são poucas durante a rotina, o desenvolvimento artístico

para ele seria muito importante para ampliar as suas oportunidades educativas e criativas.

Os objetivos do estudo de caso dessa criança também foram parcialmente cumpridos. Contudo, não conseguimos atravessar a ponte da ausência de linguagem com estranhos, mas trabalhamos o medo de altura (pelo ato de montar e apear dos cavalos). Além disso, trabalhamos a sua coordenação motora global e o seu equilíbrio, incentivamos a condução lúdica, estimulamos o seu vínculo/segurança com todo o ambiente equoterápico e estimulamos a conversação por meio de brincadeiras e do reconhecimento dos objetos da Equoterapia; como partes do corpo do cavalo, material de encilhamento, material de higiene, elementos da natureza, etc. Nessas atividades, ele identificou objetos da Equoterapia, apontando com os dedos ou fazendo “sim ou não” com a cabeça ou com as mãos. Percebi também, durante o processo, uma grande dificuldade de questões familiares, o que pode trazer prejuízos para o desenvolvimento do P3. Apesar do segundo ATEC ter dado uma pontuação maior, percebi melhoras no P3 no campo da saúde/aspectos físicos/comportamento. O mais importante nesse caso, foram os momentos de prazer. Ele, muitas vezes, abraçava o pescoço do cavalo voluntariamente, mostrando como o calor do cavalo e o sentir do seu cheiro o agradava e o deixava tranquilo.



Figura 19 - Praticante 3 durante a atividade de número 27. Higienizar o cavalo do solo. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 20 - Praticante 3 na atividade 53. Abraçar o pescoço do cavalo. Fonte: Arquivo pessoal.

4.2 O Praticante 4

O Praticante 4 é do sexo masculino, tem seis anos e estuda em uma escola pública do Distrito federal, no período matutino. A sua turma é especial do tipo TGD. Além da escola, ele têm atividades semanais são no CEAL-LP⁴⁵ e tem acompanhamento de terapia ocupacional, fonoaudiologia e psicologia. De acordo com o neurologista infantil, ele é uma criança com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista e foi encaminhado para a Equoterapia para estimulação global.

Conforme a avaliação fisioterápica, a gestação do P4 foi normal, apresentou artéria umbilical única: “porém não teve nenhuma repercussão” (Fisioterapeuta, ANDE-BRASIL, 31 de maio de 2017). Seu parto foi do tipo cesárea. Até os dois anos, seu desenvolvimento foi normal, depois começou a regredir, perdendo o contato visual e o vocabulário. A partir daí se iniciou uma investigação e o seu primeiro diagnóstico foi feito em fevereiro de 2016. O P4

⁴⁵ Centro Educacional de Audição e Linguagem Ludovico Pavoni (CEAL-LP), instituição particular filantrópica que atende crianças com alguma deficiência: principalmente, as crianças com deficiência auditiva. Existe um setor próprio para atender crianças autistas, o Setor Especializado em Deficiência Intelectual e Autismo (SEADI). Fonte: https://www.facebook.com/pg/CEALLP/photos/?tab=album&album_id=877133369000989

toma a medicação risperidona, a sua saúde geral é boa, porém, tem rinite e já passou por uma cirurgia, por conta de uma hérnia inguinal, aos dois anos. Sobre a forma de comunicação, a avaliação descreve que ele fala pouquíssimo e esporadicamente, não se comunica por gestos, mas usa dos olhos. Sobre isso, em um encontro com os pais, percebi que eles solicitavam que o praticante olhasse para eles, segurando o rosto com carinho. Acerca do seu tônus muscular, é normal, tem marcha independente, seu equilíbrio estático e dinâmico são normais, ele corre e salta. A queixa principal da família foi sobre o desenvolvimento da fala. A família também demonstrou expectativas em relação à melhora da estereotipia do autismo, com a Equoterapia. Sobre a motricidade, ele alcança objetos, se alimenta sozinho, não escreve e se higieniza com auxílio. Sua coordenação motora e dinâmica estão normais.

De acordo com a avaliação psicológica, ele teve um pouco de dificuldade para mamar no início da vida, nunca teve convulsões, mas está sendo investigada “crise de ausência”. O seu sono é bom, ele respira normalmente e tem déficit cognitivo, apresentando atraso global. Suas brincadeiras são com água e ele também adora pular. Além disso, a sua mãe me relatou durante o processo desta pesquisa, que ele tem fixação com cabides e que, dentro da casa ele tira todos do guarda-roupa, os quebra e os bagunça. Ainda na avaliação psicológica, foi relatado que ele tem aversão ao momento de cortar o cabelo, que aceita mudanças na rotina, mas que apresenta, às vezes, resistência. O praticante tem episódios de diarreia que estão sendo investigados, leite e derivados já foram cortados da dieta. O núcleo familiar é composto pelo pai, pela mãe e pela irmã mais nova. Ele não tem problemas com limites e é considerado uma criança educada. Sobre os traços da personalidade, ele é extrovertido, tem fobia, mas não tem obsessão. Sua introversão está dentro dos parâmetros normais, entretanto, é muito ansioso, às vezes, fica histérico; tem dependência emocional com o pai e com a mãe e não é tímido. Sobre a linguagem, ele fala frases quando está nervoso, tem linguagem gestual, grita normalmente, faz mímica fácil, monossílabo, frases curtas e não fala frases completas. Sobre a compreensão, foi relatado que ele

compreende ordens, simples complexas, e as executa. A sua saúde mental está boa, a socialização também, porém, ele não faz contato visual. Seu comportamento é agitado, não é opositor e, parcialmente tem concentração e atenção. Sobre as habilidades sociais, ele foi avaliado como não agressivo, não assertivo, mas é passivo. Sobre a afetividade, ele é uma criança carinhosa. Sobre a relação da família, na percepção da psicóloga, ele tem uma família adequada. Tal família espera que a Equoterapia ajude na estereotipa e no desenvolvimento da fala. A síntese do caso feita pela psicóloga teve algumas observações complementares como: “[...] Bater dedos, Comportamento estereotipado – aumenta significativamente quando está ansioso. Apresenta hipersensibilidade auditiva (muitas pessoas falando ao mesmo tempo) [...]” (Psicóloga. ANDE-BRASIL, 31 de maio de 2017.). O estudo de caso do P4 foi realizado no dia 19 de junho de 2017. Além das características levantadas nas avaliações fisioterápica e psicológica, foram feitas as sugestões na área física/sensorial de: estimular a coordenação corporal global, apresentar o ambiente equoterápico, identificar pessoas e cavalos pelos nomes e desenvolver movimentos que estimulem coordenação motora fina. Já na área psicológica, o estudo sugeriu: diminuir ansiedade e desenvolver o vínculo com a equipe de atendimento. Nas áreas pedagógicas e fonoaudiológicas foi sugerido trabalhar: a atenção/concentração, os conceitos básicos de cores, as letras e os números. Nesse documento também foi assinalado que o praticante está sendo acompanhado na área de assistência social.

O estudo de caso apresentou a sugestão do cavalo, Chocolate (que posteriormente veio a falecer e foi trocado pelo cavalo Vento), do encilhamento e da equipe de atendimento. Foi designado, de maneira geral, como material de encilhamento, a sela inglesa, um auxiliar guia, uma psicóloga como lateral e eu, como mediadora. A partir da análise de todas essas informações, o praticante iniciou seu atendimento no 2º programa, o de Educação e Reeducação.

O primeiro ATEC deste praticante, que foi respondido pela sua mãe, obteve o seguinte resultado:

Tabela 18 - Primeiro ATEC do Praticante 4.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	19
2. Sociabilidade	18
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	24
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	10
TOTAL	83

Pelo ATEC do P4 foi possível observar que os campos em que precisam de maior desenvolvimento são a: 1. Fala/comunicação/linguagem, 2. Sociabilidade e 3. Percepção sensorial/cognitiva. Após a realização das vinte e quatro sessões, das trinta oferecidas, aproximadamente, segundo ATEC desse praticante mostrou os seguintes resultados:

Tabela 19 - Segundo ATEC do Praticante 4

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	22
2. Sociabilidade	15
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	20
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	14
TOTAL	71

A partir dos resultados dos ATECS do P4 verifiquei que ele ganhou três pontos na categoria 1. Fala/comunicação/linguagem (relembro, aqui, que o objetivo do ATEC é reduzir pontos entre uma ou outra avaliação). Já na categoria 2. Sociabilidade, ele reduziu três pontos assim como na categoria 3.

Percepção sensorial/cognitiva, menos 3 pontos. Já na categoria 4. Saúde/aspectos físicos/comportamento somou quatro pontos. Em um total de pontos, comparando do primeiro ao segundo ATEC houve diminuição de 83 para 71 pontos.

As realizações deste praticante estão apresentadas a seguir:

Tabela 20 – Praticante P4

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	Às vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
1.	Acarinhar o cavalo			x	
2.	Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar			x	
3.	Montar da plataforma com auxílio	x			
4.	Montar da plataforma sem auxílio		x		
5.	Montar da plataforma apenas com orientação		x		
6.	Montar do solo com auxílio			x	
7.	Montar do solo só com orientação		x		
8.	Apear para a plataforma com auxílio	x			
9.	Apear para a plataforma apenas com orientação		x		
10.	Apear passando a perna por trás da garupa			x	
11.	Apear passando a perna pela frente do pescoço			x	
12.	Apear para o solo com auxílio			x	
13.	Mandar beijo para o cavalo andar ao passo			x	
14.	Encostar as pernas para o cavalo andar para frente		x		
15.	Segurar as rédeas com duas mãos corretamente			x	
16.	Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda		x		
17.	Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados		x		
18.	Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas			x	
19.	Calçar os estribos			x	
20.	Retirar os estribos			x	
21.	Fazer posição esporte	x			
22.	Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).			x	

23. Inverter a montaria			X	
24. Lateralizar no cavalo para ambos os lados			X	
25. Montar em sela				X
26. Montar em manta				X
27. Higienizar o cavalo do solo			X	
28. Escovar o cavalo montado			X	
29. Alimentar o cavalo do solo			X	
30. A cavalo fazer aclive e declive	X			
31. Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	X			
32. Puxar o cavalo do solo		X		
33. Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo		X		
34. Rodar o cavalo		X		
35. Trotar			X	
36. Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas			X	
37. Passar por obstáculos		X		
38. Participar de tornei de hipismo adaptado		X		
39. Por e tirar o capacete			X	
40. Cantar durante a sessão		X		
41. Interagir com outros praticantes durante a sessão		X		
42. Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão			X	
43. Conversar com a equipe		X		
44. Identificar partes do corpo do cavalo			X	
45. Identificar partes do material de encilhamento			X	
46. Identificar nomes dos profissionais			X	
47. Identificar nomes dos cavalos		X		
48. Identificar nomes das pelagens dos cavalos		X		
49. Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa	X			
50. Andar ao passo transpistado			X	
51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo	X			
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo	X			
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas			X	
56. Identificar partes do próprio corpo			X	
57. Identificar cores no ambiente equoterápico			X	
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico		X		
59. Identificar nomes dos elementos da natureza			X	
60. Tocar em elementos da natureza			X	
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta		X		
65. Manter a postura adequada			X	
66. Brincar de vivo ou morto			X	
67. Brincar de arremesso			X	
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo			X	
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro		X		
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo			X	
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos			X	
73. Deitar sobre o cavalo			X	
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta		X		
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos		X		
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola			X	

78. Relaxar o corpo durante a sessão				x
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar	x			
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta	x			
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido			x	
82. Flexionar os braços			x	
83. Concentrar-se nas atividades			x	
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo			x	
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo			x	
86. Segurar na crina			x	
87. Encontrar ovos de páscoa	x			
88. Olhar-se nos espelhos			x	
89. Pegar e guardar o capacete			x	
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)	x			
91. Desenhar em papel montado a cavalo	x			
92. Interpretar imagens montado a cavalo	x			
93. Desenhar após à sessão	x			
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual	x			
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo	x			
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão	x			
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo	x			
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão	x			
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo	x			
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão	x			
101. Pintar em tela montado a cavalo	x			
102. Pintar no cavalo "tela viva" do solo	x			
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – app <i>book creator</i> a cavalo	x			
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo	x			
105. Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo	x			
106. Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo	x			
107. Identificar pincéis	x			
108. Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)	x			
109. Realizar atividade com o objeto de aprendizagem "pregadores de encilhamento" a cavalo	x			
110. Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte "Espectro do corpo colorido".	x			
111. Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – "Pé de pano".	x			
112. Brincar e identificar cores no portal colorido	x			
113. Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor	x			
114. Pintar o cavalo a cavalo	x			
115. Guardar os materiais de arte após o uso	x			
116. Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores	x			
117. Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte	x			
118. Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo	x			
119. Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais	x			
120. Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.	x			
121. Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico	x			
122. Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas	x			

O P4, realizou a maioria das atividades **às vezes/com ajuda**, muitas delas **não realizou**, poucas **satisfatoriamente/com orientação** e, em menor número, com **independência**. Durante o ano, ele não demonstrou muito desejo de interagir com a equipe multidisciplinar. Dentre todos os praticantes, ele foi o que fez menos contato visual e apresentou o *flaping*, movimento da estereotipia do autismo, com bastante frequência. Apesar de não utilizar nenhum material de arte ou Objeto de Aprendizagem com esse praticante, por pertencer ao Grupo 2, conseguimos, somente com as atividades da Equoterapia desenvolver a coordenação corporal global e apresentar o ambiente equoterápico; andando por

diversos locais e terrenos diferentes, mostrando sempre e falando os nomes das pessoas e dos cavalos. Com as atividades de higiene, de cuidado e de alimentação do cavalo, proporcionamos movimentos que estimulam a coordenação motora fina do praticante. Apesar dele não as executar as atividades direito, ele não demonstrou ansiedade durante as sessões. Mas, muitas vezes, quando ele percebia que estava acabando a sessão, ficava com uma expressão facial triste, e um dia, derramou uma lágrima. Apesar de nunca ter pronunciado os nossos nomes, foi uma criança carinhosa. Várias vezes quando pedia para ele mandar beijo para o cavalo andar ao passo, ele beijava meu rosto.

Tentamos também identificar, com ele, as cores, a quantidade, os números (por meio de exercícios físicos e musicais com as argolas) e elementos da natureza. Mas foi também muito difícil desenvolver a sua interação, atenção e concentração. Algumas vezes, ele fazia alguns exercícios por conta própria, como abraçar o cavalo e ficava em posição esporte (levantar o corpo da sela quando lança o peso do corpo para baixo nos estribos) sobre a sela.

Analiso que, se tivéssemos usados as atividades do Grupo 1 Arte e Equoterapia com esse praticante, poderíamos ter tido mais sucesso, na comunicação e na interação social do mesmo. De todo modo, de acordo com os ATECS, o P4 teve redução de pontos, observados pela sua mãe, nas categorias da sociabilidade e da percepção sensorial/cognitiva, no decorrer da pesquisa prática. O praticante sorria sempre, antes de montar, e sempre gostou de ir à Equoterapia. Além disso, não teve dificuldade com limites e regras.



Figura 21 - Praticante 2 em atividade de montaria invertida e colocando os pés na garupa do cavalo. Atividades representada de número 20 e 23. Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 22 - Praticante 4 em atividade de alimentar o cavalo do solo. Atividade de número 29. Fonte: Arquivo pessoal.

4.3 O Praticante 6

O Praticante 6 é de sexo masculino e finalizou a sua participação na pesquisa com 12 anos de idade. É brasileiro, reside no Distrito Federal e começou a pesquisa frequentando uma escola particular inclusiva mas, depois foi estudar em um Instituto⁴⁶ particular, com um método especial e turma reduzida. A família desse praticante é de classe média alta. Além da Equoterapia, ele fazia atividades em casa com acompanhamento de uma pedagoga. O praticante foi indicado para a Equoterapia com o diagnóstico clínico chamado de Transtorno Global do Desenvolvimento, CID 10: 84.8. A médica, que preencheu a sua avaliação e o seu parecer médico, cita que o praticante tem dificuldade de atenção, é agitado, tem dificuldade de aprendizagem oral e escrita, tem a linguagem atrasada e demonstra transtorno afetivo. A justificativa para o encaminhamento à Equoterapia é de que ele precisa de estimulação cognitiva, motora e emocional.

Nessa etapa de encaminhamento, encontramos um problema em relação ao diagnóstico. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)⁴⁷, no CID-10, o código F84.8 é nomeado de Outros Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, sem complementações. Esse grupo é, por sua vez, uma continuação do grupo do CID 84 – Transtornos Invasivos do Desenvolvimento -, que se constitui como:

um grupo de transtornos caracterizado por anormalidades qualitativas nas interações sociais recíprocas e nos padrões de comunicação, e por um repertório de interesses e atividades restrito, estereotipado e repetitivo. Essas anormalidades qualitativas são uma característica difusa do funcionamento do indivíduo em todas as situações.

⁴⁶ o Instituto Lasneux (www.institutolasneux.com.br).

⁴⁷ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde 10ª Revisão (CID-10) - Versão WHO para, 2016, Organização Mundial da Saúde – OMS. Fonte: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en#/F80-F89> . Tradução da autora. Último acesso em 13 de novembro de 2018.

O autismo infantil faz parte desse grupo. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quinta versão – DSM-V, para o diagnóstico de Transtorno Global do Desenvolvimento, foi unido aos diagnósticos de Transtorno Autista e transtorno de Asperger, surgindo o nome de Transtorno do Espectro Autista, grupo chamado neste manual de 84.0, onde o médico deverá especificar os prejuízos do indivíduo. Nesse sentido, percebemos que entre os “manuais” de diagnósticos o CID-10 e o DSM-V, existem diferenças.

No mês de julho de 2017, o P6 passou pela avaliação psicológica na ANDE-BRASIL, também, nesse parecer, o diagnóstico clínico também aparece diferenciado, sendo citado como atraso no desenvolvimento, F.80⁴⁸, com a queixa principal, vinda da família, de atraso na linguagem. O P6 nunca havia feito Equoterapia antes, não foi uma criança planejada, fez acompanhamento pré-natal, chorou ao nascer e mamou exclusivamente no peito até os cinco meses. Ele não tem nenhum problema sério de saúde, porém apresenta déficit cognitivo. Ele aceita bem às mudanças de rotina, com algumas restrições. O seu núcleo familiar é composto pela mãe, pela irmã mais velha e pelo padrasto. O pai e a família paterna são presentes. A família não tem nenhuma ideologia religiosa. Sobre os cuidados pessoais, ele executa higiene pessoal sozinho, se alimenta sozinho e se veste sozinho, mas tem dificuldade de amarrar o cadarço. Sobre os traços da personalidade, ele é parcialmente extrovertido, não tem fobias, não é obsessivo, introvertido, ansioso ou histérico. Além disso, ele não tem dependência emocional e não é tímido. A linguagem é parcialmente verbal e compreensiva. Ele faz uso de gestos, não grita, não faz mímica facial, não é monossilábico, não cria frases curtas e produz frases completas. Sobre a compreensão, compreende ordens, executa ordens verbais simples e complexas. Sobre a saúde mental, não tem nenhuma alteração. Sobre a socialização, tudo normal. Já em relação ao comportamento, ele não é

⁴⁸ Fazendo parte do grupo de diagnósticos de desordens mentais e comportamentais, de acordo com o CID-10 de 2016, o CID F.80 é intitulado de Transtornos Específicos do Desenvolvimento da Fala e da Linguagem, têm as principais características vindas do início do desenvolvimento da fala e da linguagem que, nem sempre, estão relacionadas diretamente com anormalidades do sistema neurológico ou com outros tipos de deficiência. Podem estar associados a outras dificuldades como na escrita, ou comportamentais ou até em relações interpessoais.

agitado, tem tolerância à frustração, respeita limites e regras, não é opositor e tem atenção e concentração, inclusive a vários estímulos juntos. Sobre as habilidades sociais, ele é normal passivo, não é auto e heteroagressivo. É um menino assertivo. Sobre a afetividade, ele demonstra carinho especial pela mãe, divide suas coisas, ajuda quando solicitado e expressa seus sentimentos.

A relação da família com o P6 é adequada. A expectativa da família é de que a Equoterapia é que melhore a fala e auxilie na alfabetização do praticante. Na síntese do caso, a psicóloga, relatou que o início da entrevista foi feito com a mãe e, o final, com a avó materna. O parto do P6, foi natural. Desde muito novo, ele demonstra habilidades específicas mais desenvolvidas, como a percepção abstrata, e também algumas dificuldades, como a hipersensibilidade auditiva. Atualmente o P6 demonstra alguns comportamentos estereotipados, quando está ansioso, por exemplo, “anda de um lado para o outro, balançando as mãos e falando sozinho. Tem interesse específicos por histórias de guerras, mania de organização, ótima habilidade social/empatia”. Na época da entrevista, o P6 frequentava a escola apenas três vezes por semana.

Já na avaliação fisioterápica, o diagnóstico clínico do P6 é nomeado como Transtorno do Espectro Autista. É descrito, nesse documento, que o referido praticante tinha habilidades diferentes antes dos três anos e que, após essa idade, foi sugerido o diagnóstico de Asperger.

Sobre a saúde geral, foi relatado que o praticante teve, uma única vez, na convulsão. Ele tem constipação, mas é tratado com probiótico. O seu sono é bom, os seus sentidos audição e visão, são normais. Na época da pesquisa ele estava em outros tratamentos, com fonodíloga, com psicóloga e tinha também, acompanhamento de uma psicopedagoga. Não foi relatado a idade das aquisições motoras e o tipo de preensão, se era palmar ou de pinça. Mas, durante as sessões, percebi que era de pinça, enquanto executávamos as atividades. A marcha do P6 é independente e o tônus muscular é normal.

Já no estudo de caso feito em equipe, realizado em agosto de 2017, as características importantes pontuadas foram: as de dificuldade de atenção/concentração e a oralidade. O episódio de convulsão foi ressaltado.

Além disso, a sugestão para a área física/sensorial foi de ampliar a coordenação motora global. Na área psicológica as sugestões foram de trabalhar a ansiedade, adequar a autoestima e o autoconceito. Para as áreas pedagógicas e fonoaudiológica foi sugerido estimular outras áreas de interesse, explorar diversos estímulos pedagógicos e equestres. Ainda durante o estudo de caso, a equipe ficou curiosa para entender como seria o processo de desescolarização citado pela família na entrevista. Ao passar do tempo, foi explicado que haveria apenas a mudança de escola para uma outra que contém um método menos tradicional. A sugestão do cavalo foi o Diamante, o material principal de encilhamento foi a sela inglesa e além de mim como mediadora, tivemos também na maioria das sessões o acompanhamento de uma psicóloga e um guia. Esse praticante iniciou a pesquisa no segundo programa de Equoterapia, o Educação/Reeducação.

O seu primeiro ATEC foi respondido pela avó materna do praticante. E obteve o seguinte resultado:

Tabela 21 - O primeiro ATEC do praticante 6

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	0
2. Sociabilidade	1
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	1
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	12
TOTAL	14

No decorrer de um ano de pesquisa prática, esse praticante do Grupo 2 – Equoterapia - esteve presente em vinte e uma sessões de Equoterapia. Ele também participou do torneio de hipismo adaptado (JOCA – Equitação e Equoterapia, centro Equestre do cavaleiro paraolímpico de adestramento paraequestre), com outras pessoas deficientes ou com alguma necessidade

especial. Na ocasião do torneio, os participantes, fizeram memorização de percurso que continha obstáculos no chão e cones para zig-zag. Esse percurso deveria ser feito em um tempo ideal, por pouco mais que um minuto. Todos os participantes o realizaram montados a cavalo. Com essa experiência, considero que o P6 totalizou vinte e duas sessões de realizações voltadas à Equoterapia. O segundo ATEC que foi preenchido pela mãe, após a pesquisa prática, apresentou o seguinte resultado:

Tabela 22 - Segundo ATEC do praticante 6.

Categorias	Pontos
1. Fala/Comunicação/ Linguagem	2
2. Sociabilidade	0
3. Percepção Sensorial / Cognitiva	1
4.Saúde/Aspectos Físicos/Comportamento	11
TOTAL	14

O primeiro e o segundo ATEC foram respondidos anteriormente pela avó, e posteriormente pela mãe. Nesse caso, possivelmente as percepções são diferentes mas, mesmo assim, curiosamente, o resultado da pontuação total foi igual nos dois ATEC's.

Conforme demonstrado nas tabelas, no primeiro ATEC a categoria 1. **Fala/comunicação/linguagem** deu zero pontos, já no segundo ATEC houve um aumento de dois pontos. Na categoria 2. **Sociabilidade**, o primeiro ATEC apresenta um ponto e o segundo ATEC zero pontos. Na categoria 3. **Percepção sensorial/cognitiva** ambos os ATECs apresentam a mesma pontuação de um ponto. Na categoria 4. **Saúde/Aspectos físicos/comportamento**, o primeiro ATEC somou doze pontos e, o segundo, somou onze pontos. No total dos dois ATECS a pontuação é de quatorze pontos. Diante disso, o P6 teria tido mais prejuízos durante dois semestres na categoria da

fala/comunicação/linguagem, mas teria melhorado nos outros aspectos. Para entendermos como foram as realizações do P6, apresento a seguinte tabela de atividades:

Tabela 23 - Tabelas de atividades do praticante 6.

Realizações		Realizou satisfatoriamente /com orientação	Não realizou	As vezes realizou/com ajuda	Realizou independentemente
Atividades Equoterapia	Atividade Arte e Equoterapia				
1.	Acarinhar o cavalo				x
2.	Cumprimentar/despedir da equipe multidisciplinar				x
3.	Montar da plataforma com auxílio	x			
4.	Montar da plataforma sem auxílio	x			
5.	Montar da plataforma apenas com orientação	x			
6.	Montar do solo com auxílio	x			
7.	Montar do solo só com orientação	x			
8.	Apear para a plataforma com auxílio	x			
9.	Apear para a plataforma apenas com orientação			x	
10.	Apear passando a perna por trás da garupa			x	
11.	Apear passando a perna pela frente do pescoço	x			
12.	Apear para o solo com auxílio			x	
13.	Mandar beijo para o cavalo andar ao passo	x			
14.	Encostar as pernas para o cavalo andar para frente	x			
15.	Segurar as rédeas com duas mãos corretamente	x			
16.	Segurar as rédeas com uma mão: direita ou esquerda	x			
17.	Guiar o cavalo pelas rédeas para os lados	x			
18.	Fazer auto com o cavalo utilizando as rédeas	x			
19.	Calçar os estribos	x			
20.	Retirar os estribos	x			
21.	Fazer posição esporte	x			
22.	Fazer alongamentos básicos (avião, navio, foguete, por mão na garupa).	x			
23.	Inverter a montaria				x
24.	Lateralizar no cavalo para ambos os lados				x
25.	Montar em sela				x
26.	Montar em manta				x
27.	Higienizar o cavalo do solo			x	
28.	Escovar o cavalo montado			x	
29.	Alimentar o cavalo do solo			x	
30.	A cavalo fazer aclive e declive	x			
31.	Fazer a sessão em diversificados solos (areia, asfalto, grama, terra)	x			
32.	Puxar o cavalo do solo			x	
33.	Colocar e retirar o material de encilhamento do cavalo			x	
34.	Rodar o cavalo			x	
35.	Trotar			x	
36.	Fazer transição de andadura mais rápida para mais lenta usando as ajudas	x			
37.	Passar por obstáculos			x	
38.	Participar de tornei de hipismo adaptado			x	
39.	Por e tirar o capacete	x			
40.	Cantar durante a sessão		x		
41.	Interagir com outros praticantes durante a sessão	x			
42.	Interagir com a equipe multidisciplinar durante a sessão				x
43.	Conversar com a equipe				x
44.	Identificar partes do corpo do cavalo			x	
45.	Identificar partes do material de encilhamento			x	
46.	Identificar nomes dos profissionais	x			
47.	Identificar nomes dos cavalos	x			
48.	Identificar nomes das pelagens dos cavalos			x	
49.	Montar mais que um cavalo durante um ano de pesquisa			x	
50.	Andar ao passo transpistado			x	

51. Andar ao passo sobrepistado			X	
52. Andar ao passo antepistado			X	
53. Abraçar o pescoço do cavalo	X			
54. Alcançar as rédeas no pescoço do cavalo	X			
55. Tocar nas partes do corpo do cavalo que foram indicadas	X			
56. Identificar partes do próprio corpo	X			
57. Identificar cores no ambiente equoterápico	X			
58. Identificar nomes dos elementos do ambiente equoterápico	X			
59. Identificar nomes dos elementos da natureza	X			
60. Tocar em elementos da natureza	X			
61. Exercício de Zig-Zag			X	
62. Fazer atividades no picadeiro coberto	X			
63. Fazer atividades no exterior	X			
64. Contar números em voz alta	X			
65. Manter a postura adequada	X			
66. Brincar de vivo ou morto	X			
67. Brincar de arremesso			X	
68. Prestar atenção nos estímulos sensoriais com sons do cavalo	X			
69. Identificar letras do alfabeto no picadeiro			X	
70. Passar os pés descalços no pelo do cavalo		X		
71. Manter o centro de gravidade equilibrado montado	X			
72. Manter o calcanhar em posição adequada quando calçados os estribos	X			
73. Deitar sobre o cavalo			X	
74. Contar a quantidade de elementos do ambiente equoterápico em voz alta	X			
75. Levantar os joelhos		X		
76. Alcançar os pés com as mãos			X	
77. Fazer exercícios de alongamento com barra ou argola		X		
78. Relaxar o corpo durante a sessão	X			
79. Observar outro conjunto montado a cavalo e imitar	X			
80. Criar estórias com a imaginação e contar em voz alta	X			
81. Tocar/bater nas mãos da equipe quando pedido	X			
82. Flexionar os braços	X			
83. Concentrar-se nas atividades	X			
84. Ficar de joelhos sobre o cavalo		X		
85. Pegar e guardar o material de limpeza do cavalo	X			
86. Segurar na crina			X	
87. Encontrar ovos de páscoa		X		
88. Olhar-se nos espelhos	X			
89. Pegar e guardar o capacete	X			
90. Utilizar o objeto de aprendizagem Montessori – Sobre formas (geométricas)				
91. Desenhar em papel montado a cavalo				
92. Interpretar imagens montado a cavalo				
93. Desenhar após à sessão				
94. Brincadeira de caça ao tesouro com mapa auto visual				
95. Modelar massinha (uso escolar) colorida montado a cavalo				
96. Modelar massinha (uso escolar) colorida após à sessão				
97. Modelar argila (uso escolar) com água montado a cavalo				
98. Modelar argila (uso escolar) com água após a sessão				
99. Colar figuras e sua foto em caixa montado a cavalo				
100. Colar figuras e sua foto em caixa após a sessão				
101. Pintar em tela montado a cavalo				
102. Pintar no cavalo "tela viva" do solo				
103. Brincar com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico instalado em <i>tablet</i> – <i>app book creator</i> a cavalo				
104. Realizar registros fotográficos com câmera digital a cavalo				

105.	Realizar registros em vídeos com câmera digital a cavalo				
106.	Pintar em móveis 2D de isopor a cavalo				
107.	Identificar pincéis				
108.	Identificar cores em tintas atóxicas (uso escolar)				
109.	Realizar atividade com o objeto de aprendizagem "pregadores de encilhamento" a cavalo				
110.	Interagir com o objeto de aprendizagem tecnológico artístico – Instalação interativa de arte "Espectro do corpo colorido".				
111.	Interagir com o objeto de aprendizagem poético artístico – "Pé de pano".				
112.	Brincar e identificar cores no portal colorido				
113.	Desenhar a cavalo com diversificados materiais (giz de cera/ou/lápis de cor				
114.	Pintar o cavalo a cavalo				
115.	Guardar os materiais de arte após o uso				
116.	Brincar com o objeto de aprendizagem o Livro Cores				
117.	Alongar-se a cavalo após realizar atividade com arte				
118.	Encontrar e desamarrar formas geométricas coloridas amarradas no material de encilhamento do cavalo				
119.	Identificar letras do alfabeto no picadeiro e relacionar com palavras ou materiais				
120.	Utilizar atividade com arte como troca para recompensa com o cavalo/vice-versa.				
121.	Relacionar cores e formatos nas argolas e varas da ande-brasil com propósito artístico				
122.	Realizar atividade com alinhavo com formas geométricas				

O P6 demonstrou ser uma criança muito perspicaz, um menino curioso e que sempre foi muito carinhoso com a equipe multidisciplinar. Apesar de ter sido um pouco complicado determinar qual era o seu diagnóstico correto, pelas diferentes informações nas avaliações e no parecer médico, ele apresentou alguns dos prejuízos clássicos do autismo, como: a dificuldade na fala, muito perceptível; a hipersensibilidade auditiva; os interesses restritos; a dificuldade na concentração e na atenção. Apesar disso, sempre foi muito colaborativo e, por essa razão, ampliei as atividades do seu grupo de pesquisa como, por exemplo, rodar o cavalo no redondel do solo - para observar o comportamento e os movimentos do cavalo a partir da mesma perspectiva do corpo a corpo - e participar de um torneio de hipismo adaptado, em menos de um ano de Equoterapia. Ele teve uma ascensão rápida de um programa para o outro, pela sua participação no torneio, do segundo programa educação/reeducação foi ao terceiro, o pré-esportivo. Nesse terceiro programa o praticante de Equoterapia tem maior independência sobre o cavalo e é capaz de executar mais exercícios da equitação adaptada com caráter esportivo.

Já outras questões, que poderiam ter sido mais trabalhadas, são a fala e a linguagem, mesmo sempre pedindo para que ele tivesse calma para falar devagar as palavras, acredito que poderiam ter sido mais estimuladas junto de

um processo de conhecimento e de exercícios com os objetos de aprendizagem propostos no outro grupo. Poderíamos futuramente permitir que a sua ampla criatividade fosse demonstrada pela utilização de materiais de arte, por exemplo. Para o caso desse praticante, continuaria aplicando atividades que estimulem a equitação lúdica e outras com o objetivo de aprendizagem; para auxiliar nas suas atividades escolares e na sua alfabetização, que está atrasada. Mesmo assim, o P6 tem bastante conhecimento, no que se interessa, demonstrando uma característica típica do autismo: os interesses restritos. Sobre os objetivos específicos, do estudo de caso, conseguimos ampliar o desenvolvimento da coordenação motora global, por meio da condução independente, além do cuidado e do reconhecimento do cavalo; estivemos sempre abertos para longas conversas e trabalhamos conceitos como autoidentidade, percepção e atenção. Além disso, instigamos outras áreas de interesse pelo ambiente da Equoterapia, explorando diversos estímulos pedagógicos com o uso dos nomes e das cores, enfatizando a importância dos objetos utilizados com os cavalos. Incluímos também atividades esportivas de equoterapia como mostra a figura 23. Os objetivos relatados no estudo de caso foram parcialmente alcançados e proporcionaram novas reflexões e novas ideias.



Figura 23 - Praticante 6 treinando para competição de hipismo adaptado. Atividade 37 representada no instante da captura da imagem. Fonte: Arquivo pessoal.

Como busquei apresentar, nas seções 3 e 4, que o uso da Arte nesta pesquisa englobou uma multiplicidade de práticas complementares. Essas práticas, no entanto, implicam em um entendimento da Arte como criação de afetos e enquanto um meio/ferramenta/sistema de comunicação, de resignificação e, também, de expressão. Visando uma perspectiva na qual o professor é investido do papel de "mediador", capaz de restabelecer o contato entre a criança autista, o cavalo e a equipe de multidisciplinar, e entre a família, a criança e o cavalo, que traz nele o sentimento de aproximação com a natureza.

Conclusão

Nessa pesquisa, busquei atingir os objetivos específicos no que se refere: a pesquisar projetos desenvolvidos no Brasil e no exterior que abordam a educação especial e a Equoterapia; a avaliar como a Arte em confluência com a educação e a Equoterapia podem ser um veículo para abordar o universo criativo, imaginativo e simbólico, possibilitando o desenvolvimento de potencialidades, bem como o conhecimento de si mesmo; a propor atividades envolvendo a Educação em Artes Visuais e a Equoterapia, como nos estudos de caso, assim como avaliar o desenvolvimento dos praticantes que participaram da pesquisa, considerando também o esforço da escola e da família; a auxiliar com a pesquisa possíveis ganhos na área da saúde, envolvendo o bem estar e o processo educacional dos praticantes e auxiliando as famílias a perceberem os filhos (e o autismo) sobre uma nova perspectiva; a demonstrar que a Educação em Artes Visuais e a Equoterapia, conjuntamente, são meios que promovem melhoria de vida das crianças autistas e ; a propor a utilização de materiais arte educativos e Objetos de Aprendizagem e a pensar em hipóteses.

A pesquisa, no transcorrer do tempo, incorporou no seu escopo modificações necessárias que foram apontadas pelos pais dos praticantes, médicos, profissionais da saúde, da educação e pela equipe multidisciplinar da ANDE-BRASIL, além das minhas próprias percepções enquanto pesquisadora. Nesse contexto, procurei identificar e aplicar metodologias que utilizassem os materiais de arte, Objetos de Aprendizagem e as atividades de Equoterapia que melhor pudessem ajudar os praticantes, individualmente, a partir dos prejuízos identificados nos diagnósticos; principalmente no de Transtorno do Espectro Autista, de cada caso.

Considerando as especificidades de cada um dos praticantes, observei que os praticantes do Grupo 1 - Arte e Equoterapia, tiveram mais possibilidades para desenvolver a aprendizagem, expor a criatividade, interagir com a equipe e explorar outros tipos de linguagem, como as providas das atividades com Arte. A

maioria das atividades com Arte e Objetos de Aprendizagem, foi realizada com felicidade e apreço. Algumas dessas atividades demonstraram boa funcionalidade enquanto o praticante está na presença do cavalo como, por exemplo, como o Objeto de Aprendizagem Poético “pregadores de encilhamento”, o Objeto de Aprendizagem Artístico Tecnológico “espectro do corpo colorido” e a atividade de pintura de “tela viva” no cavalo. Outras atividades, no entanto, não demonstraram uma alta funcionalidade, como desenhar sobre o cavalo e utilizar o aplicativo instalado em *tablet*. Apenas, o Praticante 2 do Grupo 1. Arte e Equoterapia, conseguiu realizar as atividades muito bem e teve bastante interesse. Mas, vale ressaltar que esse praticante poderia ser considerado um autista de alta funcionalidade, talvez como um *savant* ou *asperger*.

Consideramos, também, que, após a sessão de Equoterapia, as atividades de Educação em Artes Visuais têm muito a oferecer, sobretudo, para estimular o afeto e a conscientização do que foi praticado durante a sessão; como quando foi utilizado o Objeto de Aprendizagem Poético “Pé de Pano”.

Considero importante que as avaliações como o *Autism Treatment Evaluation Check List – ATEC*, sejam feitas periodicamente durante os tratamentos dos autistas, visando elucidar as possíveis situações onde essas pessoas podem estar sendo mais ou menos prejudicadas. Conforme discorreremos, no transcorrer desta pesquisa, cada caso teve uma pontuação diferenciada, o que torna ainda difícil afirmar se as atividades da pesquisa, foram somente as únicas responsáveis pelas melhoras ou pioras de cada categoria ou do total das pontuações.

Para futuras pesquisas, julgamos importante o aprimoramento dos critérios de inclusão dos participantes como, por exemplo, manter no mesmo grupo os praticantes que tenham os mesmos prejuízos, sejam eles, no comportamento, na comunicação, ou na linguagem, visando propor e avaliar melhores maneiras para que eles possam expor a criatividade, desenvolver a autolibertação e aprimorar a organização de si.

Conforme apresentado, no Grupo 1 – Arte e Equoterapia, os resultados dos ATEC's foram diferentes. O P1 e o P7 tiveram o total de pontos aumentado, se compararmos o primeiro ao segundo ATEC. Já o P5, teve uma boa redução de pontos no total. Porém, saliento que é interessante observar cada categoria separadamente. O P1 teve redução de pontos nas categorias: **1. Fala/comunicação/linguagem; 2. Sociabilidade; 3. Percepção sensorial/cognitiva**, mas, teve um aumento de pontos na categoria **4. Saúde/aspectos físicos/comportamento**. O P5 teve aumento de pontos, apenas na categoria 1. Já nas outras, ele teve perda de pontos. O P7, por sua vez, teve perda de pontos apenas na categoria 1. Nas outras categorias 2 e 3, ele teve aumento de pontos e, na categoria 4, os pontos se mantiveram os mesmos. Conforme citado anteriormente, os praticantes 5 e 7 têm outros diagnósticos relacionados ao autismo.

Sobre, os praticantes do Grupo 2 – Equoterapia, verifiquei que eles apresentaram, de uma maneira geral, boa interação com a equipe, com os cavalos e com o ambiente equoterápico, assim como, mostraram interessantes atitudes comportamentais durante as sessões. Sobre os ATEC's dos praticantes desse grupo, as pontuações também foram diferenciadas. O P3 em um total de pontos, teve aumento. Mas, teve perda de pontos nas categorias 1 e 4 e aumento nas 2 e 3. Já o P4, teve um total de pontos reduzidos. As categorias que mais perderam pontos foram as 2 e 3. Já as outras categorias tiveram um aumento de pontos. O P6, teve um total de pontos igual nos dois ATEC's, mas teve perda de pontos nas categorias 2 e 4. além de um aumento na categoria 1 e da mesma pontuação na categoria 3. Com essa pesquisa, não foi possível perceber se ela teve total responsabilidade pelas pontuações, pois, todos os praticantes, faziam outras atividades, como ir à escola, por exemplo. Porém, o ATEC pode ser também utilizado para criar possíveis desdobramentos com base científica para outros tipos de métodos de avaliação do desenvolvimento educativo dos autistas.

Entretanto, percebo que a Equoterapia, a Arte e o cavalo são fontes inovadoras nos tratamentos dos autistas. Considero após esse período

investigativo, que a conexão dessas áreas distintas (Arte e Equoterapia) pode contribuir efetivamente para a melhoria na qualidade de vida dos autistas, potencializando o desenvolvimento e aprendizagem dessas pessoas. Ressalto que todos os praticantes demonstraram felicidade durante as sessões.

Como arte/educadora, os sentimentos e afetos despertados, em relação à esse, trabalho foram muito valiosos. Os cavalos, sem dúvida, contribuíram para isso, assim como toda a equipe multidisciplinar. As atividades com Arte, demonstram que seu lugar na educação de crianças autistas está sendo devidamente reconhecido, como proposto nesta pesquisa transdisciplinar. Ressalto, também, que a pesquisa-ação considerou um princípio heurístico (investigação dos fatos): o lugar ocupado hoje pela arte no campo da educação, a importância crescente do que entendo como a sua dimensão na educação, que pode e deve ser considerada como um campo interessante de tensões e aspirações que a atravessam. Nesse sentido, um olhar diferenciado e criativo, por meio da pesquisa baseada em arte, pode proporcionar que as relações sejam mais fortes, ultrapassem as dificuldades relacionadas aos sentimentos e qualidade de vida, considerando que houve um conjunto de dados, na ordem das ideias, como na ordem dos fatos, conforme apresentados. Ressalto, a grande importância dos objetos de aprendizagem para a Equoterapia, que auxiliam na aprendizagem, pois são veículos simbólicos para a interação e reconhecimentos das relações entre cavalo, praticante e mediador. Assim, o arte/educador colabora com os praticantes da Equoterapia, já que domina as teorias, as técnicas, os materiais de arte e suas questões relacionadas com estética, tão importantes para a manufatura de um conceito, um livro, um brinquedo ou objeto de aprendizagem. Esse arte/educador ainda pode ser um mediador, e utilizar desses espaços tão benéficos que a natureza nos disponibiliza para colocar em prática as atividades artísticas e educativas, tornando-as mais sensíveis. Um olhar mais acurado sobre os seres, que se hibridizam num só corpo por meio da Equoterapia. Por esse meio, não-formal, questões subjetivas de sujeitos como pessoas autistas, podem ser percebidas e avaliadas em um movimento inspirador, circular e fluído.

Na presente pesquisa, tive a oportunidade de me debruçar sobre o Transtorno do Espectro Autista e, o que antes era só um breve conhecimento, se tornou uma missão com um propósito mais profissional e humanístico. Nesse processo, percebi o que é importante consolidar, no quesito metodológico e o que não funciona nesse aspecto tão bem, mas que poderei trabalhar para melhorar adiante.

Gostaria também de utilizar os Objetos de Aprendizagem, os materiais de arte e a minha experiência com os cavalos, com os praticantes autistas em programas da Equoterapia mais avançados, nos quais os praticantes tenham mais independência; como os que venham a guiar o cavalo e até a participar de competições de hipismo adaptado, como foi o caso do P6.

A pesquisa continuará, futuramente, norteando a minha prática e reflexão em Educação em Artes Visuais, em uma concepção comum da Arte como ação transformadora e como meio de entrar em relação. Pretendo, continuar a usar a a/r/tografia como metodologia, buscando meios transdisciplinares de se pesquisar como se dá a formação do estudante por meio da arte no contexto da educação, para dar abertura às ações que dão lugar à palavra, ao gesto e, principalmente, a constituição de um universo simbólico nas atividades de arte e da Equoterapia, com crianças autistas.

Também pretendo, no futuro, pesquisar mais profundamente, a partir das atividades de Arte e Equoterapia, os autistas que convergem para o conceito de pensadores visuais; pensadores em padrões e mente verbal, como os casos apontados pela Dra. Temple Grandin. Vislumbro, desse modo, poder passar a frente o conhecimento que obtive e tornar as atividades reconhecidas, permitindo que novas metodologias voltadas ao ensino especial se agreguem aos currículos escolares. Importante, ainda citar, que os responsáveis pelas crianças, deram muitos retornos positivos, proporcionando a abertura para relações de amizade.

Referências

ARNHEIM, Rudolf. Nuevos Ensayos Sobre Psicología del Arte. Editorial Alianza – Suave, 1989.

BARDY, Livia Raposo atAll. Os objetos de aprendizagem para pessoas com deficiência (pdf)*. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/46228/1/01d00t06.pdf>. Último acesso em 20 de abril de 2017, p. 2.

BARBOSA, Ana Mae. Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós modernismo. Revista Art, 2003. Disponível em: www.revista/art.br/site-numero-00/anamae . Último acesso em dezembro de 2016.

BARONE, T; EISNER, E. Arts-bases educational research. Disponível em: http://www.public.iastate.edu/~bestler/arts_based_articles/two_arts_based_articles/barone_eisner_arts_based_research.pdf Acesso em 26 de novembro de 2018.

BETTIO, R. W. de; MARTINS, A. Objetos de aprendizado: um novo modelo direcionado ao ensino a distância. Documento online publicado em 17/12/2004: Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?id=5938>>. Último acesso em 20 de outubro de 2017.

BEREOHFF, Ana Maria P. Autismo: Uma história de conquistas. Em aberto. Tema: Educação Especial: A realidade brasileira. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Ministério da educação e do esporte. Brasília, ano 13, nº 60, Páginas 11 – 24, out/dez.1993.

BODROVA, E. LEONG, D.J. Tools of mind: The Vygotskian Approach to Early Childhood Education. Universidade de Michigan: Pearson/Merrill Prentice Hall, 2010.

CANDAU, Vera Maria Moreira e Antônio Flávio Barbosa (Orgs.) Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008.

CAPELLINI, A. S., & SMYTH, I. Protocolo de Avaliação de Habilidades Cognitivo – Linguísticas. Livro do Profissional e do Professor. Marília: Fundepe. 2008.

CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira e COELHO, Irene Ferreira. Escuta sensível no processo de inclusão educacional. IN: ORRÚ, Sílvia Ester (Org.). Para além da educação especial. Wak Editora, 2011.

CODEPLAN (Companhia de planejamento do Distrito Federal). Dados disponíveis em:<http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/Pesquisas>

Socioeconômicas/POLÍTICAS SOCIAIS/Perfil das pessoas com deficiência no DF.pdf. Último acesso em 10 de janeiro de 2018.

CINTRA, André Galvão de Campos. O Cavalo: Características, Manejo e Alimentação (2010).

COLLINGWOOD, R.G. The principles of art. Oxford: Clarendon Press: 1945. Reprinted, 1958. Capítulo 26. Disponível em:<http://meant4teachers.com/wp-content/uploads/2013/09/The-Principles-of-Art.pdf> Último acesso em 15 de dezembro de 2016.

COLLET, Célia. Quebrando preconceitos: subsídios para o ensino das culturas e histórias dos povos indígenas / Célia Collet, Mariana Paladino, Kelly Russo. – Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2014.

COSTA, Cláudio F. *A Essência da grande Arte* in ERICKSON G., ERIKSON S.S.F e LYCURGO, T. **Filosofia e Literatura**: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Revista Vivência, artigos: 2006. Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/Vivencia/sumarios/30/PDF> para INTERNET_30/1_DOSSIÊ_filosofia e literatura/CAP_1_CLAUDIO F COSTA.pdf Último acesso em 14 de dezembro de 2016.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-acção : metodologia preferencial nas práticas educativas. Revista Psicologia, Educação e Cultura, 13:2 , pp. 355- 380.

CURRÍCULO EM MOVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA EDUCAÇÃO ESPECIAL. <http://www.se.df.gov.br/component/content/article/282-midias/443-curriculoemmovimento.html>. Último acesso em 23 de janeiro de 2018.

D'ANDREA, Anthony. O self perfeito e a nova era: Individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais. São Paulo, 2000.

DEWEY, John. Democracia e educação – Capítulos essenciais. São Paulo: Ática, 2007.

DIAS, Belidson. O Mundo da educação da cultura visual. Brasília: Editora da pós-graduação em arte da Universidade de Brasília, 2011.

_____. Arrastão: o cotidiano espetacular e práticas pedagógicas críticas. In: Martins, Raimundo; Tourinho, Irene (Orgs.). Cultura das imagens: desafios para a arte e para a educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2012. p. 55-73.

_____. Preliminares: A/r/tografia como Metodologia e Pedagogia em Artes. Disponível em: <http://aaesc.udesc.br/confaeb/Anais/belidson.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2013.

_____; IRWIN, Rita. (orgs.). Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/R/Tografia, editora UFSM, Santa Maria, 2013.

_____; MARTINS, Raimundo (Org.). Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da Cultura Visual. In: Visualidade e Educação. https://culturavisual.fav.ufg.br/up/459/o/desenredos_3.pdf?1392204335, 2008.

DUARTE, Adriana Falcão. Conversando sobre o autismo com pais e educadores. São Paulo: All Print, 2016.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.** *Cad. Pesqui.* [online]. 2002, n.115, pp.139-154. ISSN 0100-1574. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742002000100005>.

EFLAND, Arthur. A History of Art Education: Intellectual and Social Currents in Teaching the Visual Arts. Teachers College Press, Columbia University, New York and London: 1990.

FERNANDES, Tatiana e DIAS, Belidson. OBJETOS DE APRENDIZAGEM POÉTICOS: MÁQUINAS PARA CONSTRUIR TERRITÓRIOS DE SUBJETIVAÇÃO. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s8/tatiana_fernandez_belidson_dias.pdf. Acesso dez/2017.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T, FUSARI, Maria F. de Rezende. Metodologia do ensino da arte: fundamentos e proposições. 2a ed.– São Paulo: Cortez, 1993. Treco Disponível em <http://www.arteducacao.pro.br/metodologia-do-ensino-de-arte.html> Acesso em nov. de 2016.

FITZGERALD, Michael, Dr. Autism and creativity: is there a link between autism in men and expecional ability? Brunner Routledge, Taylor and Francis Group, e-library, 2004.

FRANZ, Teresinha Sueli. Educação para compreensão crítica da arte. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FREIRE, Paulo. Virtudes do educador. CNBB. Vereda: centro de estudos em educação.1982.

FREIRE, Heloisa. Equoterapia teoria e prática: experiências com crianças autistas. São Paulo: Vetor, 1999.

FREITAS, Neli. ARTE-EDUCAÇÃO, EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO NA ESCOLA: A PRÁXIS.

GATTI, Thérèse. CASTRO, Rosana. OLIVEIRA, Daniela. Materiais: Manual para manufatura e prática em Artes. Brasília: Secretaria de Estado e Cultura do DF: Fundo da Arte e da Cultura – FAC, 2007.

GAUDERER, Christian. AUTISMO e OUTROS ATRASOS do DESENVOLVIMENTO. Guia Prático para Pais e Profissionais. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

GITAHY, Ana Maria et al. Artes visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes. São Paulo: Perirópolis, 2010.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 5ª edição. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

GONZÁLEZ, Eugênio. Necessidades educacionais específicas. Porto Alegre: Artmed, 2007.

GRANDIN, Temple. How does visual thinking work in the mind of a person with autism? A personal account <http://www.grandin.com/inc/visual.thinking.mind.autistic.person.html>. Acesso em: 2/05/2017.

GUATTARI, Felix. CAOSMOSE: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. Disponível em: https://monoskop.org/images/0/03/Guattari_Felix_Caosmose_Um_novo_paradigma_estetico.pdf. Último acesso em 5 de junho de 2018.

HELLBERG, Leif. The Clinical Practice of Equine-Assisted Therapy, Including Horses in Human Healthcare. Disponível em: <https://play.google.com/books/reader?id=O9NBDwAAQBAJ&hl=pt&pg=GBS.PT6> Último acesso em 28 de dezembro de 2018.

HERNÁNDEZ- HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: TOURINHO, Irene e MARTINS, Raimundo. (Orgs.) **Educação da cultura visual**. Santa Maria: Ed. da UFSM, pág. 31 a 49, 2011.

HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, Fernando. Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho. São Paulo: Artmed, 2000. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/62408134/Cultura-Visual-mudanca-educativa-e-projeto-de-trabalho-Fernando-Hernandez>. Último acesso em novembro de 2017.

HOLANDA, M.A.F. Quem são os humanos dos direitos? Sobre a criminalização do infanticídio indígena. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, PPG-Antropologia Social: Brasília, 2008. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5515/1/2008_MariannaAssuncaoFigueiredoHolanda.pdf. Último acesso em 2 de dezembro de 2016.

KANNER, Leo. Autistic Disturbances Of Affective Contact. Pathology. 1943.

Koca, T. T., & ATASEVEN, H. What is hippotherapy? The indications and effectiveness of hippotherapy. (2016). Northern clinics of Istanbul, 2(3), 247-252. doi:10.14744/nci.2016.71601

LALLERY, Hubert. A psicologia do cavalo, inteligência e aptidões. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

LERMONTOV, Tatiana. A psicomotricidade na Equoterapia, Aparecida, SP: Idéias e Letras. 2004.

LITH, Theresa Van, Margot J. Schofield e Patricia Fenner. Identifying the evidence-base for art-based practices and their potential benefit for mental health recovery: A critical review.

https://www.researchgate.net/profile/Margot_Schofield/publication/232764267_Identifying_the_evidence-base_for_art-based_practices_and_their_potential_benefit_for_mental_health_recovery_A_critical_review/links/00b7d52d0aab377af3000000/Identifying-the-evidence-base-for-art-based-practices-and-their-potential-benefit-for-mental-health-recovery-A-critical-review.pdf. Último acesso em 21 de janeiro de 2017.

LIMA, Elizabeth. Por uma arte menor: ressonâncias entre arte, clínica e loucura na contemporaneidade. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832006000200004&script=sci_arttext&lng=ES. Último acesso em 15 de julho de 2018.

LONGMIRE, W. A Primer On Learning Objects. American Society for Training & Development. Virginia/USA. 2001.

LYOTARD, Jean- François. La Condition Postmoderne. Les Éditions de Minuit: Paris, 1979.

MICHELETTO, F. S. M. Ensino da arte para alunos com deficiência: relato de professores. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/micheletto_fsm_me_mar.pdf. Acesso em 10 de abril 2016.

MACDONALD, Stuart. *The history and philosophy of Art Education*. The Lutterworth Press, Cambridge, England: 2004.

MARINHO, Cristiane M. Lyotard e a pós-modernidade. *Revista Labor*, Universidade Federal do Ceará. Artigo, volume 01.
http://www.revistalabor.ufc.br/Artigo/volume1/CRISTIANE_MARINHO.pdf
Acesso em dezembro de 2016.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS
5a EDIÇÃO DSM-5. 2014. Artmed Editora Ltda./Grupo A Educação S.A.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. *Autismo: Guia Prático*. 4 ed. São Paulo: AMA; Brasília: CORDE, 2004.

MEC. *Saberes e Práticas da Inclusão: Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem: autismo/ coordenação geral* – MONTE, Francisca R. F. do, SANTOS, Ide B. dos-reimpressão. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

MEC. *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. 2001. Último acesso em 2 de abril de 2017.

MCNEIL, John D. *Contemporary Curriculum: In Thought and Action*. John Wiley and Sons: 2008. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=TH5Jtn_Q5WMC&printsec=frontcover&dq=John+MCNEIL&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewjjv5a-xOXQAhWFI5AKHQJCD4Q6AEIKDAC#v=onepage&q=John%20MCNEIL&f=false. Último acesso em 8 de dezembro de 2016.

MORIN, Edgar. *Epistemologia da complexidade*. In: (org.) SCHNITMAN, Dora F. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA EDUCAÇÃO ESPECIAL. GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO Subsecretaria de Gestão Pedagógica e Inclusão Educacional Diretoria de Execução de Políticas e Planos Educacionais Gerência de Educação Especial. BRASÍLIA, DF. 2010. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subbeb/ed_especial/orient_pedag_ed_especial2010.pdf Último acesso em 22 de janeiro de 2018.

ORTEGA, Francisco. *O sujeito cerebral e o movimento da...* Available from: https://www.researchgate.net/publication/250029783_O_sujeito_cerebral_e_o_movimento_da_neurodiversidade Último acesso em 1 de julho de 2018.

PEVSNER, N. **Academias de arte**: passado e presente. Tradução Vera Maria Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PIAGET, Jean e INHELDER, Bärbel. A psicologia da criança. Tradução de Octavio Mendes Cajado São Paulo: Perspectiva, 1986.

PIETRO, Alessandra Vidal. Efeitos da frequência semanal de um programa de equoterapia na função motora grossa e no desempenho funcional em crianças com paralisia cerebral. Dissertação de mestrado. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23530/1/2017_AlessandraVidalPrieto.pdf, 2017. Último acesso em 3 de fevereiro de 2018.

PIERRE, Déléage. *The origin of art according to Karl von den Steinen*. *Journal of Art Historiography*, Número 12, Junho de 2015. Disponível em: <https://arthistoriography.files.wordpress.com/2015/06/deleage.pdf> . Último acesso em 15 de dezembro de 2016.

PRATA, Carmem Lúcia e NASCIMENTO, Anna Christina Aun de Azevedo Nascimento (org.). *Objetos de aprendizagem: uma proposta de recurso pedagógico*. Brasília : MEC, SEED, 2007. Disponível em: <http://rived.mec.gov.br/artigos/livro.pdf>. Último acesso em 10 de fevereiro de 2016.

REILY, Helena Lúcia. Retratos urbanos de deficiência. In: *Inclusão, Práticas pedagógicas e trajetórias da pesquisa*. Org. Denise M. de Jesus, Claudio Roberto Baptista, Maria Aparecida Santos C. Barreto e Sonia Lopes Victor. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2007.

RIBEIRO, Valéria L.B. Breve Análise Da Cognição Da Pessoa Com Autismo e Porque O Computador Tem Um Papel Preponderante Na Educação Da Pessoa Com Autismo. Disponível em: <http://topicoosem autismo e inclusao.blogspot.com/search?q=%E2%80%9CBREV E+AN%C3%81LISE+DA+COGNI%C3%87%C3%83O+DA+PESSOA+COM+AUTISMO+E+PORQUE+O+COMPUTADOR+TEM+UM+PAPEL+PREPONDERANTE+NA+EDUCA%C3%87%C3%83O+DA+PESSOA+COM+AUTISMO%E2%80%9D.+>> Último acesso em 22 de fevereiro de 2008.

RIGHETTI, D. O limiar da arte. *Rassegna Médica e Cultural*, v.8, n.4, p.44-50, 1970.

ROCHA, C. e HESSE, U. Intervenções Psicoterapêuticas na Equoterapia e Arte-terapia com a cerâmica: semelhanças e diferenças. Disponível em: <http://www.equohesse.com.br/samba/index.php/blog/7-artigos/160-iii-congresso->

brasileiro-psicologia-ciencia-e-profissao. Último acesso em 10 de fevereiro de 2016.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentin Rolim. Educação especial: história, etiologia, conceitos e legislação vigente / Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, Elisandra André Marante In: Práticas em educação especial e inclusiva na área da deficiência mental / Vera Lúcia Messias Fialho Capellini (org.). – Bauru : MEC/FC/SEE, 2008. Disponível em:<http://www2.fc.unesp.br/educacaoespecial/material/Livro2.pdf>. Último acesso em 10 de novembro de 2016.

ROGONI, Tatiellen Roberta. PROPOSTAS ARTÍSTICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO, XXII Semana de Pedagogia, X Encontro de Pesquisa em Educação, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. Emílio ou da educação. Disponível em: <http://www.ensinarfilosofia.com.br/wp-content/uploads/2017/03/Rousseau-Emilio-Ou-Da-Educacao.pdf>. Último acesso em 3 de dezembro de 2016.

RUBIM, Vanessa M. Equoterapia, escola e subjetividade: promoção da saúde, aprendizagem e desenvolvimento da criança. Pág. 71 a 87. In CERQUEIRA, Teresa C. S. (org.) et. al. Diálogos entre subjetividade e educação. 1. Ed. Curitiba, PR: 2014. 170 p.

SÁ FILHO, C. S.; MACHADO, E. de C. O computador como agente transformador da educação e o papel do Objeto de Aprendizagem. Document online publicado em 17/12/2004: Disponível em: <<http://www.universia.com.br/materia/materia.jsp?materia=5939>>. Último acesso em 20 de março de 2017.

SILVA, Lucas de Souza. Relativismo, universalismo e direito fundamental à vida. Breves considerações sobre o infanticídio indígena no Brasil. Disponível em:<https://jus.com.br/artigos/31048/relativismo-universalismo-e-direito-fundamental-a-vida> Último acesso em 21 de novembro de 2016.

SILVA, Elizangela Aparecida da, et al. Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/4850/5029>

Título: The Fundamental Problems of Defectology

Disponível

em <http://www.marxists.org/archive/vygotsky/works/1929/defectology/index.htm>.

Último acesso em setembro de 2017.

VALENTE, José Armando. Liberando a mente: Computadores na educação especial. Campinas: Graf. Central da Unicamp, 1991.

VALLETTA, D e GIRAFFA, L.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/19798>.
Último acesso em março de 2017.

VALLETTA, D. Cartilha Aplicativos Educativos. Porto Alegre: Colégio Farroupilha, 2014. Disponível em:
<http://issuu.com/colegiofarroupilha/docs/cartilha_aplicativos_educativos_col>.
Último acesso em abril de 2017.

VALLETTA, D. Gui@ de Aplicativos para Educação Básica: uma investigação associada ao uso de tablets. In: A didática e a prática de ensino nas relações entre escola, formação de professores e sociedade, 12., 2014, Fortaleza. Anais. Fortaleza: XVII Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino da ENDIPE.

VIOLA, Wilhelm. ChildArtand Franz Čížek. New York: Reynal& Hitchcock. 1936. Disponível em:
<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15436314.1937.11466708>. Último acesso em julho de 2017.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. Myslenie I Rec'. Pensamento e linguagem. Portugal: Relógio D'Água Editores. 2007.

VIGOSTSKI, Lev Semenovich. Obras escolhidas V: fundamentos de defectologia. Madri: 1997.

WALTER, B. Gabriele. Equoterapia – Fundamentos Científicos. São Paulo: Editora Atheneu, 2013.

GONSALVES, Elisa Pereira. Conversas sobre Iniciação à pesquisa científica. Campinas/SP. Alínea Editora. 2011.

GRANADOS, Anabel C. e AGÍS, Inmaculada F. Why Children With Special Needs Feel Better with Hippotherapy Sessions: A Conceptual Review. The Journal of Alternative and Complementary Medicine - 17(3):191-197; Centre for Neuropsychological Evaluation and Rehabilitation, University of Almeria, Almeria, Spain.

MONTESSORI, Maria. A Descoberta da infância, página: 61. Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangna. (2010). Disponível em:
<http://livros01.livrosgratis.com.br/me4679.pdf> . Último acesso em 3 de janeiro de 2018.

DUARTE, Rosália. PESQUISA QUALITATIVA: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DE CAMPO. Cadernos de pesquisa, n. 115, p. 139-154, março 2002.

Sites

As Primeiras Ações e Organizações Voltadas para as Pessoas com Deficiência. <http://www.bengalalegal.com/asprimeiras-historia-pcd> Último acesso em novembro de 2016.

ANDE-BRASIL www.equoterapia.org.br Último acesso em 09 de dezembro de 2016.

Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. <http://www.apaebrasil.org.br> Último acesso em dezembro de 2016.

Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde 10ª Revisão - CID-10. Versão WHO para, 2016, Organização Mundial da Saúde OMS. Fonte: <http://apps.who.int/classifications/icd10/browse/2016/en#/F80-F89> Último acesso em novembro de 2018.

Classificação Internacional de Doenças 11ª Revisão - Estatísticas de Mortalidade e Morbidade - CID-11, Organização Mundial da Saúde. Fonte: <https://icd.who.int/dev11/l-m/en> Último acesso em 11 de março de 2019.

Instituto Nacional de Educação de Surdos. <http://www.ines.gov.br/conheca-o-ines> Último acesso em novembro de 2016.

Instituto Rodrigo Mendes <http://institutorodrigomendes.org.br> Último acesso em 01 de dezembro de 2016.

ORIENTAÇÕES PARA IMPLEMENTAÇÃO DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17237-secadi-documento-subsidiario-2015&Itemid=30192 Último acesso em 20 de novembro de 2016.

Reportagem do Fantástico sobre Infanticídio. <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/12/tradicao-indigena-faz-pais-tirarem-vida-de-crianca-com-deficiencia-fisica.html> . Último acesso em outubro de 2016.

Site Stephen Wiltshire. <http://www.stephenwiltshire.co.uk/biography.aspx> Último acesso em outubro de 2016.

Metodologias de ensino e aprendizagem. Rede São Paulo de Formação de formação docente.

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP Ensino Fundamental II e Ensino Médio. São Paulo: 2012. Disponível em:http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41531/6/2ed_art_m2d4.pdf . Último acesso em novembro de 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Secretaria Estadual da Educação de São Paulo.

Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. 2007. Disponível em:

<http://peei.mec.gov.br/arquivos/politica_nacional_educacao_especial.pdf>.

Último acesso em julho 2017.

Figura sobre os benefícios do passo - Cavalos do sul.

<http://www.cavalosdosul.com.br/artigo/o-que-e-equoterapia> . Último acesso em 21 de janeiro de 2018.

Convênio SEEDF - <https://ead.equoterapia.org.br/mod/page/view.php?id=22>

Último acesso em 23 de janeiro de 2018

Evolution Tale <http://evolutiontale.com/eohippus/>. Último acesso em janeiro de 2018.

Anexos

1. Termo de concordância de Instituição Coparticipante



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES
Departamento de Artes Visuais
Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Pesquisadora: Camille Venturelli Pic
Orientadora: Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa
Telefone: 61 991989444
Email: venturellicamille@gmail.com

TERMO DE CONCORDÂNCIA DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



O Sr. **Jorge Dornelles Passamani** presidente da **Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL)** está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante no cumprimento da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, na realização do projeto de pesquisa **Arte_Equoterapia: confluências na educação em artes visuais**, de responsabilidade da pesquisadora **Camille Venturelli Pic**, para investigar e por em prática atividades arte educativas na Equoterapia, a partir da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, da Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília.

O estudo envolve levantamento bibliográfico, avaliação de metodologias das artes, realização de entrevistas, apresentação de documentos, atividades da Equoterapia, atividades arte educativas, manipulação de materiais arte educativos e avaliação semanal das atividades em praticantes da atividade

diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista. Tem duração de 30 minutos uma vez por semana, quatro vezes no mês, durante um ano, com previsão de início para o mês de Julho de 2017.

Brasília, 31 / Agosto / 2016

Diretor responsável da ANDE-BRASIL


Nome/Assinatura/Carimbo
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA
ANDE - BRASIL GRUPO DO TÓRTO
BRASILIA, DF - CEP: 70100-000

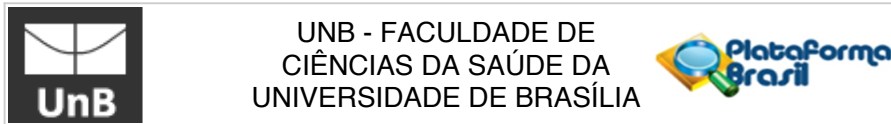
Universidade de Brasília


Nome/Assinatura/Carimbo
Dr. Nelson Dias
Coord. de Psicologia
Visto em 10/08/2016
Mat. 140601

Pesquisador Responsável pela pesquisa:


Nome/Assinatura

2. Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Arte_Equoterapia: Confluências na Educação em Artes Visuais

Pesquisador: CAMILLE VENTURELLI PIC

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 61660616.0.0000.0030

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE DE BRASILIA

Patrocinador Principal: FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.915.920

Apresentação do Projeto:

Desenho:

"O projeto de pesquisa visa analisar e avaliar as contribuições para o ensino especial, considerando aproximações e distanciamentos entre educação em artes visuais e equoterapia, com perspectiva de educação inclusiva, pela confluência entre arte e educação. • Pesquisar projetos no Brasil e no exterior desenvolvidos a partir de políticas públicas de inclusão de estudantes deficientes nas escolas de ensino fundamental e médio através da educação em artes visuais. • Avaliar como a arte em confluência com a educação e equoterapia podem ser como um veículo para abordar o universo criativo, imaginário e simbólico, possibilitando o desenvolvimento de potencialidades, bem como o conhecimento de si mesmo. • Propor oficinas e atividades envolvendo a educação em arte e equoterapia, como estudos de caso, assim como avaliar o desenvolvimento dos estudantes que participam da pesquisa, considerando para tanto o esforço da escola e da família. • Auxiliar com a pesquisa a inclusão, ganhos na saúde e bem estar dos praticantes assim como suas famílias e desenvolver mais a aprendizagem de alunos deficientes. • Mostrar como a educação em arte e equoterapia conjuntamente são meios para a melhoria de vida das pessoas. • Avaliar e produzir materiais pedagógicos e arteeducativos para que os praticantes possam utilizá-los durante o atendimento de equoterapia e em outros ambientes trabalhando o lado artístico e educativo ."

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

Produzir vídeo -aulas arteeducativas e equoterápicas com novas metodologias para os professores e profissionais interessados."

Metodologia:

"Adotarei como princípio a metodologia a/r/t/ográfica, que segundo Belidson Dias (2013) contém os fundamentos para integrar as formas de pensar do artista, do pesquisador e do professor visando permear entre áreas de estudo e entre a teoria, a prática e a poética na arte/educação. Na confluência entre as diferentes áreas e disciplinas buscaremos apoio no pensamento transdisciplinar, que para Edgar Morin (1996), conecta a complexidade da atualidade, ontologia, epistemologia e metodologia, trazendo consigo novas bases para renovação filosófica e educacional ao priorizar as relações, as interações, as emergências, as redes e seus processos auto-eco- organizadores, dialógicos, recursivos e emergentes. Esta pesquisa busca adotar metodologias que abordem a educação especial como meios possíveis de acessar o lado educacional e artístico do deficiente, considerando suas limitações e procurando melhorias perceptivas, cognitivas e locomotivas para que ele consiga realizar as atividades e inclusão no ensino/aprendizagem educacional. Para isso a pesquisa irá perseguir metodologias e pensamentos de Vygotsky (1989), que cita que a criança cujo desenvolvimento se complicou por algum motivo, não é simplesmente menos desenvolvido que seus colegas ditos normais, ou seja, ele diz que neste caso é uma criança desenvolvida de uma outra forma. A metodologia para atingir os objetivos propostos recorre a Equoterapia, pois o estímulo do cavalo e seu ambiente, dos movimentos oscilatórios tridimensionais, gera uma descarga de sensações como a autoconfiança, percepção espacial, além dos ganhos da tonificação muscular, produção de células nervosas e ajuste postural, como vem sendo comprovado nas pesquisas sobre a importância da equoterapia durante o desenvolvimento da criança.

Critério de Inclusão:

1. Crianças de qualquer sexo diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). 2. Crianças que tenham sido encaminhadas por um médico para fazer Equoterapia. 3. Crianças da faixa etária de 5 a 12 anos que estejam matriculadas na escola. 4. Crianças cujo os pais tenham concordado formalmente para que seus filhos possam participar da pesquisa. 5. Crianças que possam participar da pesquisa na Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL) em conjunção com a Universidade de Brasília. 6. Crianças que não tenham praticado Equoterapia com pelo menos 2 anos de espaço, mas preferencialmente que nunca tenham praticado.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

Critério de Exclusão:

1. Comprometimentos físicos e ortopédicos que limitem a realização de exercícios a cavalo como crises convulsivas, osteoporose, luxação de quadril, escoliose acentuada entre outros. 2. Crianças com alergia a pêlo de cavalo. 3. Crianças com alergia a materiais artísticos. 4. Crianças com contraindicações médicas para fazer Equoterapia."

Objetivo da Pesquisa:

"Objetivo Primário:

O projeto de pesquisa visa analisar e avaliar as contribuições para o ensino especial, considerando aproximações e distanciamentos entre educação em artes visuais e equoterapia, com perspectiva de educação inclusiva, pela confluência entre arte e educação.

Objetivo Secundário:

- Pesquisar projetos no Brasil e no exterior desenvolvidos a partir de políticas públicas de inclusão de estudantes especiais nas escolas de ensino fundamental e médio através da educação em artes visuais.
- Avaliar como a arte em confluência com a educação e equoterapia podem ser como um veículo para abordar o universo criativo, imaginário e simbólico, possibilitando o desenvolvimento de potencialidades, bem como o conhecimento de si mesmo.
- Propor oficinas e atividades envolvendo a educação em arte e equoterapia, como estudos de caso, assim como avaliar o desenvolvimento dos estudantes que participam da pesquisa, considerando para tanto o esforço da escola e da família.
- Auxiliar com a pesquisa a inclusão, ganhos na saúde e bem estar dos praticantes assim como suas famílias e desenvolver mais a aprendizagem de alunos portadores de necessidades especiais.
- Mostrar como educação em arte e equoterapia conjuntamente são meios para a melhoria de vida das pessoas.
- Produzir novos materiais arteeducativos para que os praticantes possam utilizá-los durante o atendimento de equoterapia e em outros ambientes trabalhando o lado artístico e educativo.
- Produzir vídeo-aulas arte educativas e equoterápicas com novas metodologias para os professores e profissionais interessados."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Nas palavras das pesquisadoras:

"Riscos:

Os dois principais riscos desta pesquisa são em relação aos materiais artísticos e ao cavalo. Caso alguma criança tenha algum tipo de alergia a tinta guache, pincéis, pêlo de cavalo e outras coisas, será necessário ser informado. Pois, no critério de exclusão de participantes, esta citado os tipos

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

de causas de alergia que não podem estar associados aos praticantes. O uso dos materiais são considerados seguros, mas pode acontecer intoxicação e contaminação. Estes riscos serão evitados com uso de materiais atóxicos. Outro esclarecimento importante é sobre o cavalo, ser vivo com características físicas e fisiológicas peculiares, ele pode ter algumas alterações comportamentais naturais como relinchos e coices caso algo esteja bem atrás dele e os assuste, mas os cavalos de Equoterapia da ANDE-BRASIL são treinados para atender especificamente esta demanda de trabalho, sendo animais calmos que sempre estarão acompanhados de profissionais competentes, que evitem que ele se comporte ao ponto da pessoa sofrer uma queda, qualquer necessidade de socorro será prestada rapidamente e facilmente.

Benefícios:

Esta pesquisa irá beneficiar o campo da pesquisa, a vida e desenvolvimento escolar dos praticantes e dos participantes em diversos aspectos. As áreas trabalhadas são educação em artes visuais, na educação especial, nas artes e na equoterapia. Trabalharemos o desenvolvimento cognitivo dos praticantes, estimulando atividades psicomotoras, recorrendo ao imaginário e a criatividade por meio de linguagens artísticas (pintura, desenho, manipulação de massa de modelar, entre outros) técnicas tradicionais (manipulação de materiais pedagógicos) e também digitais (games) durante a Equoterapia que proporciona diversos estímulos pelos movimentos oscilatórios tridimensionais do cavalo. Esta atividade também melhora a autoconfiança, autoestima, a socialização com o mundo, desenvolve a percepção espacial, melhora a tonificação muscular, ajuste postural entre outros benefícios que serão ganhos em um ambiente repleto de natureza. A pesquisa será feita na Associação Nacional de Equoterapia (ANDEBRASIL), percussora da Equoterapia no país, responsável por formar milhares de Equoterapeutas e atender muitos casos de deficientes, possui seguro de vida, profissionais e cavalos experientes e qualificados para atender perfeitamente as necessidades dos praticantes."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, vinculado ao Departamento de Artes Visuais/Instituto de Artes da UnB, da aluna de mestrado Camille Venturelli Pic sob orientação da Profa. Dra. Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Inicialmente foram apresentados os seguintes termos:

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

- Folha de Rosto (folhaderostocamille.pdf em 29/10/2016) - assinada pelo Reitor da UnB.
- Termo de concordância (TERMO_CONCORDANCIA_UNB.jpg em 08/10/2016 e T_concordancia.docx 12/09/2016) - assinado pelo Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes da UnB.
- TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TCLE_PRATICANTE_FINAL.docx em 22/09/2016 e TCLE_FINAL.docx em 12/09/2016) - um direcionado aos pais de crianças que praticam a equoterapia e outro direcionado a participantes voluntários.
- Termo de autorização para uso de imagem e som de voz (T_imagem_som.docx em 22/09/2016) - com conteúdo e linguagem adequados.
- Termo de concordância da instituição coparticipante (coparticipante.pdf e T_concordancia_coparticipante.docx em 22/09/2016) - assinado pelo diretor da Associação Nacional de Equoterapia.
- Cronograma (Cronograma.pdf 12/09/2016) - sem identificação dos meses em que cada etapa será realizada - PENDÊNCIA.
- Currículos das pesquisadoras
- Termo de responsabilidade e compromisso do pesquisador (termo_responsabilidade.pdf e T_responsabilidade.docx em 12/09/2016)
- Projeto Detalhado / Brochura Investigador (PROJETO_PESQUISA_CAMILLE.pdf em 12/09/2016)
- Declaração do Patrocinador (declaracao_capes.pdf em 12/09/2016) - assinado pelo Diretor de Pós-Graduação do Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação da UnB, atestando que a pesquisadora proponente é bolsista da Capes.
- Carta de encaminhamento ao CEP (CARTA_ENCAMINHAMENTO_CEPS_1.docx e carta_encaminhamento.pdf em 12/09/2016)
- Orçamento (PlanilhadeOrçamento.docx em 12/09/2016) prevendo gasto de R\$ 2.386,5 com materiais de papelaria diversos, kit de higiene para cavalos, gasolina e um tablet. Os materiais serão adquiridos com recursos provenientes da bolsa de mestrado da Capes.
- Declaração de matrícula (declaracao_matricula.pdf em 12/09/2016) - declarando que a pesquisadora proponente é aluna de programa de pós-graduação nível mestrado.

Após a resposta às pendências, foram submetidos os seguintes documentos:

- Cronograma (CRONOGRAMA_FINAL.pdf em 18/12/2016)
- Projeto Detalhado / Brochura Investigador (PROJETO_PESQUISA_CAMILLE.pdf em 18/12/2016)
- Carta de resposta às pendências (Carta_resposta_anexada_final.pdf em 18/12/2016)
- TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TCLE_FINAL.pdf em 18/12/2016)

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

- TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência (TCLE_PRATICANTE_FINAL.pdf em 18/12/2016)

Recomendações:

Não se aplica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Análise das respostas às pendências emitidas pelo parecer consubstanciado no. 1.836.191:

1. No Cronograma identificar os meses em que cada etapa da pesquisa será realizada (janeiro, fevereiro, etc.). Considerar o início para depois da aprovação do CEP. PENDÊNCIA ATENDIDA - o recrutamento iniciará em maio de 2017.

2. Na metodologia: PENDÊNCIAS ATENDIDAS

2.1 Não ficou claro onde as crianças serão recrutadas. Descrever o local e a estratégia de recrutamento (como serão convidadas a participar, por quem e onde). (a resposta foi incluída no Detalhamento de estudo, página 04 da plataforma Brasil,

no campo Metodologia proposta, linha 13 e no Projeto_Pesquisa (em PDF), na página 14, parágrafo 01).

2.2 Não ficou claro quem serão os participantes voluntários, os critérios de inclusão e exclusão desses participantes, de que população serão recrutados e como. PENDÊNCIA ATENDIDA (a resposta foi incluída no Detalhamento de estudo, página 04 da plataforma Brasil, no campo Metodologia proposta, e no Projeto_Pesquisa (em PDF), página 14, parágrafo 03)

3. Anexos: explicar na metodologia como serão usados os anexos incluídos no projeto. PENDÊNCIA ATENDIDA - (a resposta foi incluída no Detalhamento de Estudo, página 04 da plataforma Brasil, no campo Metodologia proposta, e no Projeto_Pesquisa (em PDF), página 14, A partir do parágrafo 05)

3.1 A avaliação médica será realizada por quem? PELO MÉDICO QUE FAZ ACOMPANHAMENTO REGULAR DE CADA PARTICIPANTE.

3.2 O acompanhamento da professora regente será solicitado como? PELOS PAIS, A PEDIDO DA PESQUISADORA.

3.3 A avaliação semanal será realizada por quem? PELA PESQUISADORA.

4. No TCLE: acrescentar, ao lado do telefone da pesquisadora a frase "mesmo para ligações à cobrar". PENDÊNCIA ATENDIDA.

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

Conclusão: Todas as pendências foram atendidas. Não há óbices éticos para a realização deste projeto. Protocolo de pesquisa está em conformidade com a Resolução CNS 466/2012 e Complementares.

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com a Resolução 466/12 CNS, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, os pesquisadores responsáveis deverão apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_775874.pdf	18/12/2016 21:24:26		Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_FINAL.pdf	18/12/2016 21:23:50	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_PESQUISA_CAMILLE.pdf	18/12/2016 21:23:16	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	Carta_resposta_anexada_final.pdf	18/12/2016 21:22:10	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FINAL.pdf	18/12/2016 21:19:38	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_PRATICANTE_FINAL.pdf	18/12/2016 21:19:07	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocamille.pdf	29/10/2016 14:42:02	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	TERMO_CONCORDANCIA_UNB.jpg	08/10/2016 17:29:12	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	T_imagem_som.docx	22/09/2016 18:36:10	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	coparticipante.pdf	22/09/2016 18:34:39	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	CV_CAMILLE.pdf	12/09/2016 10:57:22	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	CV_ORIENTADORA_THERESE.pdf	12/09/2016 10:55:43	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com



Continuação do Parecer: 1.915.920

Outros	termo_responsabilidade.pdf	12/09/2016 10:53:43	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	T_responsabilidade.docx	12/09/2016 10:52:48	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Declaração de Pesquisadores	T_concordancia.docx	12/09/2016 10:51:21	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	T_concordancia_coparticipante.docx	12/09/2016 10:49:32	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Declaração do Patrocinador	declaracao_capex.pdf	12/09/2016 10:44:44	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CARTA_ENCAMINHAMENTO_CEPS_1.docx	12/09/2016 10:43:49	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Orçamento	PlanilhadeOrçamento.docx	12/09/2016 10:42:22	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Declaração de Pesquisadores	carta_encaminhamento.pdf	12/09/2016 10:39:17	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito
Outros	declaracao_matricula.pdf	12/09/2016 10:38:11	CAMILLE VENTURELLI PIC	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 31 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Marie Togashi
(Coordenador)

Endereço: Faculdade de Ciências da Saúde - Campus Darcy Ribeiro
Bairro: Asa Norte **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1947 **E-mail:** cepfsunb@gmail.com

3. Termo de consentimento livre e esclarecido - TECLE



Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES

Departamento de Artes Visuais

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais

Pesquisadora: Camille Venturelli Pic

Orientadora: Thérèse Hofmann Gatti Rodrigues da Costa

Telefone: 61 991989444

Email: venturellicamille@gmail.com



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Venho por meio deste convidar você e seu filho(a) a participar da pesquisa de mestrado intitulada **Arte_Equoterapia: confluências na educação em artes visuais**, realizada na Universidade de Brasília no programa de pós-graduação em Artes Visuais.

Esse documento apresenta informações sobre a teoria e a prática da pesquisa, que foram especialmente selecionadas para beneficiar o desenvolvimento de crianças, da faixa etária de 5 a 12 anos, deficientes e/ou com necessidades especiais.

A pesquisa tem por objetivo estimular a criatividade, a partir do ensino das artes visuais e estimular o desenvolvimento biopsicossocial a partir da aplicação do método terapêutico da Equoterapia, que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas de saúde, educação e equitação.

A prática proposta permitirá trabalhar o desenvolvimento cognitivo e estimular atividades psicomotoras. Para tanto, em conjunto com a Equoterapia, serão utilizadas técnicas artísticas como pintura, desenho, manipulação de massa de modelar, manipulação de materiais pedagógicos e também digitais, como jogar games. A equoterapia, por sua vez, proporcionará diversos estímulos, em função dos movimentos oscilatórios tridimensionais do cavalo. A atividade com o cavalo também provoca o aumento da autoconfiança, autoestima, a socialização com o mundo. Além disso, a arte e a equoterapia ao mesmo tempo, desenvolvem a percepção espacial, melhoram a tonificação muscular e o ajuste postural. As sessões trazem outros benefícios às crianças, pois aproveitarão de ambiente saudável, repleto de vida natural.

As sessões ocorrerão na **Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-BRASIL)**, reconhecida pela excelência na área, será o local em que as crianças participarão de atendimentos arte educativos e equoterápicos. As sessões de 30 minutos cada, ocorrerão uma vez por semana, durante um ano. As crianças serão divididas em dois grupos, com 6 participantes em cada. As atividades serão simultâneas, e toda criança terá atendimento individualizado, em função da metodologia qualitativa da pesquisa. No primeiro encontro será feita entrevista com cada criança e seus respectivos pais, no intuito de conhecer o perfil de cada uma. Em seguida, o praticante será designado para um dos grupos assim definidos: Grupo 1 - Equoterapia e Arte ou Grupo 2 - Equoterapia.

Ambos os grupos irão praticar atividades de Equoterapia, explorando o cavalo e o ambiente. Porém, só um grupo participará da atividade arte educativa que verificará a hipótese da pesquisa de que os materiais artísticos e educativos podem estimular e auxiliar o processo de ensino e desenvolvimento de deficientes, durante e após o processo da Equoterapia. Todos os praticantes serão beneficiados exercendo as atividades propostas, independentemente do grupo.

Os primeiros contatos e aproximação entre a criança e o cavalo ocorrem logo no início da equoterapia. Em seguida, ocorrem os atendimentos que auxiliarão no ensino-aprendizagem, priorizando aspectos emocionais. Depois, inclui-se os materiais nas atividades.

Todos os dias serão feitas as atividades artísticas a cavalo. Para isso, serão usados pincéis, tinta guache, lápis de cor, canetinhas, papéis, massinha de modelar, prancheta, tela para pintura, fantoches, cubos de encaixe, brinquedos, games em tablet, legumes para cavalos, kit de limpeza para cavalos, cavalos para colorir, entre outros materiais que podem surgir durante a pesquisa.

O uso destes materiais são considerados seguros, pois será evitado o uso de materiais tóxicos. Outros esclarecimento importante é sobre o cavalo, que é um animal, um ser vivo com características físicas e fisiológicas peculiares, ele pode ter algumas alterações comportamentais naturais como relinchos e coices caso algo esteja bem atrás das patas e os assuste. Entretanto, os cavalos de Equoterapia da ANDE-BRASIL são treinados para atender a demanda de trabalho, sendo animais calmos que sempre estarão acompanhados de profissionais competentes, qualquer necessidade de socorro será prestada rapidamente e facilmente.

A criança, por medida de segurança, terá que usar capacete, equipamento obrigatório disponibilizado pelo centro de Equoterapia. Caso aconteça algum problema, procura a pesquisadora Camille Venturelli Pic pelo telefone (61) 99198-9444 – mesmo para ligações à cobrar - ou e-mail: venturellicamille@gmail.com.

A sua privacidade assim como as informações disponibilizadas nesta pesquisa serão confidenciais, e irão ser apenas utilizadas para o meio acadêmico, nunca serão citados nomes nem será mostrado rostos em apresentações sem a sua autorização.

A sua participação é voluntária e você pode se recusar a responder questões que lhe tragam constrangimentos assim como o ato de não ir em algum dia de atividade, caso o praticante tenha de parar de participar da pesquisa, ninguém será penalizado de nenhuma forma.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em meios acadêmicos das áreas estudadas e na instituição participante e coparticipante, como apresentação da tese final do mestrado, publicação de artigos científicos e seminários.

Para que serve esse termo:

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) está redigido em duas vias iguais para que se faça assinado pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa e ser rubricado nas demais folhas, sendo de caráter obrigatório o qual constitui o documento mais importante para a realização de uma pesquisa com seres humanos que esta em consonância com o Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade da Saúde da Universidade de Brasília (CEP-FS).

O Comitê de Ética em pesquisa da Faculdade da Saúde da Universidade de Brasília se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Darcy Ribeiro da Universidade de Brasília e é uma instância colegiada, constituída pela instituição em respeito as normas da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O Comitê tem caráter inter e transdisciplinar, contando com a participação de profissionais da área biomédica, das ciências sociais e humanas e usuários do sistema de saúde. E conta com as seguintes atribuições:

- Revisar todos os protocolos de pesquisa com a responsabilidade pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição.
- Emitir parecer consubstanciado por escrito.
- Manter a guarda confidencial e o arquivamento do protocolo completo, que ficará a disposição das autoridades sanitárias.

- Desempenhar papel consultivo e educativo, fomentando a reflexão em torno da ética na ciência.
- Receber dos participantes da pesquisa ou de qualquer parte, denúncias de abusos ou notificação sobre fatos adversos que possam alterar o curso normal do estudo, deliberando pela continuidade, modificação ou suspensão da pesquisa, devendo adequar o termo de consentimento.
- Manter comunicação regular e permanente com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS).

Contato CEP-FS – Telefone: (61) 31071947 - E-mail: cepfsunb@gmail.com - site: <http://fs.unb.br/cep/> - horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira das 10:00hs às 12:00hs e das 13:30hs às 15:30hs

Por estar de acordo com o TCLE assino:

Nome do praticante

Responsável legal

Camille Venturelli Pic
Pesquisador

Data: ___/___/___ Local: _____

4. Ficha avaliação fisioterápica



CENTRO BÁSICO DE EQUOTERAPIA GENERAL CARRACHO – CBEGC
O Cavalo Transformando Vidas



AVALIAÇÃO FISIOTERÁPICA

NOME PACIENTE: _____ DN: ____/____/____.

DIAGNÓSTICO CLÍNICO: _____

DIAGNÓSTICO FISIOTERÁPICO: _____

PERÍODO PRÉ-NATAL - HISTÓRIA GESTACIONAL:

PERÍODO PERI-NATAL

PARTO:	CHORO:	APGAR:
PESO:	COMPRIMENTO:	
IDADE GESTACIONAL:		

PERÍODO PÓS-NATAL

COMPLICAÇÕES:	UTI:	TEMPO:
ALTA HOSPITALAR:	IDADE PRIMEIRO DIAGNÓSTICO:	

SAÚDE GERAL DO PACIENTE

	SIM	NÃO	CONSIDERAÇÕES:
CONVULSÕES ANTERIORES:			
CONVULSÕES ATUAIS:			Frequência:
MEDICAMENTOS:			
CONSTIPAÇÃO			
REFLUXO GASTROESOFÁGICO:			
AUDIÇÃO:			
VISÃO:			
SONO:			
INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS:			
ALERGIAS:			

FORMA DE COMUNICAÇÃO

	SIM	NÃO	CONSIDERAÇÕES
FALA			
GESTOS			
USO DOS OLHOS			

TRATAMENTOS ANTERIORES/ATUAIS

TTOs Anteriores					
TTOs Atuais					

IDADE DAS AQUISIÇÕES MOTORAS

SUSTENTAÇÃO DE CABEÇA:
SENTAR:
ENGATINHAR/ ARASTAR:
ANDAR:

QUEIXA PRINCIPAL

QUADRO ATUAL

LOCOMOÇÃO ATUAL:
MOBILIDADE ARTICULAR:
RESTRICÇÕES:
DEFORMIDADES

ÓRTESES/PROTESES

TÔNUS MUSCULAR: Escala de Ashworth Modificada de 5 pontos

-1 = Hipotonia	0= Tônus normal.	1= Discreto aumento do tônus.	2=Aumento mais pronunciado do tônus.	3=Aumento considerável do tônus.	4=Articulação afetada rígida em flexão ou extensão.
Resultado da Escala de Ashworth Modificada - SCORE OBTIDO:					

ESCALA DE TÔNUS ADUTOR DOS QUADRIS (caso Escala de Ashworth \geq 1)

0=Sem aumento no tônus muscular.	1=Tônus aumentado fácil abdução dos quadris a 90º por uma pessoa.	2=Abdução dos quadris a 90º por uma pessoa com discreto esforço.	3=Abdução dos quadris a 90º por uma pessoa com discreto esforço.	4=se requerem duas pessoas para se conseguir a abdução dos quadris.
Resultado da Escala de Tônus Adutor dos Quadris - SCORE OBTIDO:				

GRAU DE AMPLITUDE DE ABDUÇÃO DE QUADRIL (GONIOMETRIA): D: _____ E: _____

- Em caso de grau \leq a 15, caracteriza impossibilidade de montaria clássica e/ou montaria invertida.

EQUILÍBRIO ESTÁTICO / DINÂMICO

COORDENAÇÃO MOTORA

MARCHA

PREENSÃO VOLUNTÁRIA

PALMAR

PINÇA

NÃO POSSUE

TÔNUS MUSCULAR – DESCRIVER:

CONCLUSÃO / INDICAÇÃO PARA EQUOTERAPIA

Nome: _____ CREFITO: _____

Data: ____/____/____. _____

Assinatura/Carimbo

E-mail e ou WhatsApp para contato: _____



5. Ficha parecer médico



CENTRO BÁSICO DE EQUOTERAPIA GENERAL CARRACHO – CBEGC
O Cavalo Transformando Vidas



PARECER MÉDICO

Prezado(a) Médico(a),
Seu paciente _____ DN: ____/____/____,
ABO/Rh: _____, peso: _____, altura: _____, está interessado em participar de atividades equoterápicas.

Para que se realize um atendimento seguro e de qualidade, requisitamos o preenchimento criterioso dessa avaliação médica. É importante esclarecer que algumas condições clínicas necessitam de uma análise mais aprofundada, pois podem exigir precauções ou mesmo contraindicar a prática equoterápica, em função do grau de comprometimento deste paciente.

I - ASPECTOS GERAIS

Diagnóstico confirmado? SIM NÃO
Diagnostico Clínico/Hipótese: _____ CID 10: _____
Etiologia: _____
Medicações: _____

O PACIENTE TEM:	SIM	NÃO	CONSIDERAÇÕES:
Lesão cerebral?			
Distúrbio muscular?			
Marcha?			
Epilepsia?			Tipo:
Convulsões?			Controlada? Última: ____/____/____
Dificuldade de atenção?			
Agitação?			
Válvula de derivação			Tipo: Última Revisão: ____/____/____
Prótese, órtese e outros equip. de apoio?			
Exame sanguíneo recente?			HC: GL: LG: TSH: Data exame: ____/____/____

*PACIENTE COM FROUXIDÃO LIGAMENTAR (Ex: S. Down): Restrições referentes à Instabilidade Atlanto-Axial
Raio-X, Data: ____/____/____ Resultado: _____

*PACIENTE COM ESCOLIOSE: Raio-X, Data: ____/____/____ Resultado: _____

*PACIENTE COM LUXAÇÃO DE QUADRIL: Adquirida() Congênita() Raio-X, Data: ____/____/____
Ecografia, Data ____/____/____ Resultados: _____

II – SITUAÇÕES ESPECIAIS

Relacionamos, abaixo, situações que podem sugerir precauções ou mesmo contraindicar a prática da equoterapia. Caso seu paciente esteja dentro de alguma dessas situações, e assim mesmo, for considerado que ele pode se beneficiar, preencha o quadro abaixo indicando as alterações existentes em cada sistema e/ou área, especificando-as quando for o caso. Incluir cirurgias progressas e atuais. (RESPONDER TODOS OS ITENS)

SISTEMA E/OU ÁREA	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS IMPORTANTES
1. CARDIOVASCULAR (Trombose, cardiopatia congênita, arritmia, hemofilia, etc.)			

SISTEMA E/OU ÁREA	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS IMPORTANTES
2. COGNITIVA (deficiência intelectual, dificuldade de aprendizagem, etc.)			
3. DERMATOLÓGICA E ALÉRGICA (úlceras, psoríase, dermatite de contato, etc.)			
4. IMUNOLÓGICO (doenças)			
SISTEMA E/OU ÁREA	SIM	NÃO	COMENTÁRIOS IMPORTANTES
5. LINGUAGEM (atraso, ausência, etc.)			
6. ONCOLÓGICA			
7. ORTOPÉDICA (luxações espondiloses, alterações musculares, etc.)			Raio-X: data ___/___/___ Resultado:
8. PNEUMOLÓGICA (tumores, asma, enfisema, etc.)			
9. PROTOLÓGICA (hemorroida, prolapso retal, etc.)			
10. PSICOLÓGICA (aspectos afetivos, emocionais e sociais)			
11. PSIQUIÁTRICA (psicose, stress agudo, esquizofrênico etc.)			
12. UROLÓGICA (tumor, hérnia inguinal-escrotal, infecções)			
13. VESTIBULAR (déficit auditivo, labirintite aguda, etc.)			
14. VISUAL			
15. DORES (agudas ou crônicas)			

Indico o tratamento equoterápico: SIM NÃO para o paciente:

JUSTIFICATIVA, caso apresente alguma das situações especiais anteriores:

NOME DO MÉDICO: _____

LOCAL E DATA: _____/_____/_____

ASSINATURA CRM/CARIMBO

EMAIL E OU WHATSAPP PARA CONTATO: _____

Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL - CNPJ: 26.410.860./0001-97
Granja do Torto – CEP: 70636-000 – Brasília-DF / Fone: (61) 3468-7092/ 4141-0624
Website: www.equoterapia.org.br / e-mail: centroequoterapia@equoterapia.org.br

Convênios:



Patrocínio:

POUPEX

6. Ficha parecer psicológico



CENTRO BÁSICO DE EQUOTERAPIA GENERAL CARRACHO – CBEGC
O Cavalo Transformando Vidas



PARECER PSICOLÓGICOS

DADOS PESSOAIS DO AVALIADO

NOME: _____ DN: ____/____/____.

DIAGNÓSTICO CLÍNICO: _____ CID: _____

QUEIXA PRINCIPAL: _____

	SIM	NÃO	
JÁ FEZ EQUOTERAPIA ANTES?			ONDE? HÁ QUANTO TEMPO?
CRIANÇA PLANEJADA?			
ACOMPANHAMENTO PRÉ-NATAL?			
CHORO AO NASCER?			
ALIMENTAÇÃO: SEIO MAMADEIRA			

SAÚDE
ALERGIAS:
CONVULSÕES? CONTROLADAS? TIPO?
DOENÇAS SIGNIFICATIVAS – TRAUMAS:
DIGESTÃO:
TRANSTORNO ALIMENTAR:
RESPIRAÇÃO:
SONO:
DÉFICIT COGNITIVO:
ROTINA
BRINCADEIRAS (ONDE, COMO, COM QUEM):
PREFERÊNCIAS E AVERSÕES:
ACEITA MUDANÇAS EM SUA ROTINA?

Considerações sobre a rotina:

VIDA EM FAMÍLIA:
NÚCLEO FAMILIAR:
EDUCAÇÃO (LIMITES, NEGOCIAÇÕES, REPREENSÕES...)
IRMÃOS EM ORDEM CRONOLÓGICA:
LAZER:
IDEOLOGIA RELIGIOSA:

LEGENDA PARA PREENCHIMENTO: S = SIM N = NÃO NO = NÃO OBSERVADO P = PARCIALMENTE

CUIDADOS PESSOAIS					
	S	N	NO	P	COMENTÁRIOS
EXECUTA HIGIENE PESSOAL SOZINHO(A)					
VESTE AS ROUPAS/SAPATOS SOZINHO(A)					
SE ALIMENTA SOZINHO(A)					
TRAÇOS DE PERSONALIDADE					
EXTROVERSÃO					
FOBIA					
OBSESSÃO					
INTROVERSÃO					
ANSIEDADE					
HISTERIA					
DEPENDÊNCIA EMOCIONAL					
TIMIDEZ					
LINGUAGEM					
VERBAL COMPREENSIVA					
GESTUAL					
GRITOS					
MÍMICA FACIAL					
MONOSSÍLABOS					
FRASES CURTAS					
FRASES COMPLETAS					
COMPREENSÃO					
COMPREENDE ORDENS					
EXECUTA ORDENS VERBAIS SIMPLES					
EXECUTA ORDENS COMPLEXAS					

SAÚDE MENTAL					
	S	N	NO	P	COMENTÁRIOS
APRESENTA CONFUSÃO MENTAL					
APRESENTA DELÍRIOS					
APRESENTA ALUCINAÇÕES					
SOCIALIZAÇÃO					
INTERAGE BEM COM OUTRAS CRIANÇAS					
INTERAGE BEM COM ADULTOS					
BUSCA CONTATO SOCIAL					
TEM OPORTUNIDADE DE CONTATO					
FAZ CONTATO VISUAL					
COMPORTEAMENTO					
AGITAÇÃO					
TOLERÂNCIA À FRUSTRAÇÃO					
RESPEITAR LIMITES E REGRAS					
OPOSIÇÃO					
ATENÇÃO/CONCENTRAÇÃO					
HABILIDADE SOCIAIS					
PASSIVIDADE					
AUTOAGRESSIVIDADE					
HETEROAGRESSIVIDADE					
ASSERTIVIDADE					
AFETIVIDADE					
DEMONSTRA CARINHO ESPECIAL POR ALGUÉM					
DIVIDE SUAS COISAS					
AJUDA QUANDO SOLICITADO					
EXPRESSÃO DE SENTIMENTOS (carinho, raiva...)					
RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM O EXAMINANDO (PERCEPÇÃO DO ENTREVISTADOR)					
ADEQUADA					
SUPERPROTEÇÃO					
DIFICULDADE EM PERCEBER AS DEFICIÊNCIAS					
REJEIÇÃO					
INDIFERENÇA					
ANSIEDADE					

EXPECTATIVA DA FAMÍLIA QUANTO À EQUOTERAPIA?

6. Ficha estudo de caso



ESTUDO DE CASO INICIAL EM EQUIPE



DATA: ____/____/____.

Praticante: _____

Diagnóstico: _____

Idade: _____ Peso: _____ Altura: _____

Medicamento: _____

Características importantes:

Sugestões na área física/ sensorial:

Sugestões na área psicológica:

Sugestões na área pedagógica e fonoaudiológica:

Acompanhado na área de assistência social: () Sim () Não

Observações complementares:

Sugestão de Cavalos/ Encilhamento: _____

7. Ficha cadastral



CENTRO BÁSICO DE EQUOTERAPIA GENERAL CARRACHO – CBEGC
O Cavalo Transformando Vidas



FICHA CADASTRAL

DADOS PESSOAIS DO PRATICANTE					
NOME COMPLETO:					FOTO 3X4
Diagnóstico Clínico:					
Data de Nascimento: / /	Idade:	Sexo: ()FEM ()MASC			
Tipo Sanguíneo:	Fator RH:	Altura:	Peso:		
Naturalidade:	CPF:	Cor/Raça:			
Endereço Residencial:					
Bairro:	Cidade:	Estado:	CEP:		
ESCOLARIDADE DO PRATICANTE					
Ano/Série:	Turma: ()Especial ()Inclusão ()Regular			Turno: ()MAT ()VESP	
Instituição de Ensino:				()Privada ()Pública	
RESPONSÁVEIS PELO PRATICANTE					
1-RESPONSÁVEL:					
Grau de Parentesco:			Data de Nascimento: / /		
Profissão:			E-mail:		
Celular 1:	Operadora:	Celular 2:	Operadora:		
Telefone Residencial:			Telefone Trabalho:		
2-RESPONSÁVEL:					
Grau de Parentesco:			Data de Nascimento: / /		
Profissão:			E-mail:		
Celular 1:	Operadora:	Celular 2:	Operadora:		
Telefone Residencial:			Telefone Trabalho:		
RENDA FAMILIAR					
R\$					
CRONOGRAMA DE ATIVIDADES DO PRATICANTE					
Turno/dia	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Matutino					
Vespertino					
OBS.: Horário desejado das sessões equoterápicas:					
EM CASO DE EMERGÊNCIA					
Ligar para: _____ Tel: _____					
Plano de saúde: () não () sim/Qual: _____					
Tipo sanguíneo/Fator RH: _____					
INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES					
Data de Início na Equoterapia: ____/____/____ Previsão da Alta Equoterápica: ____/____/____					
Profissional responsável pelas informações coletadas: _____					
DATA DA EFETIVAÇÃO DA MATRÍCULA					
Brasília – DF, ____ de ____ de ____.					
Nome Completo Responsável/Praticante: _____					
Assinatura Responsável/Praticante: _____					

Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL - CNPJ: 26.410.860./0001-97
 Granja do Torto – CEP: 70636-000 – Brasília-DF / Fone: (61) 3468-7092/ 4141-0624
 Website: www.equoterapia.org.br / e-mail: centroequoterapia@equoterapia.org.br

Convênios



Patrocínio:

POUPEX

8. Ficha presença



Praticante: _____ Idade: _____

Diagnóstico Clínico: _____ Turno: ()MAT ()VESP

Programa de Equoterapia: _____ Turma: _____

____ SEMESTRE/20 ____ - _____ -FEIRAS – Sessões Previstas: _____ Sessões Realizadas: _____

Sessões	Data		Presença		Justificativa	Mediador(a)
	Dia	Mês	Sim	Não		
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						

____ SEMESTRE/20 ____ - _____ -FEIRAS – Sessões Previstas: _____ Sessões Realizadas: _____

Sessões	Data		Presença		Justificativa	Mediador(a)
	Dia	Mês	Sim	Não		
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						

____ SEMESTRE/20 ____ - _____ -FEIRAS – Sessões Previstas: _____ Sessões Realizadas: _____

Sessões	Data		Presença		Justificativa	Mediador(a)
	Dia	Mês	Sim	Não		
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						

_____ SEMESTRE/20__ - _____ -FEIRAS – Sessões Previstas: _____ Sessões Realizadas: _____

Sessões	Data		Presença		Justificativa	Mediador(a)
	Dia	Mês	Sim	Não		
1						
2						
3						
4						
5						
6						
7						
8						
9						
10						
11						
12						
13						
14						
15						
16						
17						
18						
19						
20						
21						
22						
23						
24						
25						

9. Ficha planeamento



PLANEJAMENTO INDIVIDUAL



SEMESTRE / ANO: ____/____

PRATICANTE: _____ TURMA: _____

INÍCIO DA TERAPIA: ____/____/____ D.N.: ____/____/____ IDADE: _____

PROGRAMA EQUOTERÁPICO: _____

DIAGNÓSTICO/CARACTERÍSTICAS: _____

OBJETIVOS:

GERAL: _____

ESPECÍFICOS: _____

ESTRATÉGIAS:

CUIDADOS ESPECIAIS:

MEDIADORES: _____

ENCILHAMENTO: _____

DATA: ____/____/____

